

ISSN 2448-1068

REVISTA

PORQUE AMAMOS  
LIVROS

# conexão Literatura

Distribuição Gratuita

Janeiro/2021

nº 67

www.revistaconexaoliteratura.com.br

© Marcus Garcia de Almeida

## MARCUS GARCIA DE ALMEIDA

AUTOR DO LIVRO ACHA QUE SOU IDIOTA?  
UMA CRÔNICA DO MUNDO CORPORATIVO

**E MAIS**

ENTREVISTAS COM ESCRITORES  
CONTOS, CRÔNICAS E DICAS DE LIVROS



# SUMÁRIO

JANEIRO DE 2021

Editorial: Por Ademir Pascale, pág. 03

Marcus Garcia de Almeida e o livro *Acha que sou idiota? Uma crônica do mundo corporativo*, pág. 05

O ABC de Padre Antônio Vieira, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 15

Dicas de livros, pág. 18

Poema: Fênix Rubra, por Luciana Lana, pág. 19

Literatura: Romance: A música do seu coração - Cap. 11: Cortinas de seda, o seu corpo nu, por Raimundo Colares Ribeiro, pág. 22

Céu de letras - Português Amoroso, por Mayanna Velame, pág. 27

Literatura: Espanca: a Flor da poesia portuguesa, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 30

Artigo científico: Educação no campo *versus* educação do campo: conceituações e processos de ensino-aprendizagem escolar, por Marcos Pereira dos Santos e Alivan Freitas Lima, pág. 34

Entrevista com a autora Brendda Neves, pág. 46

Entrevista com o autor André Oliveira, pág. 50

Entrevista com o autor Franccis Yoshi Kawa, pág. 53

Entrevista com o autor Jardel Amaral, pág. 56

Entrevista com a autora Nayara Lemes, pág. 59

Entrevista com o autor Pedro Ferreira, pág. 64

Entrevista com a autora Rosana Pugina, pág. 68

Entrevista com o autor Raphael da Costa, pág. 73

Entrevista com a autora Renata da Costa, pág. 75

Conto: "O domingo do senhor Stanley", por Massilon Silva, pág. 77

Contos: "Circos", "Alma" e "Por que nos apegamos as coisas?" por Wolhfagon Costa de Araujo, pág. 81

Conto: "Sonhos caninos", por Liana Zilber Vivekananda, pág. 85

Conto: "Jedaimos", por B. B. Jenitez, pág. 88

Conto: "Histórias da dona Bárbara: você acredita no sobrenatural?", por Míriam Santiago, pág. 95

Conto: "O ciclo do monge Laus", por Roberto Schima, pág. 98

Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 105

## EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)

Mayanna Velame - Colunista

## CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html)

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html)

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html)

Para entrar em contato: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



ademirpascale

# EDITORIAL

Início de ano. Novos sonhos, novas etapas e muito trabalho. E para começarmos com o pé direito, destacamos o professor, palestrante e escritor Marcus Garcia de Almeida, autor do excelente livro *Acha que sou idiota? - Uma crônica do mundo corporativo*. Confira a entrevista exclusiva que fizemos com ele.

Nas páginas que seguem o leitor também encontrará dicas de livros, entrevistas com escritores, crônicas, contos e muito mais.

Para saber como participar da nossa edição de fevereiro, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

Tenha uma ótima leitura!

— *visão* —  
conexão  
**LITERATURA**

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



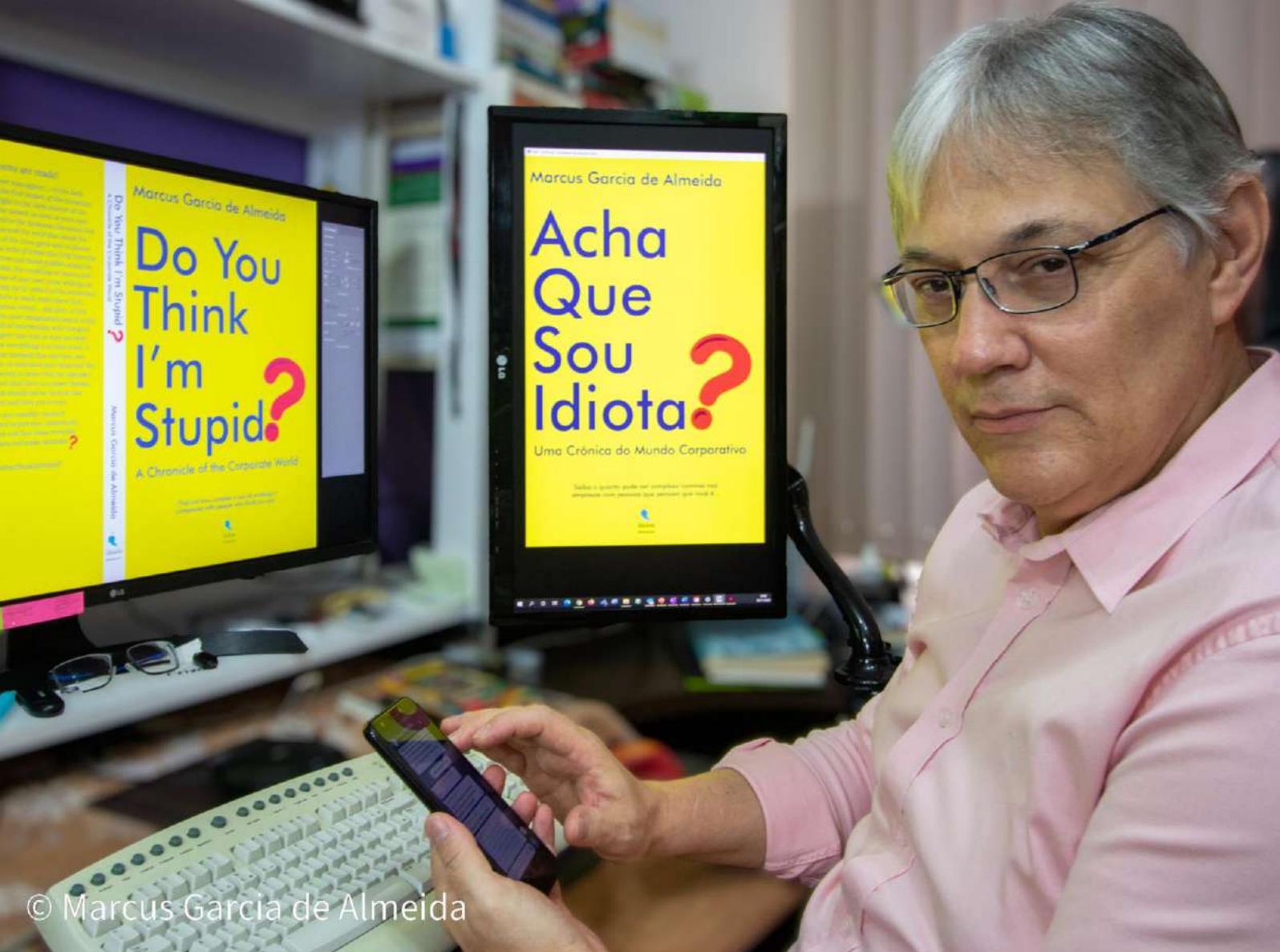
**Ademir Pascale**  
Editor-chefe

Há muitas pequenas maneiras de ampliar o mundo do seu filho. O amor pelos livros é a melhor de todas.  
— Jacqueline Kennedy Onassis



*“Entendo que uma pessoa que decide dedicar algumas boas horas numa leitura, precisa sentir-se parte do que estou trazendo para ela. Quero levá-la comigo naquela jornada. Preciso sentir que consegui isso para eu ficar satisfeito com o resultado. Um bom texto precisa ter essência, alma verdadeira!”*

— Marcus Garcia de Almeida



© Marcus Garcia de Almeida

**MARCUS GARCIA DE ALMEIDA - FOTO DIVULGAÇÃO**

## **MARCUS GARCIA DE ALMEIDA E O LIVRO**

# **ACHA QUE SOU IDIOTA? UMA CRÔNICA DO MUNDO CORPORATIVO**

**Você acha mesmo que já viu de tudo no mundo corporativo e pensa que sua experiência e dedicação te deixaram em um nível de preparo adequados para enfrentar todos os tipos de desafios? Sinto dizer, mas você ainda não viu nada!**

### **Descobrimo como funcionam as grandes decisões!**

Você já percebeu que dentro das empresas ocorrem determinadas situações que são flagrantes, mas os gestores dos mais variados níveis fazem de conta que está tudo normal? Por exemplo, um colega seu com bem menos tempo de casa do que você é promovido e você continua na mesma. Tudo normal? Seu chefe contrata uma pessoa bem mais nova que você para um cargo igual ao seu, mas ganhando muito menos do que você e o chefe te deixa responsável por treinar o novo colega, pois você é bastante experiente. Tudo

normal? Você recebe um convite para assumir o desafio de um novo projeto muito complexo por causa de sua vasta experiência, mas seu salário não muda. Tudo normal?

Há um momento quando algumas decisões são tomadas em nosso íntimo que nos geram um sentimento de poder ou de empoderamento, ou ambos.

É como se você fosse entrar sozinho(a) numa caverna escura e desconhecida numa floresta longe da civilização. Há um misto de medo, insegurança, frio na barriga, pavor... a adrenalina jorra pelas veias e te faz ficar alerta ao máximo e pronto para correr, ou atacar, ou se defender do que quer que possa aparecer... na escuridão. Passado o impacto inicial da transição da claridade para o escuro interior da caverna, logo que seus olhos se acostumam à escuridão; o som também muda e o vento que agitava as folhas das árvores cede espaço para o silêncio e o eco de gotas que pingam das estalactites e fazem poças pelo caminho escuro, o crepitar de insetos e o barulho do seu próprio caminhar ao pisar na terra úmida, se somam a sensações de que há por ali muito mais do que seus sentidos revelam... e então, neste momento, sua imaginação começa a preencher o vazio de informações com pensamentos de perigos que podem existir ou não, pois tudo está em sua mente. É nesse momento que você tem duas opções: dominar sua mente e sentir-se empoderado(a) para avançar no desconhecido, ou sentir que há um poder além de você que não deve ser enfrentado naquele momento e então você recua.

Você se considera preparado(a) para perceber, entender, avaliar e enfrentar estas situações do cotidiano e tomar decisões?

## Entrevista

### **Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

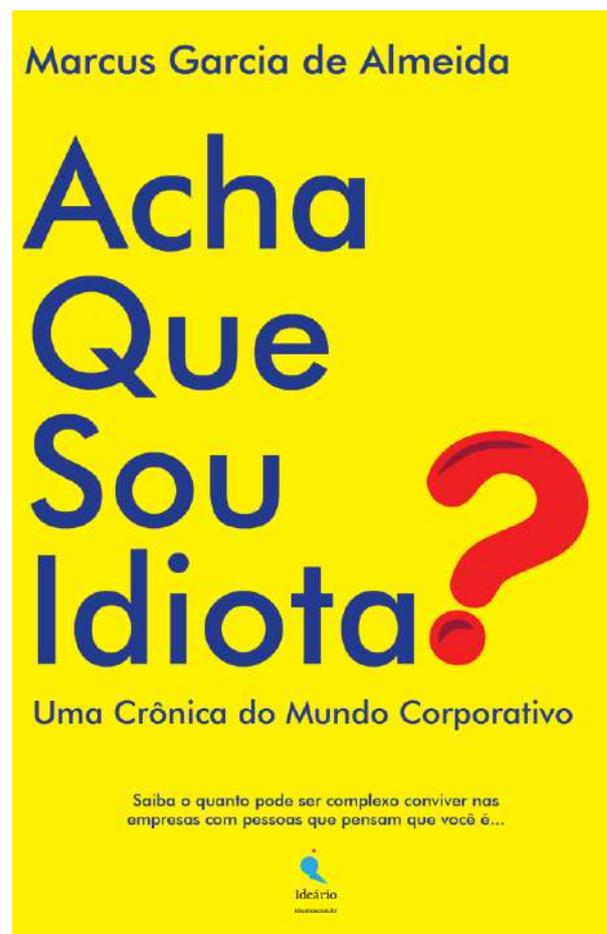
Marcus Garcia de Almeida: Na adolescência eu escrevia pequenos poemas, alguns contos e pensamentos. Coisa de jovem tímido naquela época. Aos 17 anos pisei pela primeira vez em uma sala de aula como professor. Naquela época, em 1983, recém ingresso na faculdade de tecnologia da informação, energia no corpo, sonhos na cabeça. Desde aquele momento, apesar das muitas dúvidas inerentes à pouca maturidade, uma certeza eu tinha: ser professor e estar na docência deveria ser uma de minhas atuações profissionais. Em 1988 coloquei na cabeça que precisava publicar algo, “um livro”, eu pensava. Internet não havia. Contato

com editoras e editores só por correio (carta escrita, com envelope, selo e tudo mais) ou telefone. Foram dez anos de cartas e mais cartas (foram centenas) enviadas com os originais para editoras, buscando alguém que apostasse em meu projeto. Ah, nada era impresso ou editado em computador, mas datilografado e depois “xerocado”. As respostas que voltavam das editoras, além de demorarem meses, eram sempre muito parecidas: “...agradecemos seu interesse e confiança em nossa editora, mas...”. Se naquela época houvesse Control + C, Control + V eu certamente diria que as respostas eram assim redigidas, uma como cópia da outra. Em 1999 uma jovem Editora do Rio de Janeiro, a BRASPORT, confiou e aceitou minha proposta. Um professor, já não tão jovem, então com 33 anos, que

queria publicar não apenas seu primeiro livro. Na verdade, seria uma série com seis livros, projeto de sucesso! De lá para cá, já lá se vão 22 anos de trabalho editorial. São vários livros publicados, mais de 20 só de minha autoria além das diversas obras que organizei, e agora tenho meu próprio selo editorial, a IDEÁRIO ([www.idearios.com.br](http://www.idearios.com.br)). Há duas certezas que tenho firme na cabeça. A primeira é que “conhecimento não ocupa espaço” e a segunda, que “tudo que aprendemos não nos pertence, mas sim, ao mundo, portanto deve ser compartilhado!”.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro “Acha que sou idiota? (Do You Think I’m Stupid: A Chronicle of the Corporate World)”. Poderia comentar?**

Marcus Garcia de Almeida: A primeira vez que pensei em escrever algo assim, foi há cerca de dez anos. Sempre fui muito observador. Devido minha atuação em consultoria empresarial, tive (e tenho) a oportunidade de conviver em organizações empresariais de todos os tipos, portes, categorias, nacionais, multinacionais, transnacionais e com variados sistemas organizacionais. Em minhas andanças sempre percebi o comportamento das pessoas nas empresas oscilando entre o amor (em alguns casos chegando até a uma espécie de devoção), enquanto outras cultivam verdadeira ojeriza das empresas onde trabalham. Essa dicotomia entre amor e ódio merecia ter uma abordagem minimamente curiosa e sempre pensei que deveria tentar levar isso para meus leitores. Recentemente (ainda esse ano logo que começamos com a onda da pandemia do Coronavírus, (COVID-



19), ainda lá em março/2020 e estando praticamente recluso em meu home-office, comecei a perceber essa dicotomia de forma ainda mais forte. Principalmente durante as muitas reuniões em salas virtuais. Foi então que decidi começar a rascunhar o livro e assim nasceu “Acha que sou idiota? Uma crônica do mundo corporativo.”. Bom sou suspeito, mas ficou uma delícia de história, uma crônica de fato, sobre essa relação de amor e ódio das pessoas com as empresas onde trabalham e entre as próprias pessoas dentro dessas empresas é claro. É minha primeira obra lançada simultaneamente em português e inglês, na verdade também é a primeira obra em inglês. A adaptação requerida para a internacionalização da crônica, preocupando-se com as personagens e as situações corporativas, foi um episódio à



parte. Adorei o resultado e estou muito empolgado com o lançamento mundial pela plataforma da Amazon agora em Dezembro. Ela está disponível em Kindle e formato convencional tanto em português quanto em inglês.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação e qual é o seu principal público-alvo?**

Marcus Garcia de Almeida: Como sou bastante observador e detalhista tenho a tendência a ser metucioso, descritivo, minucioso mesmo. Adoro os detalhes. Nuances, texturas, emoções, sensações e percepções. Entendo que uma pessoa que decide dedicar algumas boas horas numa leitura, precisa sentir-se parte do que estou trazendo para ela. Quero levá-la comigo naquela jornada. Preciso sentir que consegui isso para eu ficar satisfeito com o resultado. Um bom texto precisa ter essência, alma verdadeira! Confesso que “Acho que sou idiota? Uma crônica do mundo corporativo” não é minha primeira incursão pela seara da crônica, mas é a primeira a ser publicada. Tenho alguns outros trabalhos que estão no estágio que chamo de amadurecimento. Volto neles sistematicamente e vou trabalhando, burilando, refinando... as ideias iniciais vão sendo reveladas. Num primeiro momento algumas se parecem com pedras brutas que precisam ser

lapidadas para ganharem a beleza desejada. Claro que como toda matéria bruta, algumas tem um substrato que não se revela promissor para mostrar o seu melhor pelo autor. Considero parte do processo de criação. Não sou de desistir fácil de uma pedra bruta. Meus escritos da adolescência, por exemplo, estão lá, amadurecendo. Uma hora eles estarão prontos para ganhar a luz aos olhos de pessoas que adorem ler o inusitado.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

Marcus Garcia de Almeida: Claro! Neste trecho a seguir uma das personagens está num dilema ético e precisa tomar uma decisão. Para isso traço aqui um paralelo metafórico bastante curioso.

“Há um momento quando algumas decisões são tomadas em nosso íntimo que nos geram um sentimento de poder ou de empoderamento, ou ambos. É como se você fosse entrar sozinho numa caverna escura e desconhecida numa floresta longe da civilização. Há um misto de medo, insegurança, frio na barriga, pavor... a adrenalina jorra pelas veias e te faz ficar alerta ao máximo e pronto para correr, ou atacar, ou se defender do que quer que possa aparecer... na escuridão. Passado o impacto inicial da transição da claridade para o escuro interior da caverna, logo que seus olhos se acostumam à escuridão; o som também muda. O barulho do vento que farfalhava as folhas das árvores cede espaço para o silêncio e o eco de gotas que descem das estalactites e pingam fazendo poças pelo caminho escuro, o crepitar de insetos e o barulho do seu próprio caminhar ao pisar na terra úmida, se somam a sensação de

que há por ali muito mais do que seus sentidos revelam... e então, nesse momento, sua imaginação começa a preencher o vazio de informações com pensamentos de perigos que podem existir ou não, pois tudo está em sua mente. É nesse momento que você tem duas opções: dominar sua mente e sentir-se empoderado para avançar no desconhecido, ou sentir que há um poder além de você que não deve ser enfrentado naquele momento e então você recua.”

### **Conexão Literatura: Como e quando foi o surgimento da Editora IDEÁRIO?**

Marcus Garcia de Almeida: Foi no final de 2015 que a ideia se consolidou mais fortemente. Nos anos que antecederam eu já havia publicado pela Editora BRASPORT (RJ) mais de dez obras. Naqueles anos eu já estava com outros projetos em andamento e um deles que viria a ser a coleção “Pérola Do Dia”. Dado as características peculiares desta nova coleção e depois de conversar e discutir muito com colegas de produção editorial, resolvi que era chegada a hora de apostar num selo editorial próprio que pudesse trabalhar na linha que poucas editoras trilham: *Filosofia do Pensamento (Epistemologia), Causalidade e Ser Humano*. Os trâmites legais que envolveram ajuste no contrato social da empresa (CNPJ), registro da marca no INPI e obtenção do prefixo editorial na Biblioteca Nacional, foram concluídos no início de 2017 quando já lançamos a primeira obra pelo novo selo: **“Fator Leonardo: Ação criativa mais primordial”**. Assim nasceu a IDEÁRIO. Em seguida já veio

o primeiro volume da coleção **“Pérola do Dia: REFLEXÃO”**, seguido de **“Sustentabilidade Estratégica: Possíveis caminhos”** e agora **“Acha Que Sou Idiota: Uma Crônica do Mundo Corporativo”** e **“Do You Think I’m Stupid: A Chronicle of the Corporate World”**. Esta última uma *english version* da sua homônima em português, adaptada para algumas peculiaridades culturais norte americanas.

### **Conexão Literatura: Poderia comentar sobre a linha editorial que ela segue?**

Marcus Garcia de Almeida: *Filosofia do Pensamento (Epistemologia), Causalidade e Ser Humano* resume a linha editorial da IDEÁRIO. Privilegiamos obras originais que apresentem e discutam de forma integrada a complexidade do ser humano em suas mais variadas dimensões (corpo, mente, alma – conjunto imanente –, espírito – ser não material –, cultura e sociedade); aceitamos receber originais para análise e estamos em estudo para publicação de algumas releituras críticas de obras clássicas em domínio público. Privilegiamos obras que tenham o aspecto humano em sua concepção (cultura e pensamento), pois ainda que uma obra seja de caráter mais técnico, nossa proposta é que o aspecto humano não seja um detalhe, mas a essência.

### **Conexão Literatura: A editora já tem um planejamento das obras que serão publicadas nos próximos anos?**

Marcus Garcia de Almeida: Além da coleção “Pérola do Dia”, programada para cinco volumes cujo primeiro deles (REFLEXÃO), já encontra-se disponível (<https://amzn.to/37iH89y>) tem o

segundo volume (VIDA) previsto para 2021, o terceiro volume (FAMILIAR) para 2022, o quarto volume (TRABALHO) para 2023 e o quinto volume (MORTE) para 2024. Temos também novas crônicas que estão sendo produzidas para 2021/2022; em 2021 deve ser também o primeiro romance histórico de um escritor marroquino; algumas obras na área da Filosofia do Pensamento devem sair também entre 2022/2023.

### **Conexão Literatura: Como os jovens autores e demais interessados deverão proceder para apresentarem suas obras?**

Marcus Garcia de Almeida: Encorajamos que escritoras e escritores diretamente ou através de seus agentes literários ou representantes legais proponham suas obras para nós. O processo é simples. Basta enviar para o e-mail [editor@marcusgarcia.com.br](mailto:editor@marcusgarcia.com.br) um arquivo formato .DOCX identificado com nome completo, endereço e telefone de contato. Nesse arquivo deverão estar:

- a) o resumo da obra (máximo de duas páginas ou 900 palavras);
- b) o primeiro capítulo e;
- c) um texto objetivo com os motivadores do autor(a) para a produção da obra proposta.

A proposta será analisada e caso seja compatível com nossa linha editorial daremos início às tratativas editoriais. A resposta da análise é devolvida em no máximo um mês.

### **Conexão Literatura: E sobre o desenvolvimento de oficinas de**

### **criação (Conto, Romance, Crônica, Ensaio, Teatro)?**

Marcus Garcia de Almeida: Bom, este é um trabalho de maestria para o qual sou procurado constantemente. A *Maestria Criativa* auxilia sobremaneira a elevar o nível da capacidade de escrita através de técnicas e exercícios específicos. Trabalham ainda com o desbloqueio criativo tornando a comunicação escrita mais efetiva no dia a dia profissional além de propiciar muita diversão para a narração de eventos reais ou ficcionais.

São pessoas das mais diversas áreas que têm o desejo (ou a necessidade) de escrever melhor e manifestar de maneira mais eficaz (e eficiente) suas ideias em suas próprias áreas de atuação. Para elas eu ofereço as oficinas de *Maestria Criativa*. Desenvolvida em formato de EaD com encontros ao vivo via sala virtual pela internet e que atendem aos mais variados estilos que vão dos contos às peças de teatro (algumas inclusive já foram encenadas em teatros aqui de Curitiba).

Todos que desejarem ou precisarem podem solicitar mais informações ao e-mail [professor@marcusgarcia.com.br](mailto:professor@marcusgarcia.com.br) colocando no assunto MAESTRIA CRIATIVA e no texto um resumo breve do que está buscando desenvolver em sua escrita.

### **Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no país?**

Marcus Garcia de Almeida: O hábito da leitura não é muito cultuado no Brasil e não é por causa do advento das mídias sociais ou da tecnologia digital. É um sinal dos tempos que a sociedade humana está vivendo e se reflete no Brasil e fora dele. No Brasil ano após ano

observa-se uma perda constante de leitores. O Instituto Pró-Livro divulgou em 11 de setembro último o resultado da sua pesquisa periódica sobre o tema e os resultados são alarmantes. Perdemos cerca de 5 milhões de leitores nos últimos cinco anos. A pesquisa foi realizada em parceria com o Itaú Cultural em 208 municípios de 26 estados entre outubro de 2019 e janeiro de 2020 e dá conta que metade dos brasileiros têm hábitos de leitura e leem em média 5 livros por ano, o que eu questiono, pois se isso fosse efetivo teríamos mais de 100 milhões de leitores lendo cerca de 500 milhões de livros por ano. Doce sonho, se isso fosse efetivo. Explico: se a PEA (População Economicamente Ativa) no Brasil é de aproximadamente 50% (IBGE, 2019) o que totaliza cerca de 105 milhões de pessoas e é esta parcela da população que efetivamente pode comprar livros, estamos falando de cerca de 50 milhões de pessoas que dizem ler até 5 livros por ano (em média) o que daria 250 milhões de livros, o que eu também duvido. Pois bem, faça você mesmo a seguinte pesquisa. Pergunte para 10 pessoas aleatórias que trabalhem na economia formal (com contrato de trabalho) ou informal, sendo que dessas 10 pessoas 5 devem ser conhecidas por você (incluindo você mesmo) e 5 não conhecidas por você. As perguntas seriam as seguintes: 1ª) quantos livros comprou nos últimos 12 meses; 2ª) quantos livros leu **integralmente** no mesmo período e 3ª) qual livro menos gostou e qual mais gostou. Você vai se assustar com o resultado de sua pesquisa pois o percentual de pessoas que não se lembrará nem do título do livro que comprou e diz que leu integralmente será pífio (tenderá a zero). Essa é uma



pesquisa interessante de você fazer, pois saberá qual o percentual efetivo de pessoas que leram os livros que disseram ter comprado e/ou lido.

A mudança deste cenário passa pelas escolas da Educação Básica e Superior. A escola cumpre um importante papel na ajuda para o desenvolvimento do hábito da leitura como algo que seja prazeroso e não como uma obrigação. Nós que somos professores fazemos nossa parte e sabemos que para ser prazeroso o livro deve ser sobre algo que gostamos. As famílias podem (na verdade devem) também fazer sua parte incentivando as crianças e os jovens a trocarem as redes sociais por bons momentos de leitura em família.

### **Conexão Literatura: E sobre a sua motivação para a Editora Ideário e seu futuro?**

Marcus Garcia de Almeida: Quero que a Editora Ideário possa se tornar um farol que brilhe cada vez mais intensamente para continuar iluminando os caminhos na mente de nossos leitores, metaforicamente falando.

### **Conexão Literatura: Como os interessados deverão proceder para**

### **saberm mais sobre a Editora Ideário?**

Marcus Garcia de Almeida: Temos nosso site web [www.idearios.com.br](http://www.idearios.com.br) (sim, o site é no plural), no qual compartilhamos nossa linha editorial, nosso catálogo, lançamentos, blog, publicações, podcasts e muito mais.

### **Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

Marcus Garcia de Almeida: Não vou repetir aqui o clichê do “seja persistente, não desista, persevere e blá, blá, blá...”, mas prefiro dizer o seguinte. Se o chamamento para compartilhar suas ideias, pensamentos, sentimentos e visões de mundo surgir em seu íntimo, e isso tudo for efetivamente muito forte e realmente autêntico, ou seja, não é algo artificial que você está buscando apenas por um “modismo” ou porque acha que lhe dará fama e essas coisas, então faça o que é preciso: tenha disciplina e escreva, com seu coração, mas tendo sempre sua mente como guia.

### **Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os livros da Editora Ideário e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho como escritor, palestrante, pedagogo e mentor?**

Marcus Garcia de Almeida: Os lançamentos estão nas lojas Amazon em todo o mundo ou podem ser acessados pelo site da Editora IDEÁRIO em [www.idearios.com.br](http://www.idearios.com.br). No meu site há outros trabalhos que desenvolvo e podem ser conhecidos em [www.marcusgarcia.com.br](http://www.marcusgarcia.com.br).

Especificamente para quem estiver buscando adquirir “*Acha que sou idiota?*”

*Uma crônica do mundo corporativo*” ou quem prefira a versão em inglês “*Do You Think I’m Stupid: A Chronicle of the Corporate World*”, pode acessar no link: <https://bit.ly/3mG32sv> e ir direto para a *hot site* com os links para várias lojas virtuais.

### **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Marcus Garcia de Almeida: Sim, vários. A coleção Pérola Do Dia, por exemplo, planejada em 5 volumes está com o primeiro deles, intitulado REFLEXÃO, disponível e pode ser encontrado pelo link <https://bit.ly/3gGerFK>. VIDA será o título do segundo volume da coleção e é esperado para o segundo semestre de 2021 e promete muitas emoções. Outro trabalho que está no forno é um romance de base histórica que será um verdadeiro desfile pelos recônditos das ilicitudes da mente humana e cuja trama caminhará por milênios de segredos, mistérios e suspense. Seu autor é o marroquino *Abu l-Malika Kamal*.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: Spartacus

Um ator ou atriz: Kirk Douglas

Um filme: Matrix, a trilogia

Um hobby: Cultivar plantas ornamentais

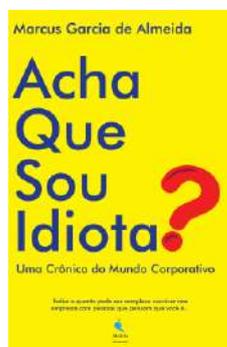
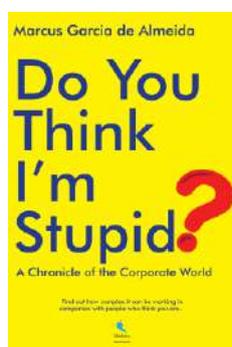
Um dia especial: Sempre que um novo livro é publicado. Este é um dia especial, pois uma nova luz começa a brilhar na constelação de possibilidades criada pela mente humana.

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

Marcus Garcia de Almeida: Nós da Editora Ideário vemos 2021 como uma janela que se abrirá a muitas e novas oportunidades, mas apenas para as pessoas que estiverem bem preparadas não apenas profissionalmente, mas também pessoalmente. A cultura de e para a leitura precisa ser recuperada. Eu sinto muita pena das pessoas que nada ou pouco leem e acham que sabem de tudo, o conhecido efeito Dunning-Kruger. É o que eu chamo de paradoxo da leitura: quanto menos uma pessoa leu, mais ela acha que sabe. Conclamo que as pessoas parem de se iludir com os perniciosos memes e Fake News veiculados em linhas de tempo de redes sociais e grupos de mensagens para que possam se concentrar em efetivamente tornarem-se seres humanos melhores, o

que só pode ser conquistado pela dedicação em seu desenvolvimento pessoal.

As vezes posso ser um pouco duro em minhas palavras e apesar de ser defensor da comunicação não violenta, há fatos que devem ser revelados de uma vez para que a consciência do leitor desperte para o que é relevante ao seu desenvolvimento pessoal. Apesar de tudo isto que eu trouxe aqui, acredito muito que as novas gerações, principalmente as nascidas nas últimas três décadas, precisam mais do que nunca olharem para o tamanho das possibilidades que têm em suas mãos e aproveitem os melhores anos de suas vidas também para ler mais.



#### FICHA TÉCNICA:

Autor: Marcus Garcia de Almeida

Editora: IDEÁRIO

1ª edição

Idioma: : Português ou Inglês

Número de páginas: 206 páginas

**SOBRE O AUTOR:** O professor **Marcus Garcia de Almeida** é Pedagogo e Especialista em Gestão do Conhecimento nas Organizações. Cursou o Mestrado em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação (Conceito CAPES 4). Diretor da Editora IDEÁRIO, selo editorial para Teoria do Conhecimento (Epistemologia), Causalidade e Ser Humano. É escritor, autor e pesquisador nas áreas de educação, aprendizagem, docência, gestão, comunicação e inovação. Possui centenas publicações entre livros, ensaios e artigos científicos nacionais e internacionais. Atua na docência universitária tanto na graduação como na pós-graduação, além de formação contínua em empresas e em diversas instituições de ensino brasileiras. É ainda Especialista em Inteligência Emocional, Palestrante e Mentor. Mas fica muito contente em ser chamado apenas de Professor Marcus Garcia, simples assim!

# CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES



Acesse o nosso site e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

Facebook: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura



IMAGEM: REPRODUÇÃO

# O ABC DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Por Gilmar Duarte Rocha

## Literatura

A obra completa de Antônio Vieira, religioso católico, jesuíta, nascido em Portugal (Santarém – 1608) e falecido no Brasil (Salvador – 1697) abarca mais de 30 volumes, compreendendo sermões, epístolas diplomáticas, tratados proféticos, entre outros escritos, tornando-se, reconhecidamente, um dos maiores escritores da língua portuguesa e, por corolário, o primeiro grande escritor brasileiro, visto que o clérigo adotou o Brasil como pátria, tendo passado a maior parte de sua vida em terras tupiniquins, onde usou todo o seu talento, verve e disposição para empreender obras de catequização na Bahia, no Maranhão e no Grão-Pará, além advogar em pró da dignidade de vida dos cristãos novos, iniciativa que lhe custou caro, visto que toma partido na questão de disputa de terras brasileiras entre os holandeses e portugueses.

Após cair em desgraça em razão de ter se envolvido nessa desavença internacional, retorna a Portugal, àquela altura reino já emancipado da Espanha, e começa a escrever vigorosamente, publicando em 1642 os “Sermões dos Bons Anos”, obra em que critica com veemência o período de dominação hispânica sobre o império luso, ganhando notoriedade na corte de Lisboa e a simpatia do Rei Dom João IV.

A partir dessa data, o padre escritor, além de empreender missões diplomáticas em favor Portugal, desanda a escrever e publicar com prodigalidade. Volta ao Brasil pouco tempo depois e dá sequência ao seu maravilhoso trabalho jesuítico.

Eis um prosaico resumo da vida de Antônio Vieira.

A obra, para quem deseja se arvorar num legado de sabedoria e de palavras que nos parecem hodiernas e proféticas, recomendo, antes, a leitura do livro *“Traços Marcantes da Vida e da Obra de Pe. Antônio Vieira”* (Thesaurus, 2008), de autoria do acadêmico e doutor em teologia padre José Carlos Brandi Aleixo, um breviário bem escrito por um expert nas ciências da fé e da luz, que expõe com maestria alguns dos principais tópicos dos sermões do nobre escritor barroco.

Brandi Aleixo, com organização e didatismo, coloca em destaque trechos com comentários de alguns sermões de Vieira, como “Sermão das sexagésimas”, “Sermão aos peixes”, “Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal”, “Sermão do bom ladrão”, “Sermão do Espírito Santo”, “Sermão da epifania”; e outros textos que parecem terem sido escritos ontem.

No esquema literário exposição, glosa e glosa complementar, que parecem típicos da obra do padre luso-brasileiro, são abordados no livro *“Traços marcantes...”*, sempre com muita lucidez, temas como “A defesa do Brasil”, “Denúncia da corrupção”, “Judeus e Cristãos-Novos”, “Índios”, “Defesa dos Índios”, “Escravos”, “Evangelificação” e muitos outros.

Particularmente, me chamou à atenção um trecho que Padre Aleixo destacou sobre a questão corrupção e que me parece extremamente oportuno e que de certa forma nos deixa desconsolados se compararmos o texto com a vida atual. Eis uma parte do trecho:

#### **“LEITOR A**

*‘Chamam-se sátrapas, porque costumam roubar assaz. E este assaz é o que especificou melhor São Francisco Xavier, dizendo que conjugam o verbo furtar por todos os modos. O que posso acrescentar, pela experiência que tenho, é, que não só do Cabo da Boa Esperança para lá, como também das partes d’aquém, se usa a mesma conjugação...’*

#### **“LEITOR B**

*‘Furtam pelo modo imperativo, pois como têm o mero e misto império, todos eles aplicam despoticamente às execuções de rapina. Furtam pelo modo mandativo, porque aceitam quanto lhes mandam; e para que mandem todos, os que não mandam não são aceitos...’*

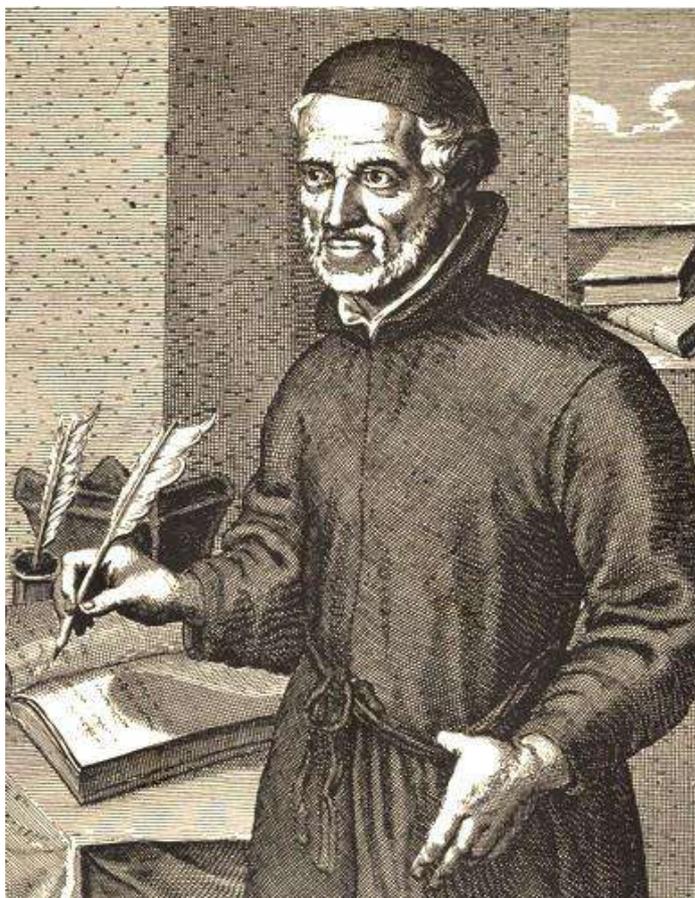
Nesse tema tão caro e que o ser humano parece carregar no seu código genético, há ainda uma glosa complementar do leitor A. Vejamos o início:

#### **“LEITOR A**

*‘Furtam pelo modo potencial, porque sem pretexto, cerimônia usam de potência. Furtam pelo modo permissivo, porque permitem que outros furtem, e estes compram as permissões. Furtam pelo modo infinitivo, porque não tem fim o furtar com o fim do governo, e sempre lá deixam raízes, em que se vão continuando os furtos...’*

Não restam dúvidas sobre a contemporaneidade do pensamento do escritor Antônio Vieira e os seus sermões e outros escritos; sobre o interesse de um autor de formação religiosa em assuntos laicos, sobretudo humanos; sobre a resistência ao tempo e aos governantes de época, desviando caminhos, pegando atalhos, tal qual Sêneca no conturbado e perigoso período da fase inicial do império romano, sem, contudo, afastar-se dos seus valores, do seu conceito de vida e da difusão de suas opiniões.

O livro chave do mestre Brandi Aleixo, elaborado para homenagear os 400 anos de nascimento do gênio brasileiro (de berço português), é curto, inspirado e certo. O que era para ser uma consagração pura e simples, tornou-se peça literária obrigatória para os leitores neófitos em letras do período barroco e interessados em imergir na vasta obra literária do Padre Antônio Vieira.



**Padre Antônio Vieira, por Arnold van Westerhout (1651-1725)**

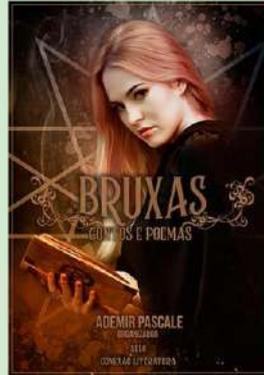
**Gilmar Duarte Rocha**, eleito para a Academia Brasiliense de Letras, é autor de oito livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Pretende mandar ainda este ano para o prelo mais um romance, "A arte do ilusionismo", épico escrito em estilo vintage.

# DICAS PARA LEITURA



**A mulher jornalista no cinema**  
Beatriz dos Santos Viana

[Acesse](#)



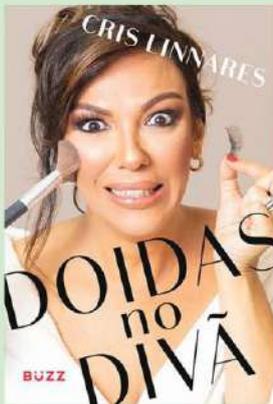
**Bruxas**  
Ademir Pascale (org.)

[Acesse](#)



**Crepe, neve e chocolate**  
LS Fontaine

[Acesse](#)



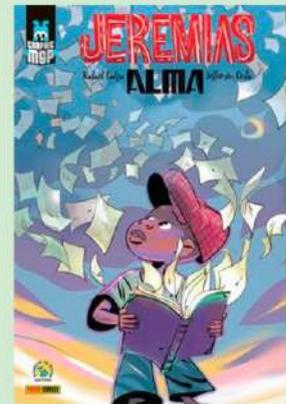
**Doidas no Divã**  
Cris Linnaires

[Acesse](#)



**Versos Inversos**  
Brendda Neves

[Acesse](#)



**Jeremias - Alma**  
Rafael Calça e Jefferson Costa

[Acesse](#)

*“Muitos homens iniciaram uma nova era na sua vida a partir da leitura de um livro.”*  
– Henry David Thoreau

# Fênix Rubra

## Por Luciana Lana

FOI VOCÊ ... SEM DÚVIDA QUE FOI.  
APROXIMOU-SE DE MIM,  
ABRAÇOU-ME,  
MOSTROU-ME A DOÇURA  
DE PERTENCER-TE,  
E SE FOI...

DEPOIS DO GRANDE VAZIO  
VOLTASTE  
EM SEUS DESEJOS,  
MEUS ANSEIOS EMBALASTES!  
GUIASTES MINHA VONTADE  
E AO CANSAR - SE  
ME DISPENSASTES...

OH! DIAS ATROZES EU VIVI  
EM ETERNO PRANTO  
E IRREMEDIÁVEL DESALENTO...  
MAS COMO FÊNIX RUBRA  
DAS CINZAS RENASCI  
PARA AVALIAR A TI  
E A MIM!

E COMO QUEM DESCOBRE  
UM HORIZONTE PARALELO  
PERCEBI  
QUE ÉS NADA  
E ÉS TUDO  
SE ASSIM EU O DECIDIR...

E, AGORA,  
QUE JÁ NÃO HÁ LÁGRIMAS  
NEM DESESPERO

PERGUNTO - TE:  
DESEJARÁ TU SER OU NÃO - SER?  
QUERER OU NÃO- QUERER?  
EXISTÊNCIA OU OMISSÃO?  
SOLIDÃO OU EU E VOCÊ?

ESCOLHAS BEM ...  
POIS, TEU DESTINO,  
SOMENTE A TI CABE  
E A MAIS NINGUÉM

**Luciana Lana** é Doutoranda em Estudos Literários na Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), Tangará da Serra, MT, Brasil. Mestre em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS. Atualmente, professora da Escola Estadual Dona Rosa Frigger Piovezan, no município de Comodoro-MT. E-mail:luciana.costa@unemat.br.



**Divulgue  
o seu  
livro**



**PACOTE DIVULGAÇÃO  
PARA AUTORES**  
POR APENAS  
**R\$100**

O pacote inclui entrevista com o autor(a), divulgação nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram e publicação na revista literária e digital Conexão Literatura

**Bônus:**

Você ainda ganha a publicação do release no site da revista



agilidade



público-alvo



apareça



novas ideias

## DESTAQUE O SEU LIVRO

Somos especialistas em divulgação de livros e autores. Conheça o Pacote Divulgação Para Autores e veja o custo/benefício em divulgar o seu livro conosco.

# SAIBA MAIS. ACESSE:

**WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

Ou escreva para: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale



## ROMANCE

# A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO \*POR RAIMUNDO COLARES RIBEIRO

## Capítulo 11: Cortinas de seda, o seu corpo nu

### Literatura

---

A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO estava de volta aos rádios receptores de toda cidade, dando continuidade à sua programação superanimada de 31 de dezembro de 1983. Tocava RING MY BELL, com Anita Ward. Essa música, seja dito de passagem, foi a número um nas paradas da Billboard Hot 100 e na Soul Singles, alcançando, também, a primeira posição na parada de singles do Reino Unido. O disco foi lançado em 1979. A composição é de F. Knight.

– Esta é a sua Rádio nota 10, a mais gostosa da cidade!!! Vocês ainda se lembram dos vencedores do Troféu Imprensa deste ano? Vamos lembrá-los? Eles foram eleitos no dia 9 de janeiro de 1983, nos estúdios da TVS, em São Paulo. Acompanhemos a listagem:

- *Melhor Humorista Masculino:* Chico Anysio (Rede Globo);
- *Melhor Filme Seriado:* Casal 20 (Rede Globo);
- *Melhor Cantora:* Gal Costa;
- *Pessoa do Ano:* Banda Blitz, eleita a banda do ano;
- *Melhor Programa Infantil:* Bozo (TVS);
- *Melhor Humorista Feminina:* Maria Teresa (Rede Bandeirantes);

- *Melhor Apresentador*: Flávio Cavalcanti (Rede Bandeirantes);
- *Melhor Programa de Entrevistas*: Programa Ferreira Netto (Rede Bandeirantes);
- *Melhor Locutor Esportivo*: Silvio Luiz (Rede Record);
- *Melhor Comercial*: Sharp;
- *Melhor Programa Humorístico*: Chico Anysio Show (Rede Globo) / Os Trapalhões (Rede Globo);
- *Melhor Programa Jornalístico*: O Povo na TV (TVS) / Show Sem Limite (TVS);
- *Melhor Música*: Samurai (Djavan);
- *Melhor Apresentador de Telejornal*: Carlos Campbell (Rede Globo);
- *Melhor Desenho Animado*: Tom & Jerry;
- *Melhor Programa de Auditório*: Programa Silvio Santos (TVS);
- *Melhor Jurado*: Pedro de Lara (TVS);
- *Melhor Novela*: Elas Por Elas (Rede Globo);
- *Melhor Atriz*: Irene Ravache (Rede Globo);
- *Melhor Ator*: Luiz Gustavo (Rede Globo);
- *Melhor Animador*: Chacrinha (Rede Globo);
- *Melhor Cantor*: Djavan;
- *Canal de TV do Ano*: TV Globo.

– Parabéns a todos os vencedores do Troféu Imprensa!!! Você que nos sintoniza agora seja muito bem-vindo. Esta é a sua Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, que se orgulha de tê-lo como amigo querido. A cidade está adorando este musical!!! Todos gostamos de boa música, não é mesmo? Quem nunca sonhou ter uma menina veneno? A próxima canção é interpretada por Ritchie, que também a compôs em parceria com Bernardo Vilhena. O disco traz o selo Epic e foi gravado neste ano de 1983. É um compacto simples. Querida assistente, você poderia ler os nove primeiros versos dessa canção? Perdão, a Kátia está recebendo ilustres visitantes. Então, vamos nós:

*Meia-noite no meu quarto,  
Ela vai subir  
Ouço passos na escada,  
Vejo a porta abrir  
Um abajur cor de carne,  
Um lençol azul  
Cortinas de seda,  
O seu corpo nu  
Menina veneno...*

Nos estúdios da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, a colaboradora Karla aguardava o sinal para tomar parte na programação, oportunidade em que indicaria a sua melodia preferida. Convidada ao bate-papo com o locutor, disse ser proprietária de uma confeitaria, onde vendia tortas, bolos, pudins e outros pratos doces. Mas, conforme nos revelou, também aceitava encomendas de salgadinhos. A mensagem que encaminhou à coordenação do programa musical, mostrada ao público ouvinte, era essa:

O cara é lindo e muito talentoso. Desembarcou da Inglaterra e canta quase perfeito em nosso idioma português. Quantas vezes sonhei em subir as escadas... Ficaram assanhados? Calma gente, apenas sonhei, pois ainda não me é permitido fazer essas coisas. Talvez quando eu estiver casada e tão somente com o meu marido. Tudo explicado? O nosso casamento já está marcado para o mês de maio do próximo ano. A música é demais e o meu noivo adora!!! Toquem MENINA VENENO, por favor. Neste final de ano, meu amado e eu estamos muitos felizes. A música, eu dedico com carinho a ele. Beijos, meu amor, te amo!!!

– Maravilha!!! MENINA VENENO é a música indicada pela Karla. Seu intérprete, que já cantou em coral de igreja, na Alemanha, é popular e muito querido. Quem não se lembra do Ritchie? Querida assistente, alguma anotação sobre o Ritchie?

– Sim. O cantor Ritchie nasceu em Beckenham, Condado de Kent, no Sul da Inglaterra. Em 1972, desembarcou em São Paulo. Anos depois, mudou-se para o Rio de Janeiro. Neste ano de 1983, lançou um compacto simples com as músicas “Menina Veneno” e “Baby, Meu Bem”, que já vendeu centenas de milhares de cópias. Lançado também neste ano, o seu LP intitulado “Voo de Coração”, com as canções “Menina Veneno”, “A Vida Tem Dessas Coisas”, “Casanova”, “Pelo Interfone”, “Tudo Que Eu Quero” e “Voo de Coração”, entre outras, está batendo recorde de distribuição e, segundo expectativas da sua gravadora, deverá ultrapassar a casa de 1 milhão de cópias vendidas.

Perguntei ao sonoplasta se estava tudo em ordem, pois, ansiosos, todos já esperávamos ouvir MENINA VENENO, sucesso absoluto na voz de Ritchie. Na sequência, a produção incluiu as músicas ME AND YOU, composição de John Burn’s, Joe e D. MacLean, na voz de Dave Maclean; e, ainda, MAS QUE FRIO FAZ com Ed Wilson.

### **SONOPLASTIA:**

Músicas: MENINA VENENO (1), ME AND YOU (2) e MAS QUE FRIO FAZ (3).

– Estamos detonando em audiência!!! Ninguém segura a sua Rádio show, que traz a marca da boa música!!! Em *begê*, MAS QUE FRIO FAZ (Ma Che Freddo Fa), composição de Migliacci, Mattone e Leno. O cantor Ed Wilson, de acordo com as pesquisas da nossa assistente de locução, nasceu na Cidade do Rio de Janeiro, tendo sido criado no bairro carioca de Piedade. Com Renato Barros e Paulo César Barros, seus irmãos, fundou a banda Renato e Seus Blue Caps, iniciando sua carreira musical. Fez parte do movimento Jovem Guarda. Cantando solo, alcançou sucesso com as músicas “Sandra”, “Saudade”, “Sem Seu Amor”, “Se Você Quer” e “Mas Que Frio Faz”, entre outras. Agora, fique ligado nesta notícia: As quatorze músicas que compõem o álbum “Sol de Verão” fazem parte da trilha sonora da novela de mesmo nome, exibida pela Rede Globo. Entre as músicas que integram o LP citamos: “Tempo Quente” (Ricardo Graça Mello), “Tempos Modernos” (Lulu Santos), “Questão de Tempo” (Nara Leão),

“Esfinge” (Djavan), “Tendência” (Beth Carvalho), “Tal Qual Eu Sou” (Lucinha Araújo, com participação especial de Vital Lima), e “Só o Tempo” (Paulinho da Viola). Esse disco foi gravado no ano passado, 1982, pelo selo SIGLA-Som Livre. Gostou? Aqui é o seu lugar!!!

\*\*\*

– Você ouviu RING MY BELL com Anita Ward. Hoje tem festa de *réveillon* em toda a cidade!!! No quadro QUAL O DISCO QUE VOCÊ MAIS OUVIU NESTE ANO DE 1983?, o nosso ouvinte Leandro Euclides, morador da Rua Nazaré, Bairro de Jerusalém, indicou o álbum AQUARELA DO BRASIL da cantora GAL COSTA, lançado, em 1980, pela gravadora Philips. O LP é composto por doze faixas. No Lado 1: “É Luxo Só”, “Já Era Tempo”, “Camisa Amarela”, “Na Baixa do Sapateiro”, “Folha Morta” e “No Tabuleiro da Baiana”. No Lado 2: “Jogada Pelo Mundo”, “Inquietação”, “Tu”, “Faceira”, “Novo Amor” e “Aquarela do Brasil”. Com certeza, é disco de sucesso na carreira vitoriosa da cantora Gal Costa!!!

Após rogar a DEUS para que concedesse a todos força, fé, coragem e esperança, a assistente de locução leu mais um cartão de boas festas. A mensagem trouxe-nos esse alerta:

Não fiquemos irritados por causa dos maus, nem tenhamos inveja dos injustos, porque o mau não tem futuro, e a lâmpada dos injustos se apagará. Lembrem-se: sinto-me feliz e privilegiada por tê-los como amigos. Amo muito vocês. Que a celebração do Natal traga muita paz!!! Muitas alegrias, sucesso e bênçãos no Ano Novo!!!

A Rita de Cássia, ouvinte frequente da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, autora dessa belíssima mensagem e moradora da Rua Marechal Deodoro, Centro, também recebeu os nossos sinceros agradecimentos e a retribuição dos votos de boas festas.

– Aqui é bom demais!!! Todo mundo está ouvindo, todo mundo está ligado na Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Estamos adorando este grande musical intitulado A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO. Na sequência: PEQUENINA com a cantora paraguaia Perla.

### TÉCNICA/VINHETA:

Você está ouvindo A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO, o supermusical de final de ano da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, neste sábado gostoso, dia 31 de dezembro de 1983!!! Adivinha de quem é o patrocínio? Isso mesmo, chancela total da Organização Comercial Agá-Erre e da Lanchonete Espírito Santo.

\***Raimundo Colares Ribeiro** é autor de 16 livros, entre eles “Capitais Brasileiras: Cidades Maravilhosas” e “A Música do Seu Coração”.

FELIZ 2021!!! As canções citadas no livro A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO estão postadas no nosso canal YouTube:

<https://www.youtube.com/channel/UChNWlt896004mDu3xGSihSw>

Revista

# PROJETO AUTOESTIMA

[WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM](http://WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM)

## PORQUE TER AUTOESTIMA FAZ TODA A DIFERENÇA

A Revista Projeto AutoEstima foi criada em maio de 2020 pela publicitária Elenir Alves. As edições da revista são digitais e a periodicidade é mensal, abordando textos sobre incentivo, motivação, autoajuda, gastronomia, cultura, lazer, cinema, beleza, saúde, psicologia, bem estar e muito mais.

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima.

Escreva para: [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com) - c/ Elenir Alves

100%  
ENERGIA

NASCIDA PARA O  
BEM ESTAR DOS LEITORES

MOTIVAÇÃO

Venha **conhecer**  
a **nossa** revista

[www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com](http://www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com)



# CÉU DE LETRAS PORTUGUÊS AMOROSO

POR MAYANNA VELAME

*(Para Flávio Vidigal)*

*Descanso o corpo desse texto / No travessão do nosso diálogo.*

O alfabeto embaralhado no papel, na primeira linha, uma letra ilegível e torta é solta. No outro extremo da folha, uma consoante pisca, enquanto uma vogal tagarela sem cessar.

Tento aproximá-las, mas a caneta agora pesa e oscila entre meus dedos. Estão cansados de tamborilar o vazio, a ausência que hoje existe aqui. Das lacunas da folha em branco, uma sílaba cintila, como uma estrela a despontar na solidão de um voo noturno.

Redigindo as primeiras frases, caso orações e uno períodos. Procuo a coesão de ideias, no entanto, hoje, minha gramática não segue regras e bajula todas as exceções possíveis.

!, ?... são as expressões emotivas que o meu coração, agora exhibe. Por ora, verbalizo tudo aquilo que está entranhável em mim. E prometo conjugar o verbo *amar* em todos os tempos, modos e pessoas. Até o discurso chegar a ti, como uma mensagem poética abraçada pela palavra paz.

Rabisco teu nome e quando rascunho o vocábulo: *amor*, o alfabeto entra em estado de fulgor. Meus parágrafos se alinham, são blocos concretos das minhas inferências. Aqui, neste pedaço de papel, o coração se materializa na minha caligrafia. E nesse caça-palavras incansável que me prendo. Palavras levantam a flâmula da liberdade.

Se algum dia, eu tropeçar nas vírgulas dos textos inacabados, confesso que irei repousar meu corpo no travessão do nosso diálogo, sem chances para qualquer ponto final.

Embaralho o alfabeto no papel, consoantes e vogais saltitam. Neste breve momento de interação, elas se apresentam para mim. E flamejando exibem o seguinte aviso:

### ESCREVA!

Tempos depois, as letras deixam o papel e voam. Seguem rumo à janela aberta. Em meio ao turbilhão de emoções, largo a caneta sobre a mesa, para acompanhar a constelação alfabética a dissertar no céu.

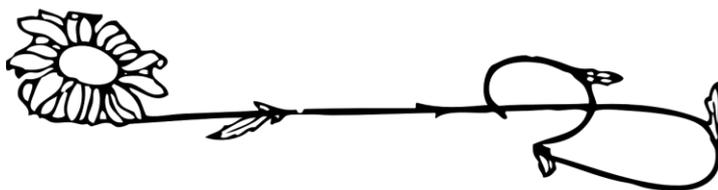
#### Português Amoroso I

Tropeço em vírgulas,

Retiro teu ponto final.

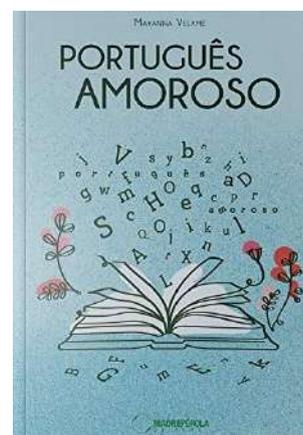
E, sobre ti, espalho

...



**Mayanna Velame** nasceu em Manaus em 1983. É formada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas, apaixonada pela língua portuguesa e uma professora querida por seus alunos. Escreve periodicamente contos, crônicas e poemas. O nome desta coluna, Português Amoroso, também é o título do seu primeiro livro de poesia, lançado neste 2020 pela Editora Madrepérola. Siga Mayanna Velame

no Instagram e Facebook no @portugues\_amoroso.





# CONHEÇA A COMUNIDADE INFLUXO E SEJA UM CRIADOR DE CONTEÚDO

"A COMUNIDADE INfluxo tem como principal meta congregar os ativistas e amadores dos diversos movimentos digitais, educacionais, sociais, étnicos, culturais, artísticos, musicais, literários, jornalísticos, acadêmicos, científicos, religiosos, xamânicos, terapêuticos, espirituais e ambientais. Bem como a comunidade em geral, sem distinção de idade, gênero, cor, nacionalidade, profissão, credo religioso e político. Para juntos expandirmos oportunidades culturais, ambientais e comunitárias. Enriquecendo e fortalecendo a comunidade na troca de saberes e conhecimentos pela internet. Visando enraizar práticas educativas e sustentáveis, em que Influenciadores dos vários países lusófonos do mundo participem como agentes multiplicadores, para fornecer um cardápio diverso de contatos, saberes, vivências, atividades e oportunidades."

Criadores de textos e escritores terão na INfluxo um espaço onde poderão abarcar seus textos criativos numa plataforma Orgânica, isso quer dizer totalmente pura de publicidades, para estarmos a um ambiente sadio, em que nossas criatividade tenham o verdadeiro e merecido destaque. É um espaço totalmente puro e gratuito, com as ferramentas mais avançadas na geração de leads, isso significa que em menos de 24 horas todos os links e textos postados já terão uma identidade nos maiores provedores de buscas mundiais como o Google, Yahoo e entre outros, funcionando em 99% dos servidores globais. Todas as tags de sua publicação se torna um código raiz na plataforma INfluxo, automaticamente se tornando um código tag viral nos provedores de buscas. Além de obterem uma página de perfil totalmente customizada. Também a medida que posta na comunidade INfluxo o texto ganha destaque na página inicial, também todos os textos passa por um curto período de verificação para garantirmos a qualidade da obra.

Acesse: <https://influxo.tv>



## Espanca: a Flor da poesia portuguesa

*Por Cristiane de Mesquita Alves*

Ser poeta é ser mais alto, é ser maior  
Do que os homens! Morder como quem beija!  
É ser mendigo e dar como quem seja  
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos o esplendor  
E não saber sequer que se deseja!  
É ter cá dentro um astro que flameja,  
É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de Infinito!  
Por elmo, as manhãs de ouro e de cetim...  
É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente...  
É seres alma, e sangue, e vida em mim  
E dizê-lo cantando a toda a gente! (ESPANCA, 2003, p. 54).

**Literatura**

Florbela de Alma da conceição Espanca (1894-1930) – foi uma das mais singulares vozes femininas da poesia portuguesa do século XX. Sua obra é constituída por uma sensibilidade exacerbada de um eu-lírico melancólico em fúria despejado sobre uma espécie de diário íntimo, o que faz de sua produção literária um texto de cunho autobiográfico.

Publicou em 1919 seu primeiro de poemas o *Livro de Mágoas*, “que não provoca maior interesse por parte da crítica.” (MOISÉS, 2015, p. 356). Casou-se em 1913, com Alberto de Jesus Silva Moutinho, divorciou-se em abril de 1921, e em junho desse mesmo ano, casou-se com Antônio Marques Guimarães. Em 1925, divorcia-se de Guimarães e se casa com Mário Pereira Lage.

Embora sua obra apresente traços de suas frustrações amorosas, foi uma mulher aberta para o recomeço, do amor. Sua obra merece destaque para a composição de sonetos que dialogam com características do final do Simbolismo e o início do Modernismo. Pouco colaborou em publicações em jornais e revistas de sua época.

Depois de seu terceiro casamento, passa a viver em Matosinhos e trabalha como tradutora de romances franceses.

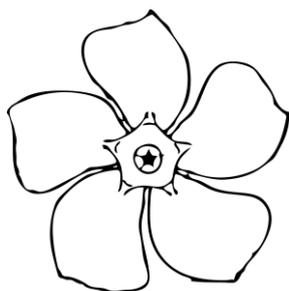
A solidão, a dor e a confissão das amarguras são temáticas recorrentes em sua poesia, considerada pelo crítico Massaud Moisés (2015, p. 356) como uma poesia-confissão, pela qual ganha relevo eloquente e sincero na escrita “desesperante duma experiência de mulher superior pelos dotes naturais, fadada a uma espécie de donjuanismo feminismo.”

Florbela através de versos demonstra a confissão íntima das emoções femininas. Sua poesia beira à semelhança das *Cartas de Amor*, de Soror Mariana Alcoforado (1640-1723), assim como sua trajetória poética se aproxima do esteticismo, do narcisismo e culto literário da dor – visto antes na poesia simbolista de Antonio Nobre (1867-1900).

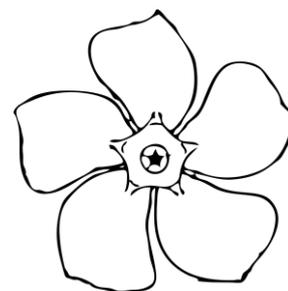
Sua obra foi publicada à margem dos acontecimentos que envolveram as publicações do movimento órfico (*Revista Orpheu*- 1915) responsável pela modernidade em Portugal e as demais revistas como *Centaurus* (1916), *Portugal Futurista* (1917), *Seara Nova* (1921), *Contemporânea* (1922) e outras. No entanto, produziu uma Literatura de grande relevo de acordo com Moisés (2015).

A força poética da voz de Florbela, também está indissociável da sua feminilidade, o que faz assumir explicitamente em sua obra o destino “onomástico, talvez o motivo da flor emblematize, juntamente com as suas conhecidas associações simbólicas à beleza, feminilidade e fugacidade, a valência dupla de amor e morte, do conhecimento da finitude e do enlevo pela vida, linhas maiores da sua marca autoral.” (VILELA, 2015, p. 36), como exemplifica os versos:

Ó Mulher! Como és fraca e como és forte!  
 Como sabes ser doce e desgraçada!  
 Como sabes fingir quando em teu peito  
 A tua alma se estorce amargurada!



Quantas morrem saudosa duma imagem.  
 Adorada que amaram doidamente!  
 Quantas e quantas almas endoidecem  
 Enquanto a boca rir alegremente!



Quanta paixão e amor às vezes têm  
 Sem nunca o confessarem a ninguém  
 Doce alma de dor e sofrimento!

Paixão que faria a felicidade.  
 Dum rei; amor de sonho e de saudade,  
 Que se esvai e que foge num lamento! (ESPANCA, 2014)

Florbela soube conciliar o seu canto de dor individual ao canto coletivo feminino que passou e passa por relacionamentos amorosos não correspondidos de um modo lírico tão bem construído e sentido até por aquelas que leem os seus textos, por este motivo, considera-se que “Depois de Florbela, a sensibilidade, a dicção, a condição e o

corpo femininos pertencem por inteiro à esfera íntima do poético.” (VILELA, 2015, p. 36).

Isso ficou explicitamente demarcado ao longo de sua escrita presente em seus livros, como exemplos:

- *Livro das Mágoas* (1919)
- *Livro de Sórora Saudade* (1923)
- *Charneca em Flor* (1931),
- *Cartas de Florbela Espanca* (1931)
- *Reliquiae* (1931),
- *As máscaras do destino* (1931)
- *Trocando Olhares* (1915 – 1917)
- *Diário do último ano* (1981)
- *O dominó preto* (1982)

Nessa escrita lírica de um diálogo melancólico que não se permite enlutar numa persistência diária que expõe a dor d’alma e do corpo feminino sobre o papel fez de Florbela Espanca uma das mais expressivas autoras literárias que se viu diante da escrita de si.

Essa melancolia literária presente na obra da escritora, talvez tenha sido motivada a partir de 1919, ano em que começou a apresentar sintomas de desequilíbrio mental e ano também da publicação de seu primeiro livro. Em 1927, a perda do irmão, Apeles, em um acidente de avião, contribuiu para levá-la a um estado de depressão. Em 1930, acredita-se que ela tenha cometido suicídio, ingerindo uma dose excessiva de veronal. A causa da morte real da escritora é motivo de discussões até hoje entre seus estudiosos.

## Referências

ESPANCA, Florbela. **A mensageira das violetas**. Seleção de Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2003.

ESPANCA, Florbela. **Trocando olhares**. São Paulo: Martin Claret, 2014.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. 42<sup>a</sup>. São Paulo: Cultrix, 2015.

VILELA, Ana Luisa. Florbela Espanca. Ser Poeta é ser Flor. In: **Navegações**. Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 35-40, jan.-jun. 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/1718/13555>. Acesso em: 10 dez. 2020.

**Cristiane de Mesquita Alves** é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos.

# Cinza no Céu



**HORROR  
FANTASIA  
NOSTALGIA  
FICÇÃO CIENTÍFICA**

*Roberto Schima*

# CINZA NO CÉU

NOVO LIVRO DE  
ROBERTO SCHIMA

## SINOPSE:

A EXEMPLO DA MINHA COLETÂNEA ANTERIOR, "SOB AS FOLHAS DO OCASO", "CINZA NO CÉU" REÚNE HISTÓRIAS QUE FORAM PUBLICADAS NA REVISTA DIGITAL "CONEXÃO LITERATURA", EDITADA POR ADEMIR PASCALE. DESTA FEITA, A PARTIR DO Nº 49 DA PUBLICAÇÃO. OS CONTOS AQUI REUNIDOS ABRANGEM FANTASIA, HORROR, FICÇÃO CIENTÍFICA, NOSTALGIA. TAMBÉM INCLUI ALGUMAS CRÔNICAS, POESIAS E MÁXIMAS/REFLEXÕES. SE ESTÃO DISPONÍVEIS NAS VÁRIAS EDIÇÕES DA REVISTA CUJO DOWNLOAD É GRATUITO, MINHA MOTIVAÇÃO PARA O LANÇAMENTO EM LIVRO É IGUALMENTE PELO DESEJO DE NÃO SOMENTE VER AS HISTÓRIAS REUNIDAS EM LIVRO, MAS TAMBÉM PODER MANUSEÁ-LO, FOLHEÁ-LO, GUARDAR NA ESTANTE. ADEMAIS, COMO JÁ ME REFERI CERTA VEZ AO EXEMPLIFICAR A QUESTÃO DO E-BOOK E DO LIVRO FÍSICO, AMBOS SÃO CO MO UMA PESSOA QUERIDA, ENTREMENTES, NO PRIMEIRO CASO A GENTE VÊ ESSA PESSOA PELA INTERNET, ENQUANTO QUE, NO SEGUNDO, PODEMOS ABRAÇÁ-LA. E TOCAR UM LIVRO QUE A GENTE ESCREVEU É COMO ABRAÇAR O PRÓPRIO SONHO. "LIMBOGRAPHIA", "O OLHAR DE HIROSAKI", "SOB AS FOLHAS DO OCASO" E, AGORA, "CINZA NO CÉU" SÃO RETALHOS DE MUNDOS DIVERSOS QUE PREENCHERAM MINHA MENTE, NOS QUAIS MERGULHEI, ME PERDI, ME ACHEI, POR VEZES COM RELUTÂNCIA EM VOLTAR. PARA MIM, ELES EXISTEM DE VERDADE. ESTOU NELES. ESTÃO EM MIM. E SÃO AQUILO QUE DEIXAREI PARA TRÁS.



Para saber mais ou adquirir:

<https://loja.uiclapp.com/titulo/ua2785/> e <https://clubedeautores.com.br/livro/cinza-no-ceu>



# EDUCAÇÃO NO CAMPO *VERSUS* EDUCAÇÃO DO CAMPO: conceituações e processos de ensino-aprendizagem escolar

Por Marcos Pereira dos Santos e Alivan Freitas Lima

**Artigo Científico**

---

## INTRODUÇÃO

Este artigo científico, de abordagem qualitativa de pesquisa e aportes teóricos (bibliográficos e eletrônicos), tem como objetivo principal realizar uma análise crítico-reflexiva alusiva à Educação no Campo *versus* Educação do Campo, especificamente no que tange às conceituações e aos processos de ensino-aprendizagem escolar.

Para tanto, a estruturação didático-metodológica do *corpus* textual encontra-se dividida em três partes distintas, quais sejam: 1<sup>a</sup>) Conceitos de Educação e de campo: situando a temática de pesquisa científica; 2<sup>a</sup>) Educação no campo: significados e modos de realização – breves notas; e 3<sup>a</sup>) Educação do campo: engendramento e aspectos didático-pedagógicos.

Em última instância, à guisa de algumas considerações finais, são trazidas a lume as ideias centrais concernentes à temática em pauta, tendo em vista enaltecê-las, bem como complementar ou suplementar as discussões apresentadas com informações adicionais oriundas de estudos científicos desenvolvidos por renomados(as) pesquisadores(as), nacionais e/ou internacionais, da área de Educação do Campo.

Ademais, almejamos sinceramente que o presente trabalho de investigação científica possa, de modo direto ou indireto, contribuir para a ampliação do arcabouço teórico existente sobre Educação do Campo, e servir de valiosa fonte de leituras, reflexões, análises críticas, debates, estudos (individuais e coletivos) e pesquisas acadêmico-científicas a todos(as) os(as) docentes da Educação Básica, educadores(as), professorandos(as) das diferentes áreas do saber científico, gestores(as) educacionais, coordenadores(as) pedagógicos(as), pedagogos(as) escolares e demais profissionais do campo educacional.

## 1. CONCEITOS DE EDUCAÇÃO E DE CAMPO: situando a temática de pesquisa científica

Em termos etimológicos, “Educação, em latim, vem de *educationem* que, por seu turno, surge de *educare* e este último tem sua derivação de *educere*, significando conduzir, levar” (BUENO, 1966, p.1061), ou ainda, “[...] extrair, tirar, desenvolver”. (BRANDÃO, 2003, p.63)

Complementando estes dados histórico-filológicos, Pfromm Netto (2002, p.6) salienta que a palavra Educação:

[...] originou-se do latim *educatio, educationis*. Em tempos muito distantes, designava tanto a criação de seres humanos como a de animais e plantas. Entre os antigos romanos, *educare* significava criar ou nutrir crianças e estava ligado a outro verbo, *educere* – fazer sair, lançar ou tirar para fora, criar, amamentar.

Educação é uma construção compartilhada de informações, conhecimentos, saberes, vivências e relações dos homens com a sociedade como um todo, ou seja, é toda a dinâmica que envolve o ser, o estar e o viver num processo dialógico e heterogêneo.

Na obra científica intitulada *O que é educação*, de autoria de Carlos Rodrigues Brandão (2003), o autor define, com clareza, o que se entende por Educação e como ela ocorre, *a priori*, nas interrelações sociais humanas, a princípio em casa, no convívio com a família e as indagações sobre as coisas e seus significados, depois na sociedade, na comunidade, na igreja, na escola e em muitos outros lugares. Neste sentido, Educação envolve afetos (emoções e sentimentos), convivências, troca de saberes, experiências, experimentos, encontros com os significados das coisas; enfim, engloba teorias e práticas num movimento dialético de *práxis*, segundo asseveram Gadotti (1995) e Vásquez (1977).

Portanto, podemos dizer que a Educação se faz presente na escola e também fora dela, levando-se em consideração, inclusive, o seguinte:

A educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma

geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. (BRANDÃO, 2003, p.13)

Para o autor referenciado, a Educação começa em casa, conforme já foi dito anteriormente, constituindo-se em saberes que perpassam gerações, passando de pais para filhos por meio de conversas, narrativas e oralidade, acontecendo assim num contexto informal. Educação é, pois, o aprendizado com os homens e como esses homens se inter cruzam. Sendo assim, a escola tem o papel de escolarizar e comple(men)tar os saberes que a família e a sociedade não dão conta de ensinar.

Todos ensinam e aprendem ao mesmo tempo, de tal forma que, de acordo com Brandão (2003, p.7-9),

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou várias: educação? Educações. [...] Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.

A escola não é o único espaço onde acontece a Educação (formal, erudita, legitimada). O ensino escolar não é o *locus* singular como muitos pensam, havendo também outros lugares que ensinam. Logo, a Educação acontece para além do espaço formal da instituição-escola, tal como em espaços de educação não formal e informal (LIBÂNEO, 1999), isto é, em Organizações Não Governamentais (ONGs), sindicatos, associações, igrejas, sociedades, comunidades e outros locais de convivência social, sejam eles situados na região urbana ou na zona rural.

É fato que a Educação ocorre dentro e fora do ambiente escolar, seja no campo ou na cidade. A Educação se realiza em uma localidade, um espaço, um ambiente, um campo.

Mas, o que é campo? Que campo é esse?

Há várias tipologias de campo: elétrico, magnético, eletrostático, de futebol, de estudo, de pesquisa, de atuação profissional, de cultivares, entre outros. Todavia, vamos nos ater, em particular, ao campo num contexto geográfico, territorial.

Geograficamente, a ideia que se tem de campo está diretamente atrelada, de maneira geral, à área rural, ao “interior”, às matas, à floresta, à roça, à fazenda, ao sítio, à agricultura, à agropecuária, à Reforma Agrária, ao ruralismo, aos animais do campo, aos assentamentos rurais, ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e ao

camponês ou à camponesa – pessoa que habita no campo, trabalhador(a) rural (ou trabalhador(a) do campo), aquele(a) que é próprio(a) do campo; conforme assinalam Schneeberger e Farago (2003).

Campo é, grosso modo, entendido como “terreno extenso, quase sempre cultivável; terreno distante dos povoados urbanos; área onde se realizam jogos esportivos; estádio; lugar de combate” (SOARES AMORA, 2009, p.117). É, por excelência, o espaço territorial geográfico onde residem camponeses(as), colonos(as), interioranos(as), ciganos(as), negros(as), indígenas, quilombolas, “bóias-frias” e imigrantes; por exemplo.

Portanto, campo é lugar onde há vidas, vivências e movimentos. Localidade onde se mora, trabalha, brinca, estuda, semeia, planta, colhe, cultiva, ara a terra, passeia, diverte. Dizemos isto, porque:

O ser humano é o elemento mais importante do espaço geográfico. [...] As pessoas ou grupos humanos se diferenciam de acordo com o lugar que ocupam no espaço, isto é, o local onde vivem. Por esta localização também são classificados, ou seja, são diferenciados entre si. É comum uma pessoa que vive na cidade (portanto “pessoa urbana”) dizer: “fulano é do interior”. Desta maneira, o outro está sendo identificado como alguém que vive fora da cidade, na área rural, ou seja, faz parte de um outro espaço, vive em um outro lugar. É identificado de acordo com a sua localização no espaço. Por outro lado, ao identificar a outra pessoa no espaço, o “identificador” também se define. Se o outro é da área rural, “do interior”, “do campo”; ele se autoidentifica como “urbano”, “da cidade”. (SCHNEEBERGER; FARAGO, 2003a, p.289-290)

A Educação se faz presente na casa da mãe, da vovó, do vizinho, na escola, no campo, e em muitos outros espaços e contextos. Por isso, concordamos com Fernandes (2004, p.137; grifos nossos) quando afirma que:

*O campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu espaço, a sua identidade cultural. O campo não é só lugar da produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem de terras. O campo é espaço e território dos camponeses e dos quilombolas. É no campo que estão as florestas, onde vivem as diversas nações indígenas. Por tudo isso, o campo é lugar de vida e, sobretudo, de educação.*

Assim sendo, campo e Educação estão entrelaçados; diretamente conectados. Isto se dá porque a Educação acontece em um lugar de relações, de culturas plurais, de diversidades. E o campo, por sua vez, é vida e onde se realiza a construção e a efetivação da Educação, ou seja, do ensinar, do aprender, do ensinar-e-aprender – dimensão

*dodiscente* (FREIRE, 2000), do ser, do viver e do conviver; portanto, num movimento constante e circular.

## 2. EDUCAÇÃO NO CAMPO: significados e modos de realização – breves notas

A partir das definições conceituais trazidas a lume, anteriormente, sobre Educação e campo, torna-se possível, a partir de então, tecer (breves) comentários crítico-reflexivos a respeito de Educação no Campo e Educação do Campo.

Entretanto, *a priori*, vamos voltar nossa atenção para as questões atinentes à *Educação no Campo*; em particular.

Mesmo na literatura científica especializada, muitas vezes as expressões terminológicas *Educação no Campo* e *Educação do Campo* aparecem como sendo sinônimas, equivalentes, o que se constitui em uma inverdade, dadas as suas diferentes características teóricas e práticas; em conformidade com o que apontam pesquisas científicas desenvolvidas, em específico, por Bezerra Neto (2010), Melo (2011) e Santos e Miranda (2017).

A Educação *no/do* Campo, em linhas gerais, problematiza a forma como acontece a educação escolar nessa realidade (o campo), pensada por uma visão unilateral e homogênea, desconsiderando assim a pluralidade e a diversidade que compõe tanto a Educação quanto o campo. (BRASIL, 2002)

A Educação *no/do* Campo surge como expectativa de uma proposta educativa que esteja emaranhada na cultura e nos tempos e ritmos dos sujeitos do campo em prol de uma sociedade mais justa, que possa ser construída por todos e não imposta por poucos, isto é, uma sociedade na qual cidadãos e cidadãs tenham “vez”, “voz”, identidades e respeito mútuos.

Na busca da afirmação dessas identidades socioculturais é levantada a seguinte situação: Como era que acontecia essa Educação, não pensada pelos(as) moradores(as) do campo e, portanto, levada para lá, “jogada”, desconsiderando as suas especificidades?

É exatamente neste contexto problemático que surgem as discussões acerca de Educação *no* Campo e Educação *do* Campo, segundo afirmam Arroyo, Caldart e Molina (2011, p.150), ao destacarem o exposto abaixo:

*No*: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive;

*Do*: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais.

A *Educação do Campo*, portanto, se contrapõe à *Educação no Campo*; embora nem sempre, na teoria e na prática, se verifiquem rupturas epistemológicas, conceituais e didático-pedagógicas acerca de ambas. Elas acontecem e devem se engendrar em termos educacionais. Todavia, precisam ir para além de o campo, sendo pensadas desde esse lugar e em toda a composição e totalidade desse *lócus*.

Diz-se isto, porque a Educação no Campo, por si só, desconsidera a multidimensionalidade e a pluralidade de que é composto o campo em suas culturas, crenças, tradições, costumes, valores e identidades plurais; bem como a pertença à Natureza, as relações Natureza-homem e homem-Natureza, e a terra como lugar de vivência e de sobrevivência. (BRASIL, 2004)

### 3. EDUCAÇÃO DO CAMPO: engendramento e aspectos didático-pedagógicos

Com base nas discussões teóricas apresentadas no tópico anterior, podemos efetuar alguns apontamentos analítico-reflexivos sobre *Educação do Campo*.

Educação do Campo é a educação formal oferecida às populações do campo, isto é, em espaços denominados rurais. Em outras palavras, é uma modalidade educacional e, como tal, merece atenção específica, uma vez que:

Art. 28 – Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 1996)

Grosso modo, a Educação do Campo surge, na concepção de Gohn (1992), a partir de uma problemática de como eram vistas as pessoas que vivem nos espaços rurais, os quais são compreendidos e interpretados por uma visão equivocada, desconsiderando, por vezes, as relações interpessoais, o convívio social e as produções de saberes culturais; ocasionando, dessa forma, a negação das identidades dos sujeitos sociais que residem, trabalham e estudam no campo.

Em termos históricos,

A realidade que deu origem a este movimento por uma educação do campo é de violenta desumanização das condições de vida no campo. Uma realidade de injustiça, desigualdade, opressão, que exige transformações sociais estruturais e urgentes. Os sujeitos da educação do campo são aquelas pessoas que sentem na própria pele os efeitos desta realidade perversa, mas que não se conformam com ela. São os sujeitos da resistência no e do campo: sujeitos que lutam para continuar sendo agricultores apesar de um modelo de

agricultura cada vez mais excludente; sujeitos da luta pela terra e pela Reforma Agrária; sujeitos da luta por melhores condições de trabalho e pela identidade própria desta herança; sujeitos da luta pelo direito de continuar a ser indígena e brasileiro, em terras demarcadas e em identidades de direitos sociais respeitados; e sujeitos de tantas outras resistências culturais, políticas e pedagógicas. (CALDART, 2004, p.152)

A Educação do Campo rompe com a visão de Educação Rural, que considera o homem como uma “máquina de produção” que serve apenas para o serviço escravo e a mão-de-obra barata. A Educação Rural, outrossim, desconsidera os saberes e as potencialidades intelectuais, não dando importância acerca do acesso e do direito do povo do campo à educação escolar; povo esse tido como incivilizado e arcaico.

Além disto, a Educação Rural, no entendimento de Arroyo (2006), também conceitua o homem do campo como improdutivo e incapaz, considerando que a sua função é simplesmente a de prestador de serviços e gerador de lucros monetários para o latifundiário, que, em geral, o trata como “bicho”, eliminando assim a sua humanidade e invisibilizando as suas identidades. Por isso, a necessidade e a urgência do surgimento da Educação do Campo, conforme destacam Fernandes e Molina (2004, p.67) ao asseverarem o seguinte:

O paradigma da Educação do Campo nasceu da luta pela terra e pela Reforma Agrária. Afirmamos que esta luta cria e recria o campesinato em formação no Brasil. Desse modo, a Educação do Campo não poderia ficar restrita aos assentamentos rurais. Era necessária a sua espacialização para as regiões, para as comunidades de agricultura camponesa.

Isto significa dizer, pois, que até alguns anos atrás não tínhamos uma Educação pensada pelos sujeitos do campo, levando-se em consideração as suas identidades e relações, os seus saberes e as suas pertencas e raízes histórico-culturais.

Ao contrário da Educação Rural, a Educação do Campo é composta de diversos movimentos sociais ligados ao campo. Por isso, quando se fala em Educação do Campo é inevitável não pensar em lutas sociais, trabalhadores como protagonistas e sujeitos das ações pedagógicas.

Neste sentido, a Educação do Campo se constitui numa proposta abrangente que visa à formação do homem do campo e também a sua valorização no que diz respeito ao espaço geográfico e o tipo de currículo escolar, que deve mobilizar as atividades campesinas abrangendo a todas as famílias do campo, bem como as estratégias para o desenvolvimento sustentável.

Sendo assim, é imprescindível pensar a Educação do Campo em termos de teorias educacionais, ensino contextualizado e inter/pluri/multi/transdisciplinar,

aprendizagem significativa, temas geradores, problematização educativa freireana, “pedagogias da alternância” e calendário letivo escolar, o qual “[...] deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto [...]” (BRASIL, 1996) em Lei.

Afora isto, deve-se compreender ainda o que são as populações do campo e as escolas do campo, conforme o estabelecido pelo Artigo 1º do Decreto nº 7.352, de 04 de novembro de 2010:

\* *Populações do campo*: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da Reforma Agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzem suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural.

\* *Escolas do campo*: aquelas situadas em áreas rurais, conforme definição dada pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou aquelas situadas em áreas urbanas, desde que atendam predominantemente às populações do campo. (BRASIL, 2010)

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS ...

O tema Educação no/do Campo é voltado a todos(as) os(as) profissionais advindos(as) das áreas de Educação, Pedagogia, Ciências, Biologia, Geografia, Educação Ambiental, Desenvolvimento Sustentável, Demografia e Ciências Agrárias em geral.

Trata-se de um assunto atual, polêmico, complexo, relevante e instigante; em torno do qual gravitam mitos, tabus, estereótipos, arquétipos, celeumas, dissonâncias, resistências, invisibilidades, insurgências, silenciamentos, histórias de vida e memórias subterrâneas. (LIMA, 2020)

A Educação do Campo é, portanto, um “território minado”. Sendo assim, faz-se preciso valorizar cada vez mais o homem do campo e re-pensar, ressignificar e redimensionar os processos de ensino-aprendizagem da *Educação no Campo* e da *Educação do Campo*.

No tocante à Educação do Campo, em particular, torna-se necessário e urgente refletir criticamente sobre o seu projeto político-pedagógico, o programa curricular, o calendário letivo escolar, o ensino, a aprendizagem, os recursos didáticos disponíveis, a inclusão escolar, as tecnologias educacionais, a cultura da escola, a sistemática de avaliação educacional, a formação inicial e continuada de docentes, as metodologias ativas e assistivas, a acessibilidade, as condições de acesso à escola, a repetência e evasão escolares, o mobiliário escolar, o ensino remoto (educação *on-line*), entre tantos outros elementos que a constituem como modalidade educacional.

Assim como qualquer outro nível de ensino ou modalidade educacional, corroboramos com Machado e Vendramini (2013) ao postularem que a Educação do Campo também possui potencialidades, possibilidades, limitações e desafios que devem ser considerados pelas legislações e políticas públicas educacionais existentes no Brasil dos dias atuais.

Esperamos que isto se efetive realmente! E a curto prazo!

Viva a Educação Escolar do Campo!!!

## REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. A escola do campo e a pesquisa do campo: metas. In: MOLINA, M. C. (Org.). **Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, p.103-116, 2006.

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. **Por uma educação do campo**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BEZERRA NETO, L. Educação do campo ou educação no campo? In: **Revista HISTEDBR On-Line**. Campinas: Editora da UNICAMP, v.10, n.38, p.150-168, jun./2010. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639696>>. Acesso em: 23/12/2020.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 2003. (Coleção Primeiros Passos – v.20).

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, de 23/12/1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 01/2002**. Estabelece as diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo. Brasília: Diário Oficial da União, de 09/04/2002.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Uma política pública para a educação no campo**. Brasília: Coordenação de Publicações da Câmara dos Deputados, 2004. (Série Ação Parlamentar – v.277).

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 7.352, 04 de novembro de 2010**. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Brasília: Diário Oficial da União, de 05/11/2010.

BUENO, F. S. **Dicionário filológico do português**. São Paulo: Saraiva, 1966.

CALDART, R. S. **Pedagogia do movimento sem-terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

FERNANDES, B. M. Diretrizes de uma caminhada. In: MOLINA, M. C. (Org.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, p.133-146, 2004.

FERNANDES, B. M.; MOLINA, M. C. O campo da educação do campo. In: MOLINA, M. C.; JESUS, S. M. S. A. (Orgs.). **Contribuições para a construção de um projeto de educação do campo**. Brasília: Articulação Nacional “Por uma Educação do Campo”, p.63-75, 2004.

FREIRE, P. R. N. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 14.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. (Coleção Leitura).

GADOTTI, M. **Pedagogia da práxis**. São Paulo: Cortez, 1995.

GOHN, M. G. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

LIMA, A. F. **Silenciamento, educação do campo e memórias subterrâneas**. São Paulo: Versejar, 2020.

MACHADO, I. F.; VENDRAMINI, C. R. Políticas públicas para a educação do campo: da necessidade aos limites. In: **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**. Rio Claro: Editora da UNESP, v.8, n.1, p.1-16, 2013.

MELO, S. N. **Educação no campo e educação rural: distinção necessária para compreensão da realidade geográfica**. Rio Claro, 2011. 59 f. (Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Geografia – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”). *mimeo*.

PFROMM NETTO, S. **Psicologia da aprendizagem e do ensino**. 2.ed. São Paulo: EPU, 2002.

SANTOS, A. T.; MIRANDA, E. F. Educação do rural *versus* educação do campo: paradigmas e controvérsias. In: **Anais do VI Seminário Nacional e II Seminário Internacional de Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional**. Vitória da Conquista: Editora da UESB, v.6, n.6, p.134-146, out./2017.

SCHNEEBERGER, C. A.; FARAGO, L. A. **Minimanual compacto de geografia do Brasil: teoria e prática**. São Paulo: Rideel, 2003.

\_\_\_\_\_. **Minimanual compacto de geografia geral: teoria e prática.** São Paulo: Rideel, 2003a.

SOARES AMORA, A. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa.** 19.ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

VÁSQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

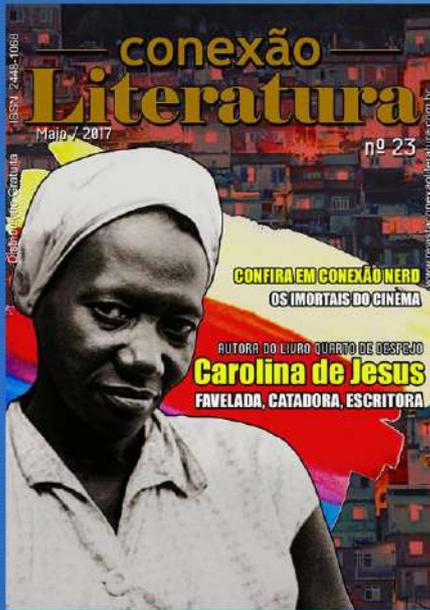


#### **MINIBIOGRAFIAS:**

**Marcos Pereira dos Santos** – Brasileiro. Natural da cidade de Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. Pós-doutor em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) - Ituiutaba/MG. Pesquisador em Educação. Literato (escritor, poeta, antologista e articulista). Professor do Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais (CESCAGE) - Ponta Grossa/PR. Endereço eletrônico para contato: mestrepedagogo@yahoo.com.br

**Alivan Freitas Lima** – Brasileiro. Natural da cidade de Ipirá/BA, onde reside atualmente. Especialista em Gestão e Coordenação Escolar pela Faculdade Eugênio Gomes (FAEG) - Ipirá/BA. Pesquisador em Educação. Literato (escritor, poeta, antologista e articulista). Professor da Faculdade Eugênio Gomes (FAEG) - Ipirá/BA. Endereço eletrônico para contato: limaalivan@gmail.com

# Apoie a Revista Conexão Literatura



## APOIA.se

Agora você pode apoiar o trabalho de incentivo à leitura da  
Revista Conexão Literatura

Sabemos que não é fácil promover o incentivo à leitura no Brasil, pois falta apoio dos nossos governantes. Um povo que lê mais, certamente terá mais cultura e uma visão diferente de mundo e é isso que estamos fazendo desde junho de 2015, quando tivemos a ideia da criação da Revista Conexão Literatura.

Tudo isso leva tempo, trabalho e dedicação. Por isso pedimos o seu apoio para que esse trabalho continue com força, atingindo cada vez mais leitores. Faça parte desse projeto e seja um apoiador da nossa causa.

APOIADORES: Sandra Boveto, Roberto Schima, Mayanna Velame  
Dirma Fontanezzi

FAÇA PARTE DO TIME DE APOIADORES, ACESSE  
<https://apoia.se/conexaoliteratura>

# ENTREVISTA COM A ESCRITORA BRENDDA NEVES

POR ADEMIR PASCALE



Sou jornalista, natural de Linhares-ES (1979). Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira-AILB e da Associação Capixaba de Escritores-ACE. Não gosto de ser chamada de poetisa: tira a potência da palavra ‘Poesia’ e me sinto segregada do universo masculino de poetas. Leio de tudo! Comecei com os gibis da Turma da Mônica. Minha mãe lia contos infantis para os três filhos. Na casa de minha avó materna havia uma estante e com doze anos li “Romeu e Julieta” (Shakespeare) e “Noites Brancas” (Dostoiévski). Minha paixão é escrever e é tanta que sonho com os versos, acordo e anoto na caderneta. Gosto de música, fotografia, jardinagem, filmes e séries. Meu esporte preferido é natação.

## Entrevista

### **Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Brendda Neves: Com nove anos de idade eu li “O gato preto” de Allan Poe e foi tão impactante que quis imitar e escrevi uma estória, com o mesmo título, de presente para minha madrinha. Me inscrevi num concurso literário aos treze anos com uma crônica sobre uma barata, pois havia lido “A Metamorfose” de Franz Kafka. Não ganhei rsss. No segundo grau técnico em Edificações, na Escola Técnica Federal do Espírito Santo, em Colatina-ES, hoje IFES, houve um concurso de poesia promovido por nossos professores de Literatura. Eu tinha quinze anos de idade na época e fiz

o meu primeiro poema ‘Encontro de almas’. E, claro, não venci o concurso rsss. Porém, nunca mais parei de escrever.

Descobri a poesia em mim. Sou praticamente uma autodidata. Apesar de ter descoberto o dom passei a estudar sozinha as técnicas de versificação, figuras de linguagem, rimas, ritmo, tipos de estrofe para lapidar minha poesia. Aos vinte e poucos anos realizei meu primeiro sonho literário: fui aceita como membro da Academia Jovem Espírito-santense de Letras (AJEL), pioneira em seu segmento juvenil de letras no país, idealizada por meu amigo escritor Leonardo Monjardim, fundada em 23 de junho de 2001 e sede em Vitória-ES. Tive a participação em duas antologias:

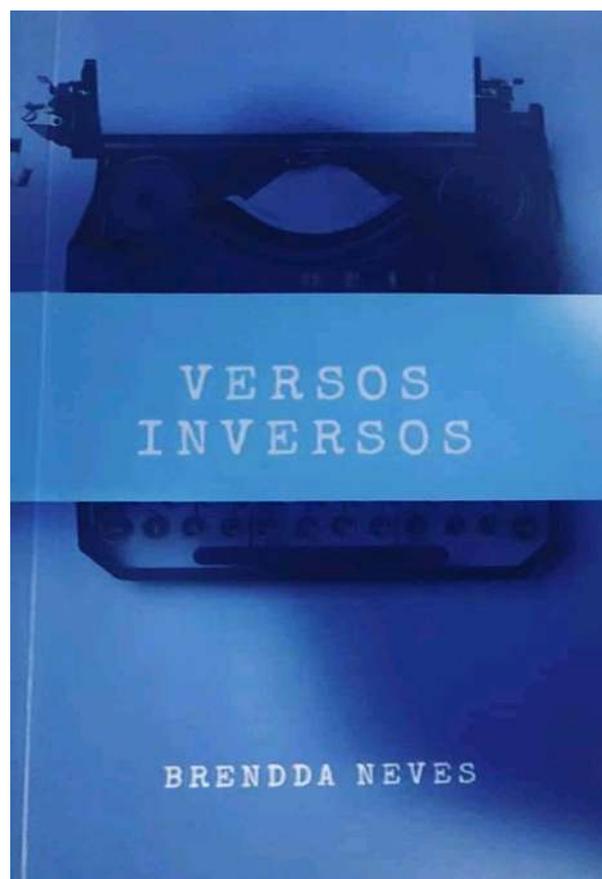
Jovens Escritores Capixabas (2002) e Antologia AJEL 2008.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro “Versos Inversos”. Poderia comentar?**

Brendda Neves: “Versos inversos” é meu primeiro livro solo de poesia. É a realização de um sonho com o apoio da família, especialmente minha mãe e esposo, a quem o livro é dedicado. Organizado e editado de forma totalmente independente. Nele os versos podem ser inversos, reversos, avessos e travessos a depender da interpretação do leitor com sua subjetividade.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

Brendda Neves: “Versos inversos” levou oito anos para ser finalizado. Ao ler e reler o original julguei que não havia mais nada a ser acrescentado nele. Fiquei satisfeita com o conjunto de poemas nele contido. É difícil determinar um ponto final para um livro de poesia. Neste livro eu brinco que ele não tem início, nem meio e nem fim! O leitor pode abrir na página que quiser e começar a ler. Não há uma ordem. Para alguns poemas fiz uma seleção de frases ou versos de escritores que eu amo e que julguei que seria uma forma de dizer o que não consegui. Pois é impossível dizer tudo num poema, sempre fica algo por dizer. Como editei sozinha tive de pesquisar e aprender sobre tudo o que diz respeito a parte técnica de um livro: ISBN, ficha catalográfica, direito autoral na Câmara Brasileira do Livro (CBL).



**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

Brendda Neves: Sim, o poema “**Versos inversos**” que dá nome ao livro:

Todos os versos de amor já foram escritos

As mais belas canções todos conhecem

Falta-me desvendar o que não foi dito

Encontrar as palavras que aquecem

Estes versos parecem não ter sentido

São inversos ao que eu gostaria de revelar

Falta-me coragem para lhe entregar

Tudo o que há ainda para ser dito (...)

**Conexão Literatura: Quais dicas daria aos autores em início de carreira?**

Brendda Neves: O escritor, seja qual for o seu gênero literário, tem de ser antes um leitor! Para que seu vocabulário seja muito amplo e tenha, na hora de escrever, acesso a uma gama extensa de palavras para expressar o que sente e pensa. Não tenha receio de imitar algum grande escritor, pois todos nós começamos assim. Só depois encontramos a nossa voz, o nosso estilo e lapidamos a nossa escrita. Não deixe seus escritos na gaveta, peça para alguém ler, aceite as críticas e participe de concursos literários. Utilize as redes sociais para divulgar o que escreve. Fique atento aos editais de cultura municipal e estadual e inscreva seu original.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

Brendda Neves: “Versos inversos” está em pré-venda no site da Editora Clube de Autores. Também disponível em formato digital ePub e PDF. Pode ser encontrado em alguns sites como Amazon, Livraria Cultura, Google play e Ratuken Kobo. Podem me seguir no Instagram literário @coraverblue (neologismo meu) e também minha página de poesias cristãs no Facebook @poetisadedeus. Também tenho alguns poemas nos sites Luso Poemas, Recanto das Letras e A Magia da Poesia.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Brendda Neves: Com certeza! A poesia não deixa de fluir em mim. Farei o lançamento de “Versos inversos”, na Academia de Letras de Vila Velha (ES), data ainda a ser definida. Já tenho editado, também de forma independente, um livro de haicais “Colibris poéticos” e também um exclusivo de poesias cristãs católicas “Uma gota de amor”. E em fase de edição um livro de poemas psicológicos e autobiográficos, frutos de minhas sessões de análise, “Poeta no divã”. Tenho dois livros originais, inscritos em concursos literários “Luna” (concurso internacional) e “Bacinzium” (um neologismo meu, também autobiográfico e psicológico), à espera do resultado.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Felicidade Clandestina, de Clarice Lispector

Um (a) autor (a): Vinicius de Moraes

Um ator ou atriz: Antonio Banderas

Um filme: Poesia, 2010

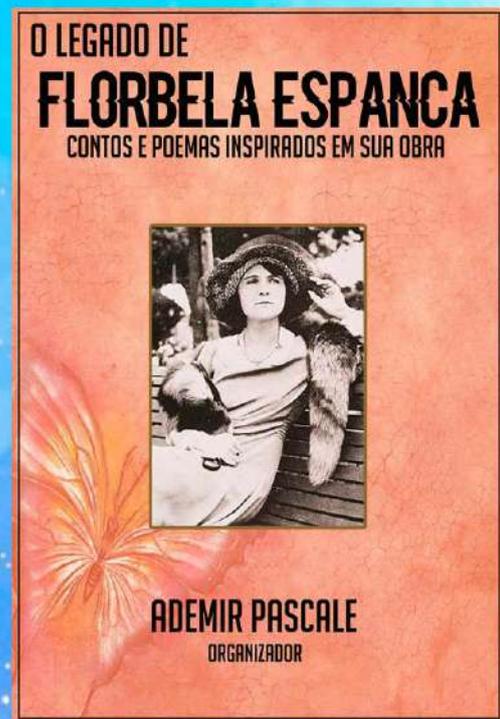
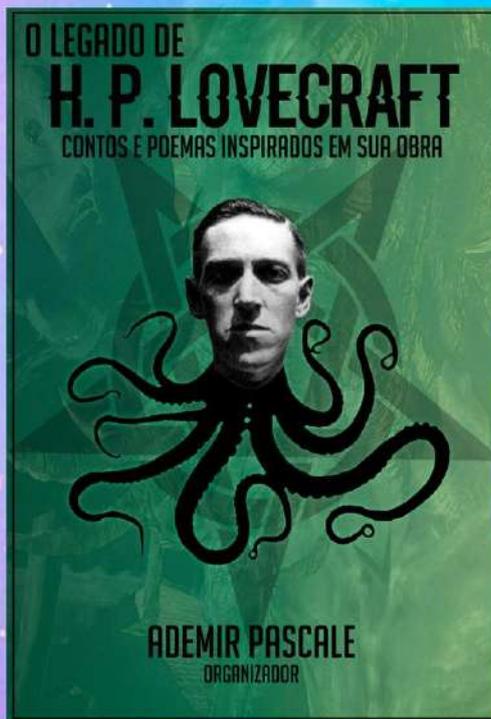
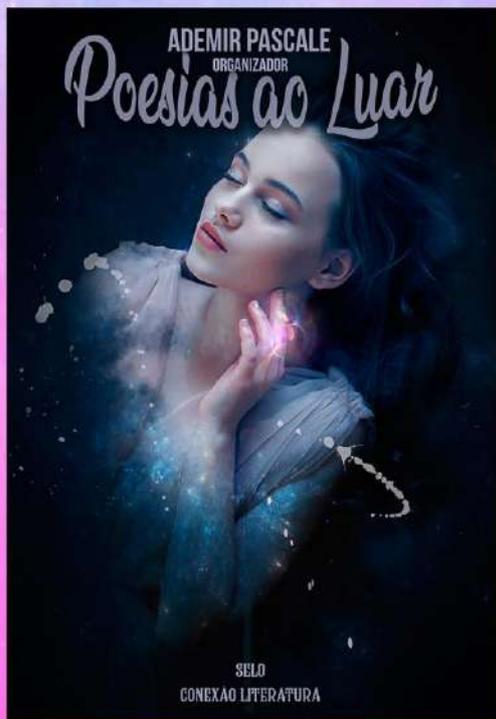
Um dia especial: Minha posse na Academia Jovem Espírito-santense de Letras (AJEL)

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

Brendda Neves: Leiam poesia, pois ela faz bem à alma, eleva o espírito e, cientificamente comprovado, traz mais benefícios que os livros de autoajuda.



# PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**LEIA OS EDITAIS E ENVIE  
O SEU CONTO OU POEMA**

**ACESSE:  
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

# ENTREVISTA COM O ESCRITOR

## ANDRÉ OLIVEIRA

POR ADEMIR PASCALE



### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

André Oliveira: Eu sempre procurei uma forma de me expressar, mas até descobrir os livros não sabia uma forma plausível para isso. O que realmente me fez querer escrever, foi um nerdcast, onde vários autores nacionais estavam contando suas histórias de início de carreira, aquilo me abriu os olhos para um mundo novo de probabilidade que eu sentia que poderia me encaixar.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro “Xoxo Dan”. Poderia comentar?**

André Oliveira: O primeiro de muitos, mas principalmente a história que eu precisava contar naquele momento, era algo que eu precisava por pra fora, e eu posso falar que esse livro me ajudou muito, pelo simples fato de eu ter algo ao que agarrar quando nada mais fazia sentido.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

André Oliveira: Da primeira palavra até o ponto final, foram ao menos quatro anos.

Consultei a maior variedade de assuntos para conseguir um material bom e para sentir que não eram apenas palavras jogadas em um papel.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

André Oliveira: O mais especial e difícil para mim foi o final, fiquei meses travado nele, sempre escrevendo algo que não me agradava, foram algumas noites sem dormir para tentar finalizar a obra, isso acabou se tornando especial pra mim, não por terminar, mas sim pelas pessoas que me ajudaram a fazer, as pessoas que foram aquele gás final para concluir a obra.

### **Conexão Literatura: Quais dicas daria aos autores em início de carreira?**

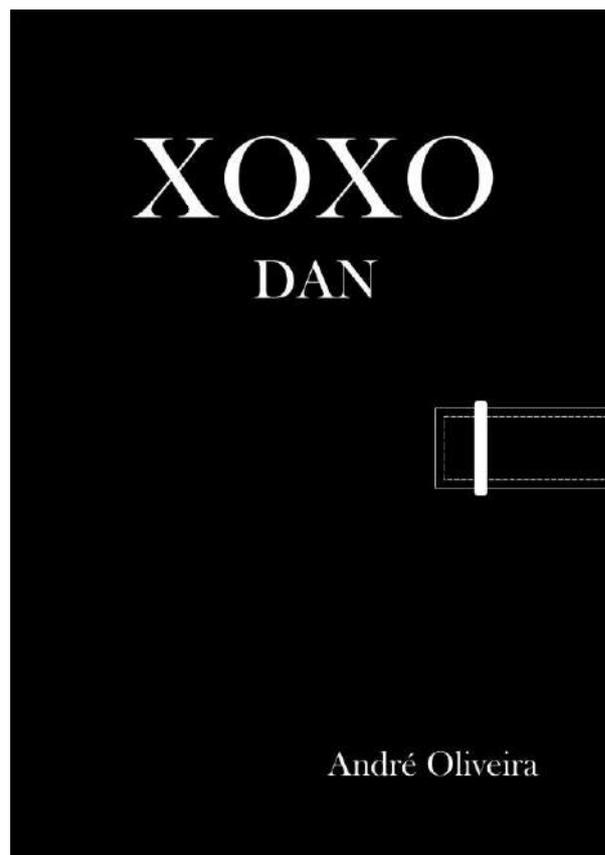
André Oliveira: Acreditar na sua capacidade e na sua obra, vão haver vários dias difíceis, onde você não conseguirá escrever ou simplesmente você não vai conseguir achar conexão nas palavras que você escreveu, mas não desista, se não deu hoje tenta amanhã de novo, com a mente fresca e com as ideias mais alinhadas.

### **Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

André Oliveira: Tem o site da editora onde ele está a venda (<https://clubedeautores.com.br/livro/xo-xo-dan>) e meu instagram, que está meio parado, mas pretendo voltar com novas ideias (@algunsapapos)

### **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

André Oliveira: Sim, estou com mais um livro na edição, e vou começar um projeto novo de contos, pois tenho várias histórias que quero contar, mas que não encaixam em um livro, então estou escrevendo vários contos diferentes e pretendo começar a postá-los, mesmo ainda não sabendo onde.



### **Perguntas rápidas:**

Um livro: Doutor Sono

Um (a) autor (a): Stephen King

Um ator ou atriz: Lázaro Ramos

Um filme: Clube dos cinco

Um dia especial: Qualquer dia que eu estive com amigos

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

André Oliveira: Eu só posso agradecer a todos os leitores que tiraram um tempo do seu dia para ler um pouco sobre mim. E pedir uma oportunidade para conhecer meu livro, as quinze primeiras páginas dele se encontram no site da editora. Pra finalizar, sou grato a vocês da revista por esse espaço.



## CREPE, NEVE E CHOCOLATE DA AUTORA LS FONTAINE



Poly Mars viaja em suas lembranças para reviver uma noite, onde sua irmã mais velha, Karine, fora capaz de fazer o possível para lhe dar uma inesquecível noite de Natal. CREPE, NEVE E CHOCOLATE é um conto onde você irá se emocionar.

Para adquirir ou saber mais: [CLIQUE AQUI](#).

### **SOBRE A AUTORA:**

LS Fontaine é autora de vários contos, como: Aliens Super Heróis, A Casa de Praia e Amor de Outro Mundo. É intérprete para a polícia francesa, e mora em Paris-França com o esposo e a filha.

Instagram: @lsfontaine1986

# ENTREVISTA COM O ESCRITOR

## FRANCCIS YOSHI KAWA

POR ADEMIR PASCALE



Escreveu o livro Ajoelhar Jamais, da Editora Appris, Os Velhacos, e Namida Taiko pela Editora Insight, em coautoria com Helena Douthe. Nasceu em Arapongas, no Paraná. É formado em Ciências Contábeis pela UFPR.

### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Francis Yoshi Kawa: Quando tinha 16 anos por influência de um colega no colégio onde estudava, comecei a escrever textos de no máximo duas páginas. Parei de escrever aos 20 anos quando vim para Curitiba e arrumei emprego. Voltei a escrever faz uns oito anos em coautoria com Helena Douthe.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro “Um olhar no mirante”. Poderia comentar?**

Francis Yoshi Kawa: O livro "Um Olhar no Mirante" é o primeiro livro que escrevo sozinho. Está ambientado nos anos 1980 em uma cidade dominada por poderosos. No dia de baile de debutantes

que acontece em um clube de alta sociedade, um rapaz é descartado cruelmente devido sua condição social.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

Francis Yoshi Kawa: Acho que se pode dizer um projeto, como um maquete usado na engenharia de construção. É feito um esboço do livro, onde tem início, meio e fim. Inspiração e transpiração produz o recheio da obra.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

Francis Yoshi Kawa: Sergei é um personagem secundário. Mas o pouco que ele aparece provoca mudança no

enredo. Ele e Jennifer são dois desajustados, como dois anjos caídos. Ele diz que ela é a mulher mais linda do universo. Ela responde que são os olhos dele que a vêem linda, antes de ir embora. No final os dois se salvam.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

Francis Yoshi Kawa: O livro "Um Olhar no Mirante" está a venda na Amazon, na versão ebook. Outras informações estão no Google, é só digitar o título do livro.

**Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

Francis Yoshi Kawa: Acho que é importante definir para qual público pretende escrever.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Francis Yoshi Kawa: Pretendo escrever um romance que seja o contrário deste cenário de pandemia que estamos vivendo.

**Perguntas rápidas:**

Um ator ou atriz: Catherine Deneuve

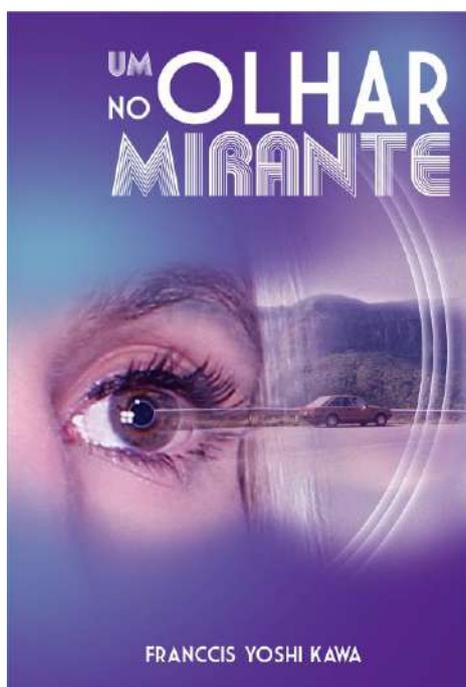
Um filme: Titanic

Um hobby: Escrever

Um dia especial: O primeiro dia do próximo ano, esperando que seja melhor que o anterior.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

Francis Yoshi Kawa: Escrever é construir um mundo que não existe. É como se estivesse dentro de um sonho perseguindo miragem. É forte razão para seguir em frente.



 revista  
CONEXÃO LITERATURA

FANPAGE

WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

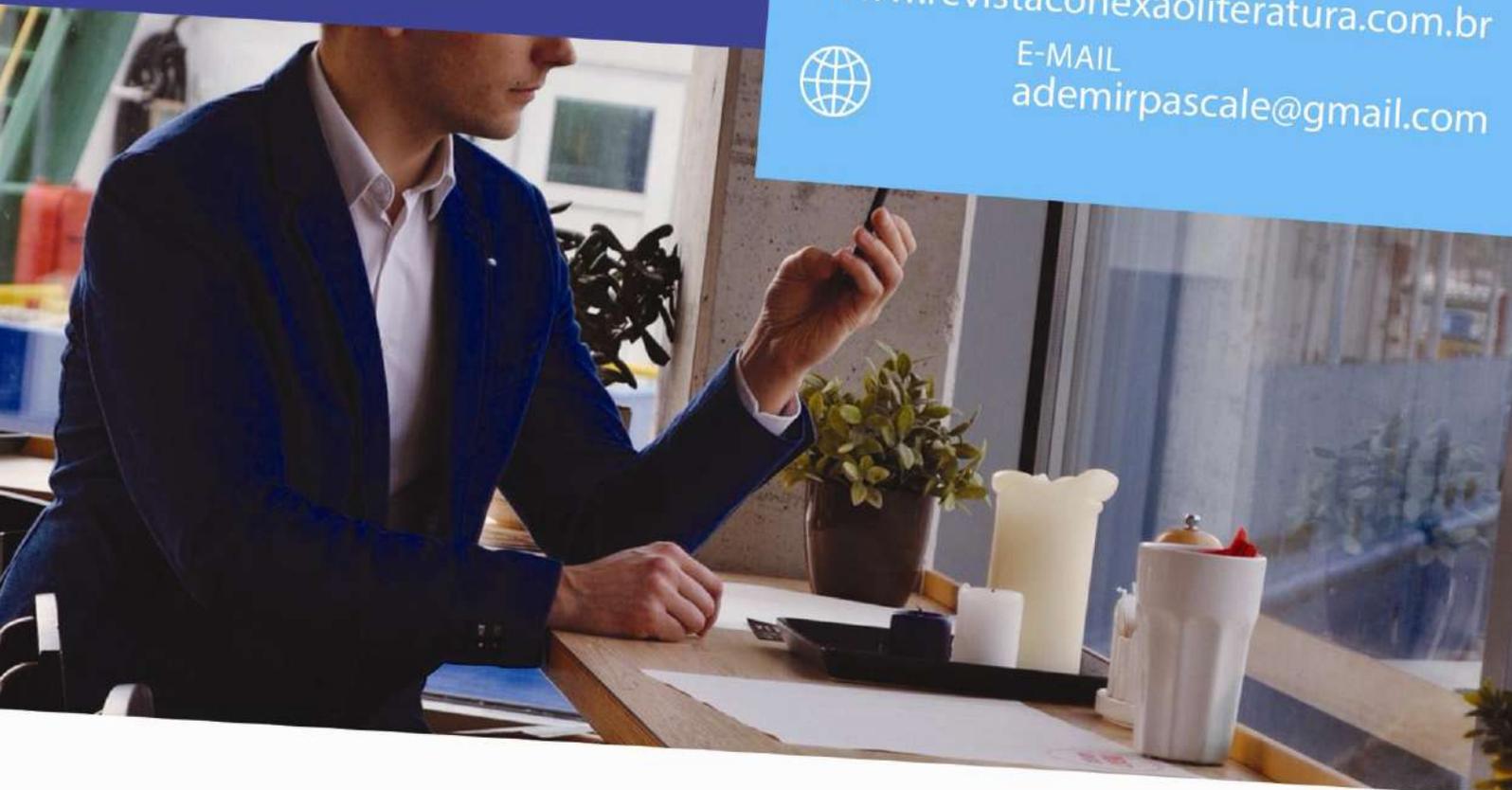
SITE

www.revistaconexaoliteratura.com.br



E-MAIL

ademirpascale@gmail.com



agilidade



apareça



público-alvo

## PACOTE DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

POR APENAS R\$ 100

Somos especialistas em divulgação de  
livros e autores.

Conheça o Pacote Divulgação e veja o  
custo/benefício

O pacote inclui entrevista com o  
autor(a), divulgação nas redes soci-  
ais Facebook, Twitter e Instagram e  
publicação na revista literária e  
digital Conexão Literatura.

**BÔNUS:** Você ainda ganha a  
publicação do  
release no site  
da revista

SAIBA MAIS, ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

# ENTREVISTA COM O ESCRITOR

## JARDEL AMARAL

POR ADEMIR PASCALE



Jardel Amaral é médico e escritor. Natural de Niterói no Rio de Janeiro. Casado e com filhos. Já publicou na internet no Wattpad e em revista conceituada. Tem dois livros publicados, um romance com o título de Mudança de Rota e um de contos com o título A Primeira Vez e Outros Contos.

### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Jardel Amaral: Há uns dez anos a minha esposa vendo eu ser um leitor voraz sugeriu que eu escrevesse um livro. Gostei da sugestão e comecei.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro “Corrompidos”. Poderia comentar?**

Jardel Amaral: Foi um livro que tive muito prazer em escrever. Ele é totalmente ficcional. Tento sem ser muito radical na descrição do passado dizer e na descrição do presente mostrar. Uso hífen para o diálogo no presente e aspas para o diálogo no passado.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

Jardel Amaral: Levei dois anos escrevendo. Usei muito a internet e um livro de não-ficção.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

Jardel Amaral: A epígrafe:

“Todo homem tem seu preço, diz a frase. Não é verdade. Mas para cada homem existe uma isca que ele não consegue deixar de comer.” Friedrich Nietzsche.

**Conexão Literatura: Quais dicas daria aos autores em início de carreira?**

Jardel Amaral: Ler e não desistir de escrever.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco**

**mais sobre você e o seu trabalho literário?**

Jardel Amaral: Sobre mim nas redes sociais. Editora Novo Século e no selo Talentos da Literatura (site, instagram e facebook), também, no meu instagram jardelamaraljr.

Para adquirir nas livrarias Curitiba e Leitura, na Amazon e no Google Books (livro e e-book), na Magalú (livro), Google play (e-book).

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Jardel Amaral: Não. Estou me empenhando no lançamento de Corrompidos.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Por Quem os Sinos Dobram

Um (a) autor (a): Ernest Hemingway.

Um ator ou atriz: Tom Hanks.

Um filme: Forrest Gump.

Um dia especial: Um dia de passeio em família.

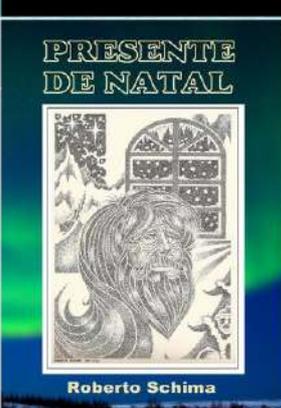
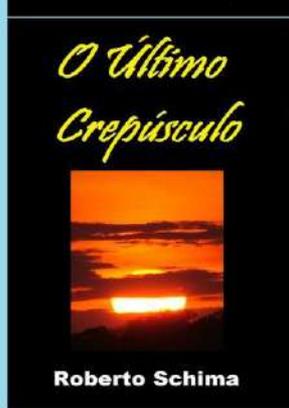
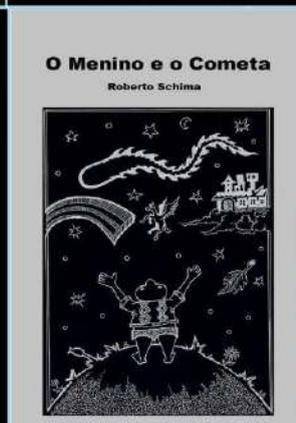
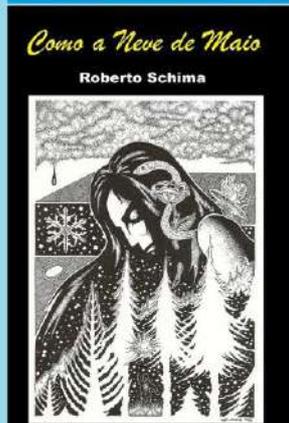
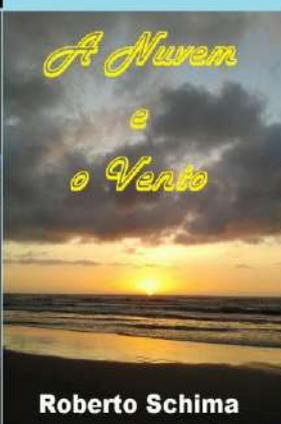
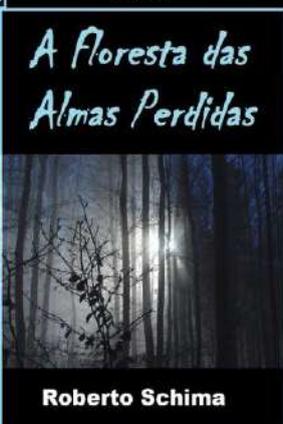
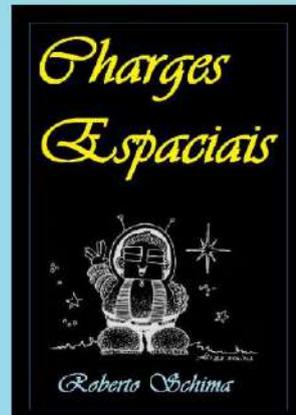
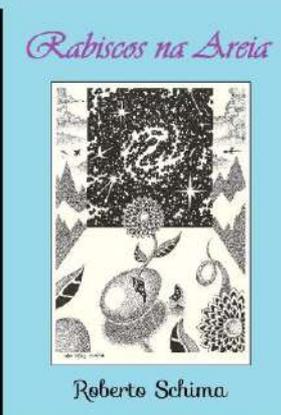
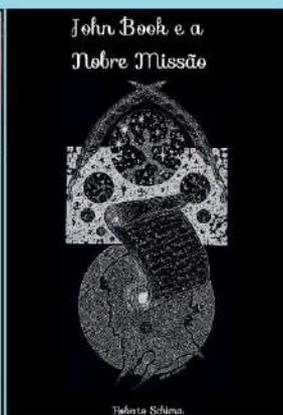
**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

Jardel Amaral: Gostaria de agradecer pela oportunidade.



Para ler no smartphone, tablet ou laptop:

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



wattpad 

ROBERTO SCHIMA - [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br)

Obs: Também no Clube de Autores, agBook, Amazon, Conexão Literatura, EFuturo, Marcianos como no cinema.

Maiores informações: Google.

# ENTREVISTA COM A ESCRITORA

## NAYARA LEMES

POR ADEMIR PASCALE



Nayara Lemes é autora internacional. Tem um diploma em literatura medieval francesa em diplomacia e relações internacionais. Interessa-se pelo meio-ambiente e pelo humanitário. Fala português, francês, inglês, espanhol e holandês. Trabalha dia a dia para o despertar das consciências. Vive com a sua família na Bélgica, onde combina a paixão pela escrita e os treinos de yoga.

### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

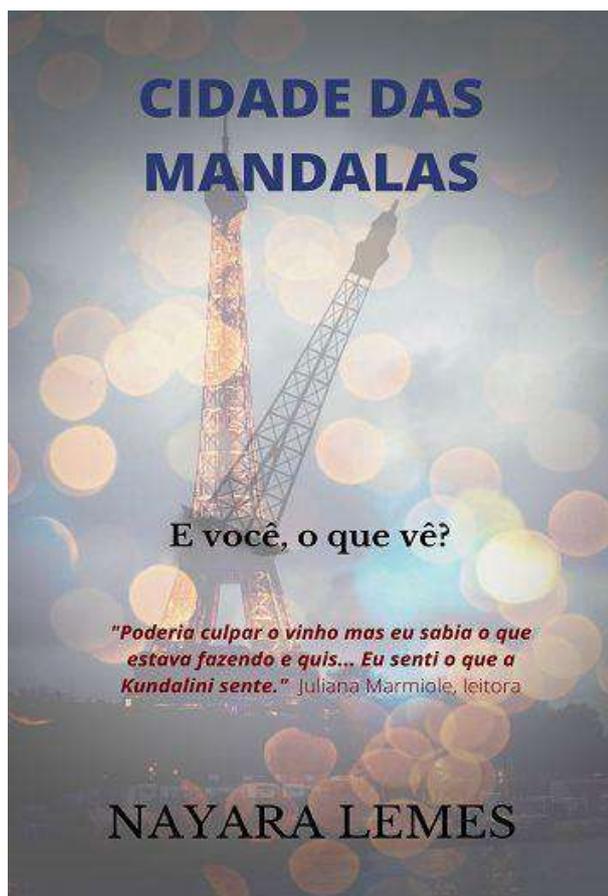
Nayara Lemes: Há 5 anos eu comecei a escrever uma história para ajudar mulheres. Mas eu nunca tinha tempo de terminar. Com a pandemia, eu fiquei desempregada e pude me dedicar aos livros. Foi assim que eu lancei o meu livro “Cidade das mandalas”, o primeiro da Coleção Kundalini, composta de 3 livros.

Atualmente, eu tenho mais dois projetos: um para o mês de janeiro 2021, Flor de mandala, e o outro para o mês de maio 2021, A Grande mandala. Para mais informações visite:

<https://www.facebook.com/nayara88>

**Conexão Literatura: Você é autora do livro “Cidade das mandalas”. Poderia comentar?**

Nayara Lemes: Paris é uma cidade viva, em todos os sentidos do termo, com aquelas ruas, os monumentos que te transportam para o passado e a onipresença da Torre Eiffel. O que existe lá que dá vida a cidade? E será que todos vêm e sentem a mesma coisa? O que faz que uma pessoa tome uma decisão quando a cidade parece te ajudar ou te atrasar a vida? Quando eu comecei a me interessar por esses motivos profundos que influenciam as pessoas, eu comecei a ver mandalas em todos os lugares. Eu entendi que nada acontece por acaso. O resultado é um livro que visa ajudar mulheres a se tornarem mestras de sua própria vida, de sua própria jornada.



**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

Nayara Lemes: A minha pesquisa foi a minha própria experiência e a minha vontade de buscar algo novo, de escrever livros e de ajudar as pessoas. Isso se intensificou quando eu comecei a me interessar por yoga e a reconhecer as mandalas em todos os lugares, objetos e mesmo em coisas que não via. Começou há 5 ou 6 anos e só terminará quando eu passar para o outro lado do Véu. Mas o livro eu concluí esse ano (risos).

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

Nayara Lemes:

— Esse já é o quinto reagrupamento dessa semana. Toda essa gente, respirando o mesmo ar viciado... tsc tsc tsc, nada saudável. — Explicou Michel. — A multidão estava ontem atirando pedras no Palácio da Justiça e mesmo contra as outras pessoas. Veja.

De onde estávamos, os seus dedos apontaram algumas janelas em reforma no primeiro andar do antigo prédio parisiense.

— Engraçado que ontem de madrugada, quando ninguém mais estava na rua, também ouvi barulho de pedras sendo atiradas e estilhaçando os vidros.

— De madrugada? Esse povo perdeu a noção de quando é hora de fazer barulho. Você chamou a polícia?

— O engraçado, Kundalini — ele se aproximou sob um tom de confiança — é que não tinha ninguém na rua!

— Como assim? Então quem estava jogando pedras?

Dando uma piscadela, Michel fez um movimento de pescoço, chamando-me.

Andamos um pouquinho até uma gárgula bizarra parada no meio de um triângulo que unia três ruas pedestres. Estava ligeiramente inclinada para baixo e as suas garras demoníacas pareciam prontas para apanhar uma das pedras soltas da calçada, bem embaixo do monumento.

Eu encarei o feio monumento. Depois Michel.

— E? — Perguntei-lhe.

— Veja o que ela está fazendo.

O meu olhar depositou-se novamente sobre a gárgula.

— Está abaixada e parece que vai pegar uma pedra para atirar.

— Exato. — Disse ele, parecendo de repente não tão perdido. — Essa gárgula é uma estátua de pé. Veja.

Michel tirou o telefone celular do bolso e mostrou-me a foto de uma gárgula idêntica em pé.

Eu observei a foto sem acreditar muito no que ele dizia.

— Você com certeza se enganou. Essa não é a mesma gárgula!

Michel não se deixou abater. Zapeou para a foto seguinte com o dedo polegar.

— Veja essa. Eu passei aqui ontem, a gárgula estava um pouco inclinada. Hoje está literalmente abaixada. E veja!

O seu dedo indicou a direção de uma casa, com vidros quebrados.

Os meus olhos reviraram de impaciência para o Véu poluído.

— E agora as gárgulas se movem?

O seu olhar azul lutou contra o meu. Tinha um quê de ingenuidade, como uma criança e eu não pude conter a risada.

— Você é realmente uma figura, alguém já te falou isso, Michel?

O rapaz não se deu o trabalho de tentar me convencer. Simplesmente pegou o celular, tirou uma terceira foto da gárgula como ela estava, deu-me adeus e começou a andar na direção oposta.

— Calma, calma. Não tome pessoalmente.

Quieto, os lábios costurados, Michel interrompeu os passos e fitou-me. Os

seus olhos azuis vítreos estudaram-me por dentro. Senti um arrepio na espinha.

— Estou calmo, Kundalini. Mas não perderei o meu tempo tentando convencer quem me toma por um débil.

A sua cabeça pendeu sobre o pescoço e balançou, mesmo a sua fala acabada, lembrando-me aqueles cachorrinhos de outrora que se colocava atrás do carro. Por dentro, eu estava morrendo de rir, mas não podia deixá-lo partir daquela maneira.

— Eu não o tomo por um débil. — Tentei desculpar-me segurando-o pelo antebraço e a sua cabeça girou em minha direção, balançando mais ainda. — É que eu entendi que, para você, as gárgulas, estátuas de pedra, estavam atirando coisas em casas e quebrando vidros.

— Não foi isso que eu disse. — Ele sublinhava as palavras. — Foi o que eu mostrei.

Os seus olhos piscaram e um sorrisinho tornou a nascer de leve no canto da boca, como se ele estivesse aguardando para ver como eu me sairia dessa.

Inspirei para responder e mudei de ideia no caminho.

Sacudi os ombros.

— O mundo exterior parece nos imitar, não? — Sugeriu Michel numa atitude desprendida. — O que pensamos aqui dentro parece se reproduzir aqui fora não é?

Os meus olhos correram da multidão até a gárgula. Da gárgula até a multidão. Uma era a imitação da outra.

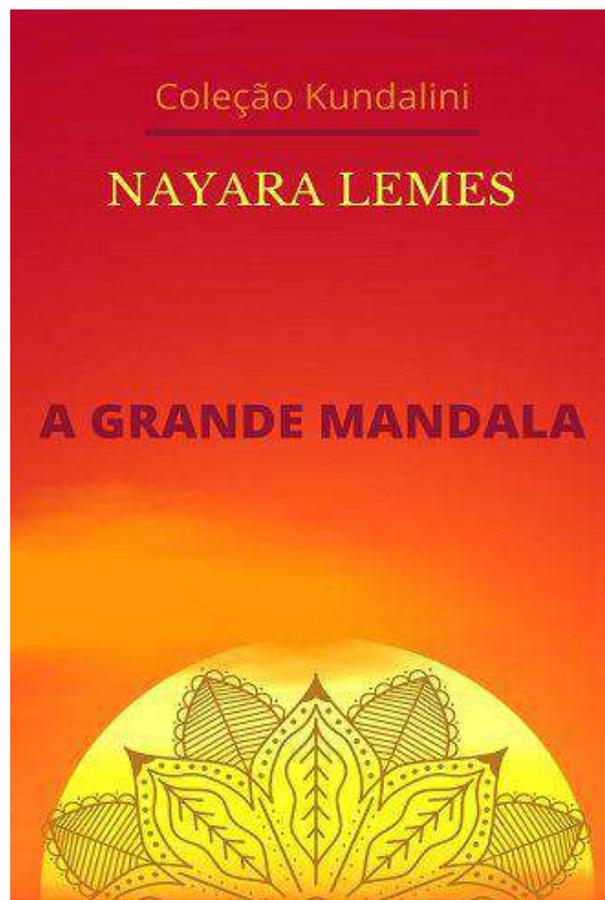
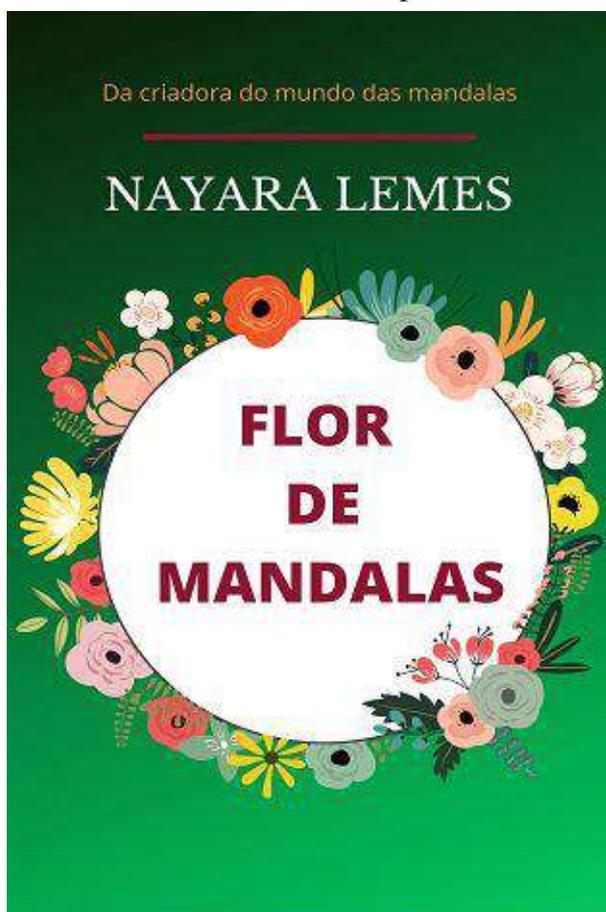
Não era possível.”

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Nayara Lemes: Você pode acessar a minha página no facebook <https://www.facebook.com/nayara88>. Para adquirir os meus livros, tudo acontece via Amazon. Tanto e-book quanto impressão sob demanda.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

Nayara Lemes: Sim. No site da Amazon, já está disponível para pré-venda o “Flor de mandala”, um livro para mulheres



líderes e empreendedoras. O lançamento é dia 27 de janeiro no kindle. [https://www.amazon.com.br/Flor-mandala-Nayara-Lemes-ebook/dp/B08R2TQNLN/ref=pd\\_rhf\\_dp\\_p\\_img\\_1?\\_encoding=UTF8&psc=1&refRID=D6GGY0G4Y592M6801386](https://www.amazon.com.br/Flor-mandala-Nayara-Lemes-ebook/dp/B08R2TQNLN/ref=pd_rhf_dp_p_img_1?_encoding=UTF8&psc=1&refRID=D6GGY0G4Y592M6801386) Nessa história, a protagonista Lia, lésbica, se vê obrigada a cumprir um pacto e ir para o altar com Jacob, o amor da vida da sua irmã Raquel. Inspirado de um poema de Camões, Lia deve assumir o seu passado para poder realizar a sua ideia de expandir o negócio de família, renovando-o e transformando-o numa empresa eco-sustentável. Enfrentar o seu passado, as consequências de suas ações e aprender a perdoar são lições que ela deve aprender. P

Outro projeto para 2021 é “A grande mandala”, sequência de “Cidade das Mandalas” que também já está disponível para pré-venda no site da Amazon. [https://www.amazon.com.br/Cidade-mandalas-Cole%C3%A7%C3%A3o-Kundalini-Livro-ebook/dp/B08QVN6K2K/ref=sr\\_1\\_2?dchild=1&qid=1608641141&refinement\\_s=p\\_27%3ANayara+Lemes&s=digital-text&sr=1-2&text=Nayara+Lemes](https://www.amazon.com.br/Cidade-mandalas-Cole%C3%A7%C3%A3o-Kundalini-Livro-ebook/dp/B08QVN6K2K/ref=sr_1_2?dchild=1&qid=1608641141&refinement_s=p_27%3ANayara+Lemes&s=digital-text&sr=1-2&text=Nayara+Lemes) Kundalini, protagonista em “Cidade das mandalas”, entende o que a morte do seu pai representou na sua vida. Em “A grande mandala” ela deve rever a relação com a sua própria mãe e os mistérios que cercam o seu nascimento.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: O Amante, por Marguerite Duras

Um (a) autor (a): J. K. Rowling

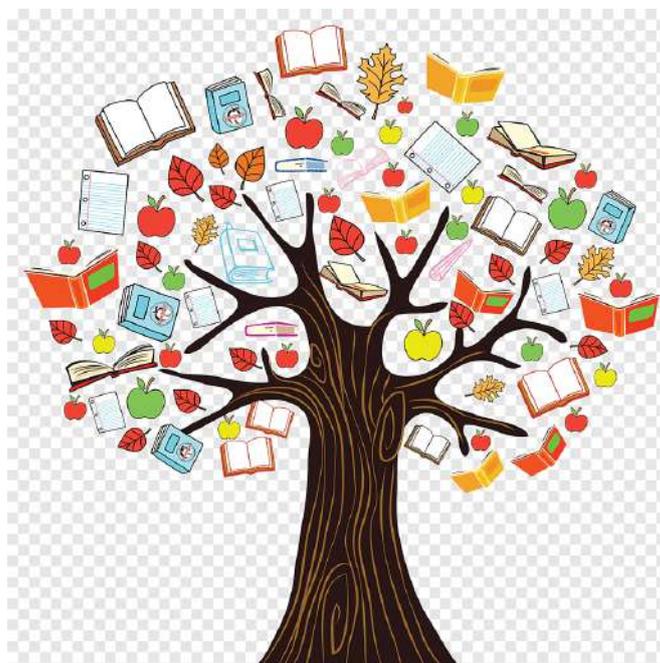
Um ator ou atriz: Camille Cottin e Will Smith

Um filme: O jantar dos malas ou Le dîner de cons

Um dia especial: Todos!

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

Nayara Lemes: Seja a mudança que você deseja ver no mundo.



# ENTREVISTA COM O ESCRITOR

## PEDRO FERREIRA

POR ADEMIR PASCALE



Nascido e criado em Mesquita, município da Baixada Fluminense, formado em Administração de empresas e pós-graduado em Marketing, Pedro Ferreira desde 2000 divide seu dia a dia entre as atividades de empresário de oficina recuperadora, e a literatura. O que a princípio era hobby, tornou-se sério. Foi assim que nasceu o escritor Pedro Ferreira.

### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Pedro Ferreira: Bem, faz vinte anos que eu já sabia que iria começar a escrever e por conta de tantos trabalhos na Universidade veio o estímulo ainda maior para começar a escrever minhas crônicas em seguida começou os romances e logo em seguida as poesias!

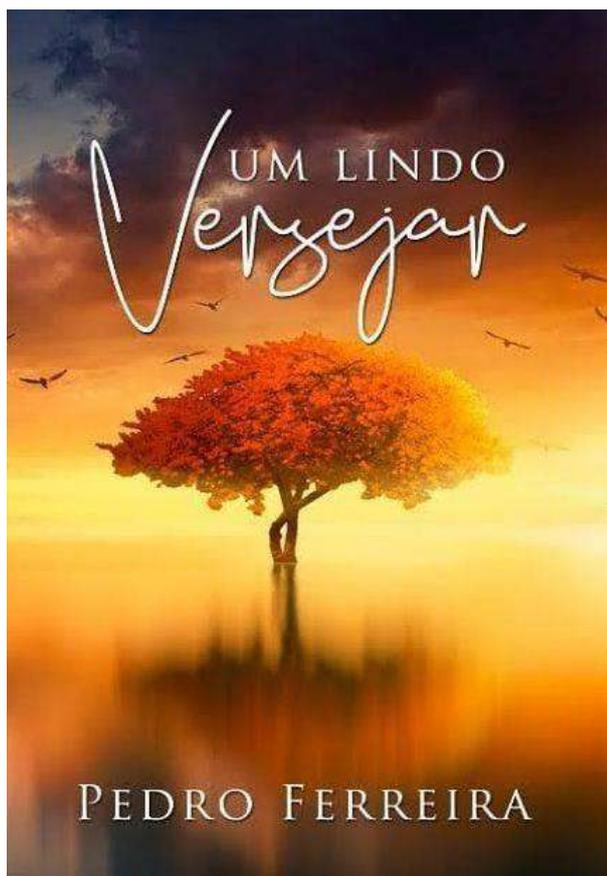
**Conexão Literatura: Você é autor do livro “Um Lindo Versejar”. Poderia comentar?**

Pedro Ferreira: Claro! Sou um dos poucos escritores a criar uma inusitada situação onde o livro ficou de ponta cabeça, ou seja, são duas frentes e mais de 280 poesias inéditas...

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua obra?**

Pedro Ferreira: bom, para escrever poesias não são necessárias pesquisas e sim mais criação, ou seja, uso bastante nosso dia a dia, no trabalho o que vivo, as coisas que sinto, meus desejos e vontades, são detalhes simples que faz nossas poesias acontecerem, e neste livro é ainda mais especial pelo fato de que, ele saiu de maneira exclusiva em um formato quase nunca visto... aí, só comprando o livro e viajar nestas linhas líricas!!

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de “Um Lindo Versejar” especialmente para os nossos leitores?**



Pedro Ferreira: No meu ver, a parte mais bacana é quando você chega no meio do livro e percebe que seguindo em frente tudo fica de cabeça para baixo, daí, é necessário que vire o livro e comece tudo outra vez! É Sensacional!!

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

Pedro Ferreira: Bom, quanto a aquisição é através dos contatos das redes sociais e sempre é garantido um frete grátis, para qualquer lugar do País, isso é fato, quanto ao escritor fico sempre lisonjeado quando recebo perguntas e mensagens me perguntando sobre diversas coisas...

percebo um grande número de pessoas que curtem bastante as poesias que são postadas nas redes sociais, vejo em cada história contada uma versão de alguém que posso imaginar. Em cada poesia uma certa ajuda para poder contar como seria uma possível solução, ou seja, é através das linhas que escrevo uma forma de expressar tudo o que sinto e quero para minha vida! Sou uma pessoa romântica e bem intensa. Gosto de viver de maneira tranquila e gosto e falo sempre sobre nossas belas mulheres!!

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Pedro Ferreira: Sempre há!! Para esse ano 2021 já temos dois projetos em curso, espero poder contar com apoio de todos aqueles que me leem e me seguem, assim espero que aconteça!!

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Um lindo Verzejar

Um (a) autor (a): Afrânio Peixoto (poeta) década de 1930

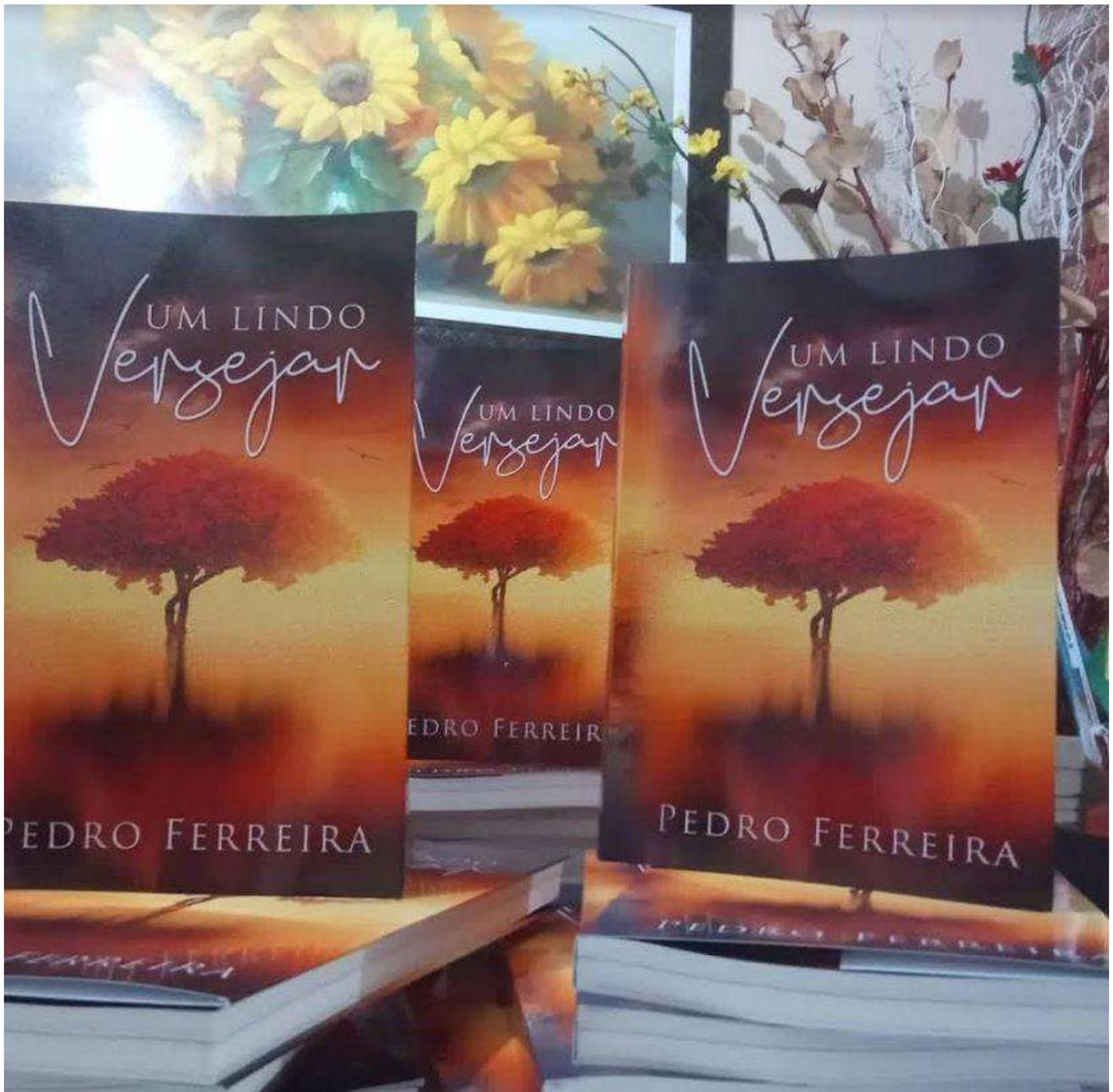
Um dia especial: dia do nascimento do meu filho 30/06/2000

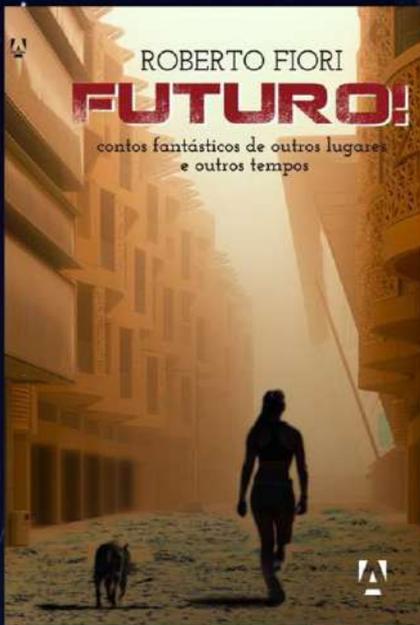
**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

Pedro Ferreira: Hoje, já tenho mais de 40 títulos publicados entre romances crônicas e poesias, além deste trabalho estou Presidente da Academia de Letras e

Artes Meritiense, e estou Presidente de Divisão do Lion Clube no Rio de Janeiro, são frentes de trabalhos que além de gostar me traz uma grande oportunidade de me fazer crescer muito mais como ser

humano, e tem tudo a ver com uma campanha que tenho a mais de 5 anos que diz o seguinte: UM GESTO DE CARINHO GERA UMA ONDA SEM FIM





CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE  
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS  
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E  
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]

# ENTREVISTA COM A ESCRITORA

## ROSANA PUGINA

POR ADEMIR PASCALE



Possui licenciatura em Letras e Pedagogia. É professora de Língua Portuguesa no ensino básico desde 2005. Desde o mestrado, estuda a literatura pornográfica. É doutora (CNPq) em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista (FCLAr). Fez doutorado-sanduíche (CAPES) na Universidade Nova de Lisboa em Portugal. Além de diversos artigos publicados, tem ainda capítulos nos seguintes livros: *Linguagem, sentido e sociedade* (2017); *Mulheres contemporâneas: discurso e produção de sentidos* (2019); *Literatura erótica e pornográfica: estudos teóricos e críticos* (2020); e *Ciências da linguagem em perspectiva* (2020). Participa do Grupo de Estudos Bakhtinianos de Gêneros do Discurso (GEBGE), da Universidade de Franca (Unifran), e do Grupo de Estudos Filhas de Avalon, da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Publicou a sua tese em livro em 2020: “Um ‘depoimento sócio-histórico-lítero-pornô’: relações dialógicas, carnavalização e corpo grotesco em ‘A casa dos budas ditosos’, de João Ubaldo Ribeiro”. No Instagram, em seu perfil @letra\_erotica, trata da literatura e da crítica no campo da pornografia.

### Entrevista

#### Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Rosana Pugina: desde a infância, tive contato com obras literárias pertencentes à biblioteca da minha mãe, privilégio este que, infelizmente, poucas pessoas têm. Já na idade escolar, fui alfabetizada em casa pela minha mãe, que também tem formação em Letras, por meio da leitura das aventuras do *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato, de onde partiu a minha paixão pela literatura. Daí em diante, sempre estive rodeada por livros. Durante a graduação, meu leque de conhecimentos literários se ampliou consideravelmente, de onde deriva o meu

interesse por obras marginalizadas pelo cânone dito universal. Em consequência disso, no mestrado, fui estudar a literatura erótica através da análise de contos brasileiros do século XXI, e no doutorado, debruçei-me sobre o gênero romance, com ênfase na obra *A casa dos budas ditosos*, do escritor baiano João Ubaldo Ribeiro.

#### Conexão Literatura: Você é autora do livro *Um "depoimento sócio-histórico-lítero-pornô"*. Poderia comentar?

Rosana Pugina: Sim, sou a autora desta obra que traz o resultado da minha trajetória como pesquisadora em nível de



doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista (Unesp/FCLAr). O livro apresenta temas relativos à história da literatura erótica mundial e também brasileira. Para isso, passeia por muitos conceitos, tais como: erotismo, pornografia, obscenidade, carnavalização, grotesco, estudos bakhtinianos, gêneros discursivos, etc., todos eles bastante caros à análise que proponho a partir da leitura do romance ubaldiano citado.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

Rosana Pugina: é importante ressaltar que a minha obra não é literária. Como disse anteriormente, é resultado da minha pesquisa de doutorado. Entretanto, mesmo que a escrita não seja literária, é preciso que haja inspiração para que a análise proposta seja interessante e proveitosa para o leitor do ponto de vista acadêmico. Ademais, o meu objeto de

estudo é uma obra literária, fato este que, de um jeito ou de outro, traz a magia dessa arte à baila em toda a obra.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

Rosana Pugina: Singularmente, gosto das conclusões. Aponto aqui o último parágrafo da publicação, inclusive porque explana o título da obra: “sobre o romance objeto da pesquisa, espera-se ter analisado profundamente CLB, uma mulher senhora do seu corpo e dos seus atos, em cuja axiologia sobressai uma orgulhosa legitimação do prazer em oposição ao caráter maldito que o discurso religioso atribuiu historicamente ao corpo e à sexualidade. A sua gênese, portanto, refrata e reacentua vozes do grande tempo. Sob o arcabouço teórico proposto, intenciona-se ter demonstrado a sua tendência singular de anarquizar o discurso e ver, com olhar crítico, os usos e os costumes da sociedade: subversão e carnavalização são elementos constitutivos da personagem, que vive e propõe a vida saturada por uma liberdade sexual plena até a velhice, tendo registrado tudo isso em seu ‘depoimento sócio-histórico-lítero-pornô’”.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

Rosana Pugina: O meu livro está à venda no site Estante virtual, basta procurar por “Rosana Pugina”. Sobre mim, além dos textos da orelha e da contracapa do livro, indico a minha conta no Instagram

(@letra\_erotica), na qual faço indicações de livros no campo da pornografia e também nos estudos relativos a esse tema. Como sou pesquisadora, tenho perfil na Plataforma Lattes, no qual listo todas as minhas produções acadêmicas no área da literatura pornográfica, que é um campo bastante profícuo nos estudos literários, haja vista a curiosidade que as temáticas de Eros despertam nas pessoas.

**Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

Rosana Pugina: Para mim, é melhor falar com pesquisadores em início de carreira. A minha dica é: amem os seus objetos de análise para que vocês possam ter sempre ânimo e inspiração para continuar as pesquisas. Afinal, serão anos de contato direto com o *corpus* selecionado nos âmbitos acadêmico e pessoal, situação esta que exige que tenhamos muito apreço pelo nosso objeto de estudo, bem como por nossas escolhas teórico-metodológicas. Portanto, pesquisem com paixão, assim, o trabalho não será tão árduo.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Rosana Pugina: Sim, na sequência, penso em seguir os meus estudos em nível de pós-doutorado, agora no campo da literatura erótica sadomasoquista, outro nicho bastante marginalizado pelo cânone e também pela própria academia.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Três, na verdade (risos), a trilogia pornográfica de Hilda Hilst, presente na obra *PornoChic* (2018).

Um ator ou atriz: Prefiro escritor ou escritora. João Ubaldo Ribeiro e Simone de Beauvoir.

Um filme: *O carteiro e o poeta*

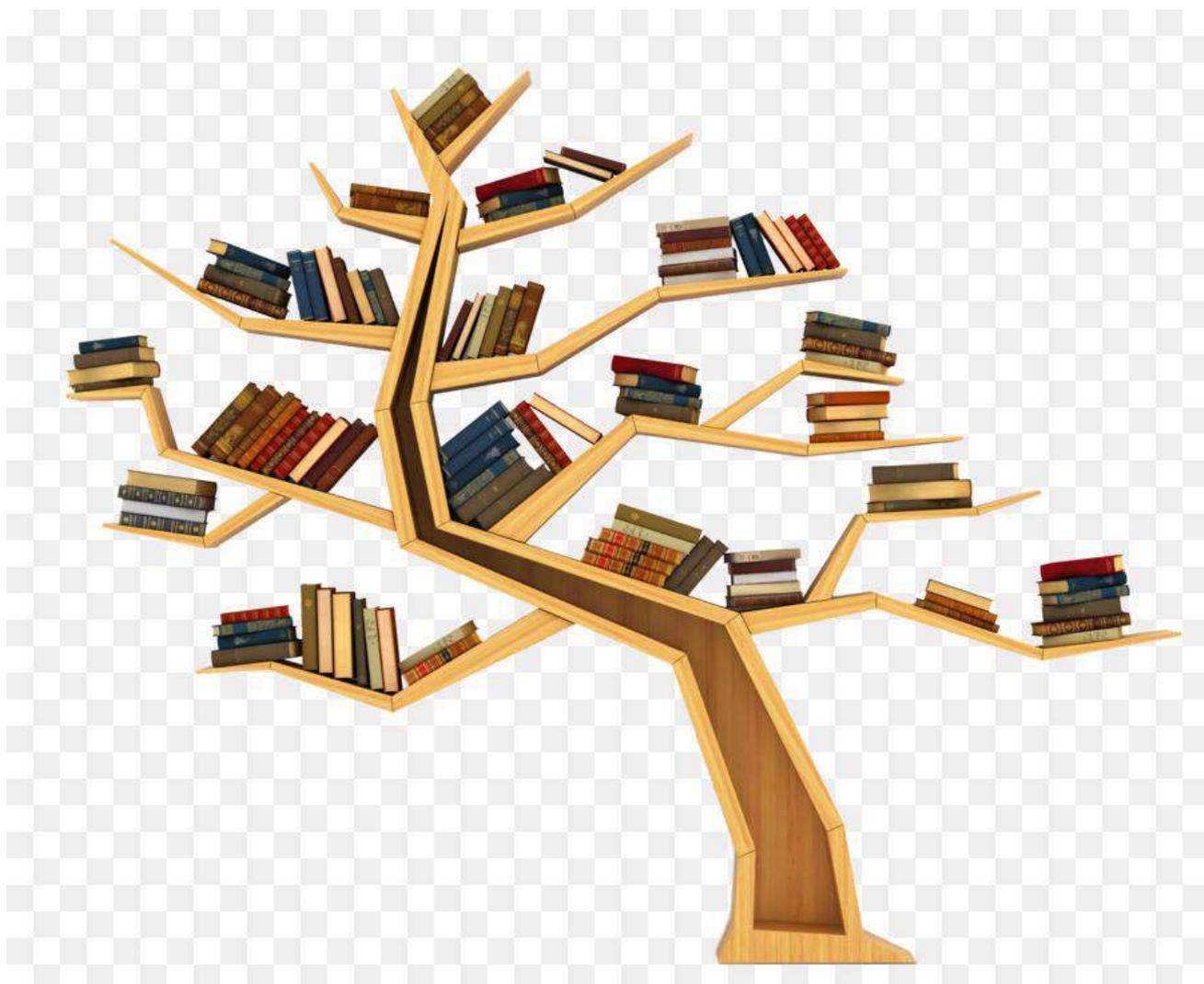
Um hobby: as minhas gatas: Simone de Beauvoir e Clarice Lispector

Um dia especial: Meses especiais, na verdade: o tempo em que vivi em Lisboa para cursar uma parte do meu doutorado.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

Rosana Pugina: Espero trazer luz às questões abordadas por João Ubaldo

Ribeiro na obra *A casa dos budas ditosos*, especialmente quanto aos assuntos relativos à sexualidade feminina, à liberação das amarras sociais e à superexposição do corpo e do sexo. Como estou por aí, pelas redes, gostaria de interagir com os leitores da minha pesquisa para que possamos, juntos, dimensionar a riqueza da literatura erótica, sublinhando a forma magistral como Ubaldo faz isso no romance estudado.



FAÇA JÁ

A SUA  
ASSINATURA

TODO MÊS O ASSINANTE RECEBERÁ UMA CAIXA CONTENDO  
UM LIVRO DE CONTOS E DIVERSOS BRINDES



# CLUBE DO LIVRO

U N I Ã O

PARA QUEM É APAIXONADO POR LIVROS

ACESE O SITE

[WWW.CLUBEDOLIVROUNIAO.COM.BR](http://WWW.CLUBEDOLIVROUNIAO.COM.BR)

ACESE A CAMPANHA DO CLUBE DO LIVRO UNIÃO NO CATARSE E CONHEÇA AS  
ÓTIMAS RECOMPENSAS

[WWW.CATARSE.ME/SALVEM\\_O\\_SITE\\_DE\\_LIVROS\\_UNIAO\\_FAZ\\_A\\_FORCA](http://WWW.CATARSE.ME/SALVEM_O_SITE_DE_LIVROS_UNIAO_FAZ_A_FORCA)

# ENTREVISTA COM O ESCRITOR

## RAPHAEL DA COSTA

POR ADEMIR PASCALE



Raphael da Costa nasceu em 2010, escritor, pianista, baterista, compositor, youtuber, cria jogos/animações é autista, tem TDAH e superdotado. Transformou sua “disabilidade” em habilidade. Membro da Academia Internacional de Literatura. Atualmente mora nos Estados Unidos com sua mãe, seu cão de serviço e sua furão.

### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário? Quem te inspirou a escrever?**

Raphael da Costa: Minha mãe foi minha inspiração ao vê-la lendo e escrevendo o tempo todo.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro “I Love You Mamma - Eu Te Amo, Mamã”. Poderia comentar?**

Raphael da Costa: O livro fala das coisas que eu faço com minha mãe que eu mais gosto, então quis mostrar que a amo.

**Conexão Literatura: Quanto tempo levou para concluir seu livro?**

Raphael da Costa: Eu escrevi aos 7 anos mais ficou guardado até minha mãe encontrar os escritos após 2 anos.

Não me lembro em quanto tempo escrevi.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

Raphael da Costa: Quando fala que vamos ao mercado e minha mãe me coloca dentro do carrinho de compras.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

Raphael da Costa: Está disponível pelo Amazon mais podem falar com minha mãe pelo Instagram [@renata1981costa](#)/[@renatacosta1981](#) ou pelo meu Instagram [@E3editions](#)

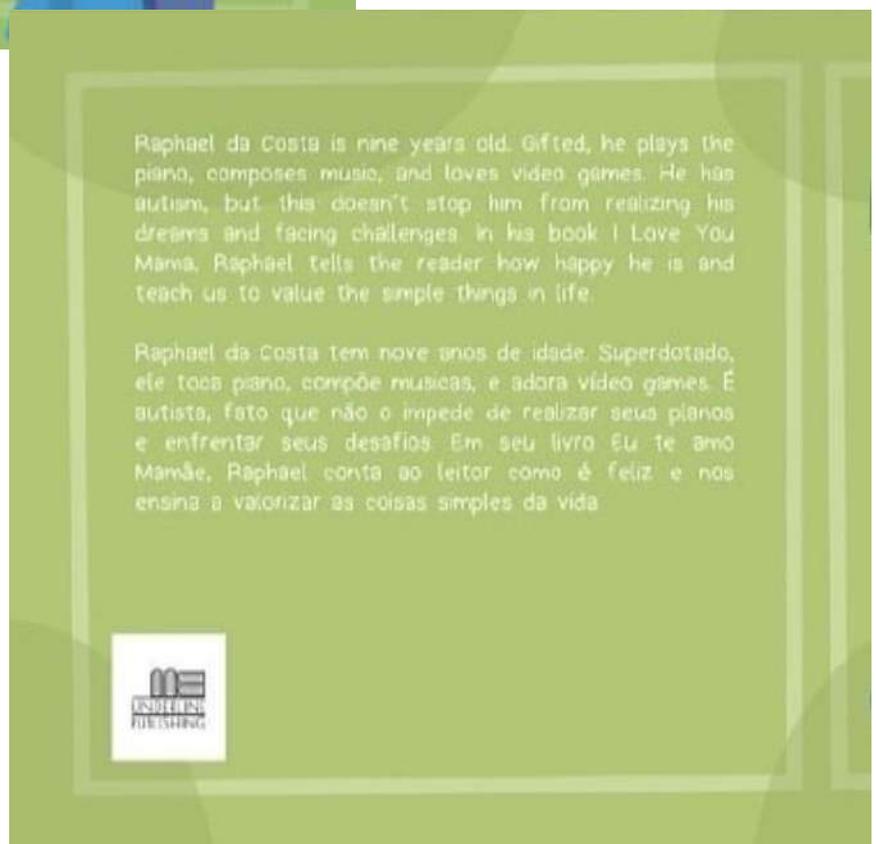
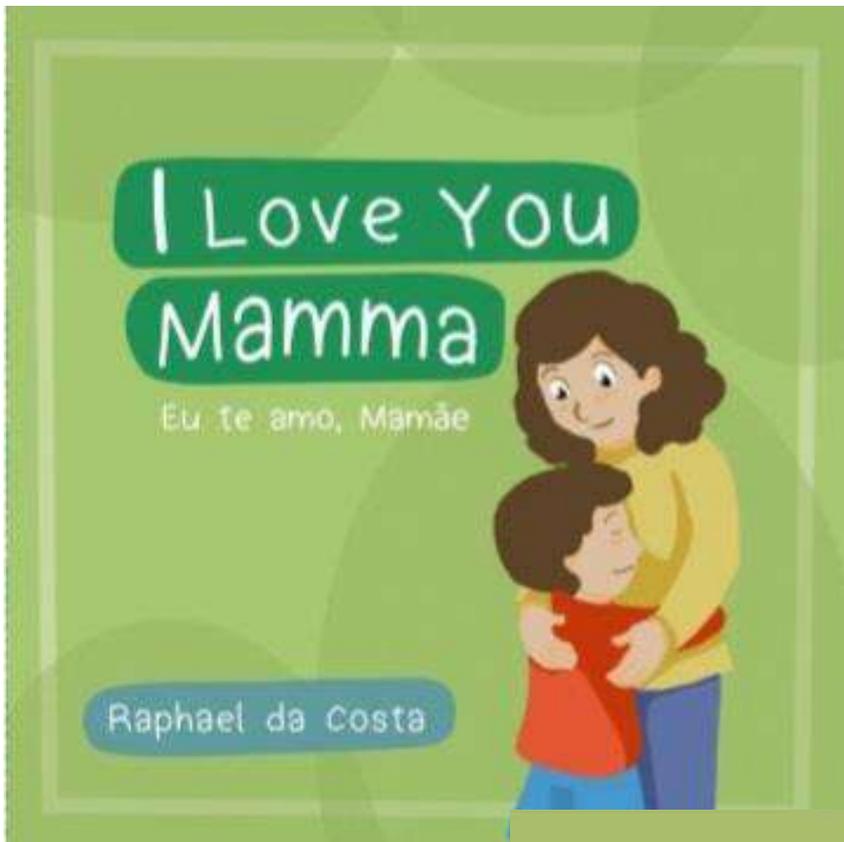
**Conexão Literatura: Pretende escrever mais livros?**

Raphael da Costa: Já tenho mais 2 prontos para serem publicados. Se vou escrever mais? Não sei.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

Raphael da Costa: Atualmente estou me dedicando a composição musical porque

sou pianista e já compus 3 músicas para 3 shows de TV nos EUA. E dedico também a criar jogos eletrônicos.



Raphael da Costa is nine years old. Gifted, he plays the piano, composes music, and loves video games. He has autism, but this doesn't stop him from realizing his dreams and facing challenges in his book I Love You Mama. Raphael tells the reader how happy he is and teach us to value the simple things in life.

Raphael da Costa tem nove anos de idade. Superdotado, ele toca piano, compõe músicas, e adora vídeo games. É autista, fato que não o impede de realizar seus planos e enfrentar seus desafios. Em seu livro Eu te amo Mamãe, Raphael conta ao leitor como é feliz e nos ensina a valorizar as coisas simples da vida.



# ENTREVISTA COM A ESCRITORA

## RENATA DA COSTA

POR ADEMIR PASCALE



Renata da Costa é Goiana, Professora, Escritora, Atriz, Produtora Executiva, Artesã, Fotógrafa, Mãe e Autista. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira. Ama escrever desde os 12 anos e faz da escrita o seu porto seguro. Autora da obra Meu Pequeno Grande Mundo que fala sobre seu filho autista e também escritor, autor da obra I love you Mamma. Ambos disponíveis pelo Amazon. Já escreveu poesia, conto, teatro, paródia e infantis. Possui poemas e contos publicados em várias antologias, inclusive em Portugal.

### Entrevista

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Renata da Costa: Eu escrevo desde os meus 12 anos. Já passei pela poesia, contos, paródias, teatro e agora literatura infantil. Sempre amei escrever.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro “My Little Big World - Meu Pequeno Grande Mundo”, com ilustração de Natália Soares. Poderia comentar?**

Renata da Costa: Este livro relata como é o comportamento de um autista em diferentes ambientes e ensina o leitor pela voz de um autista como lidar com ele.

Fiz após o diagnóstico do meu filho e mandei pra escola e para os amigos aprenderem sobre ele.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

Renata da Costa: As pesquisas nunca acabam, mais este livro foi concluído em 1 ano mais ficou na gaveta por 3 anos.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro?**

Renata da Costa: É só acessar o site da Amazon:

<https://www.amazon.com/Little-Big-World-Renata-Costa/dp/1949868028>

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

Renata da Costa: Com certeza. Já tenho 3 livros infantis prontos pra publicar, estou a escrever mais 2 infantis, minha

autobiografia fora os 8 de poema, mais só tenho 2 aqui comigo.

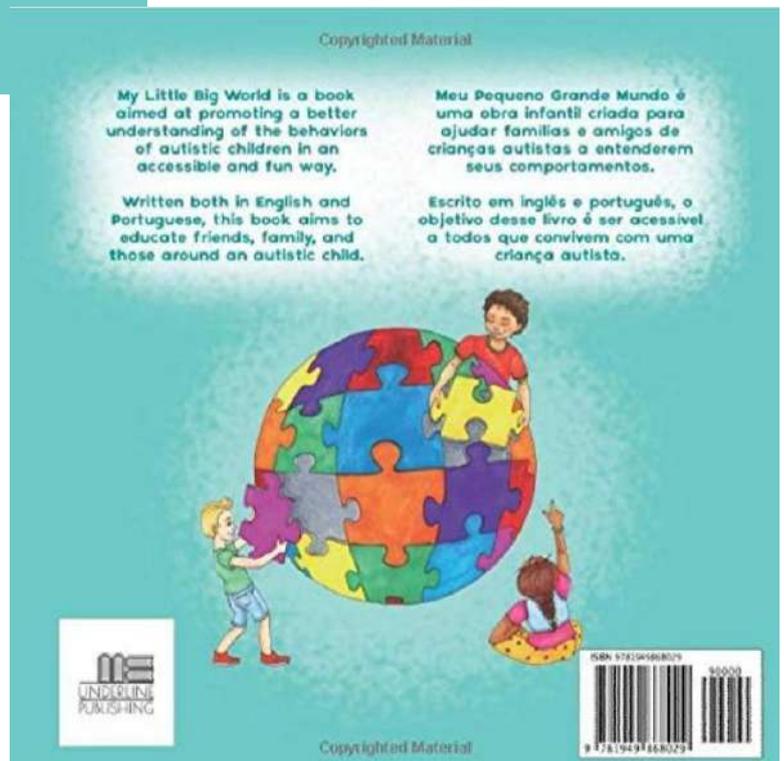
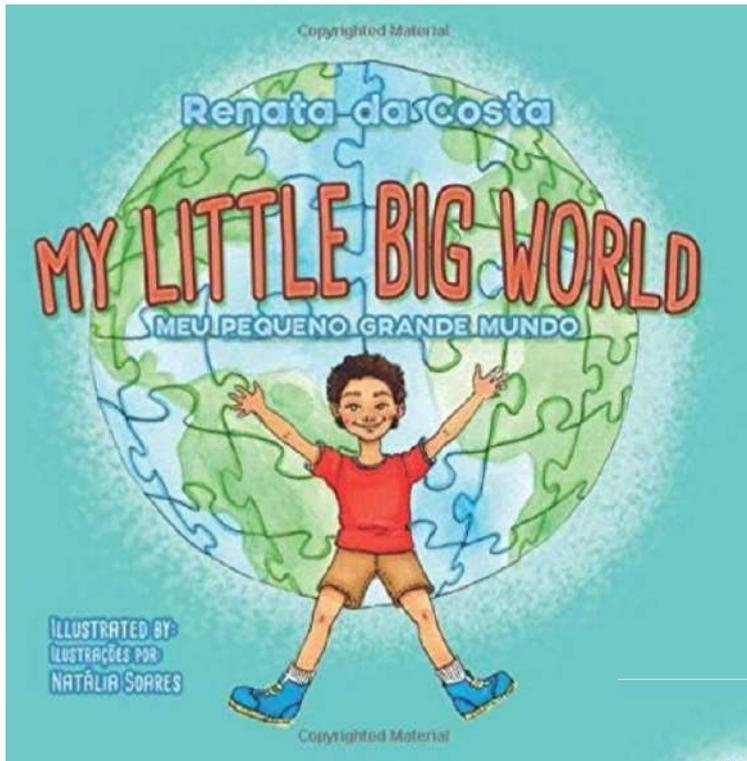
**Perguntas rápidas:**

Um livro: Lira dos 20 anos

Um (a) autor (a): Alvarez de Azevedo

Um ator ou atriz: Putz lol Eu mesmo, eu sou atriz

Um dia especial: O dia que meu filho nasceu.





# O DOMINGO DO SENHOR STANLEY

## POR MASSILON SILVA

### Conto

---

**N**aquela manhã o Sr. Stanley acordou bem disposto. Era domingo, e como costumava fazer vestiu camisa regata, bermuda, boné e tênis, não necessariamente nessa mesma ordem, partindo para sua caminhada matinal.

O relógio marcava cinco horas e os fones de ouvido que lhe traziam as notícias captadas pelo radinho de bolso falavam dos crimes da noite anterior com um saldo quase recorde de doze cadáveres no IML aguardando liberação pelos peritos que nunca chegam antes das dez horas. Falava também do tempo bom com temperatura estável, sem previsão de chuvas para o período. Nenhuma nuvem, sequer uma de fraca extensão vertical interrompia o caminho percorrido pela luz solar durante breves oito minutos, desde o nosso astro luminoso até o chão em que pisava. As luzes dos postes que se enfileiravam na avenida travavam uma luta contra o astro rei, que insistia em ofuscá-las com seu brilho superior.

Encerrada a etapa exercitante, nosso atleta de canteiro central recolheu seus paramentos e passou à próxima etapa da rotina prevista para aquele dia, que seria exaustiva, mas prometia compensatória. Um banho lhe caiu bem, seguido de lauto desjejum composto por café, leite, pão, geléia e algumas frutas.

Finda mais uma etapa vestiu-se à domingueira, disse um até logo para a família e sumiu entre postes, casas, carros, crianças, casais e tudo mais que não fosse ele mesmo.

Começava assim seu domingo e com ele uma história completa de acontecimentos, quase todos devidamente programados.

Primeira parada a igreja. Não uma igreja qualquer mas a Catedral, porque era domingo, e dias especiais reclamam por lugares especiais. Ainda na calçada, degrau a degrau ocupou-se em distribuir esmolas sob a forma de cédulas de pequeno valor, na intenção de ser recompensado com uma graça futura, coisa que ninguém sabe o que é mas deseja. Adentrou ao templo apinhado de pessoas de todas as idades, casais de namorados, senhoras cobertas com véus de cores variadas, moças com seus decotes provocantes, crianças que, contrariando os pais e os padres, corriam entre bancos e atropelavam pessoas, tropeçavam em altares derrubando arranjos de flores, velas, castiçais e até imagens de santos milagreiros.

Foi até o confessionário mas desistiu da confissão, pois afinal para que tomar o tempo do vigário contando pecadilhos que não ensejavam uma condenação nem mesmo a alguns minutos de Purgatório. Deixaria o cura atarefado com a oitiva daquela senhora coberta da cabeça aos pés, que aparentava cansaço não se sabe se pelo peso dos anos ou dos pecados.

Durante a Santa Missa permaneceu contrito e atento às leituras das cartas dos apóstolos e do Santo Evangelho, naquele dia segundo São Lucas, recebendo depois a sagrada comunhão. Após as orações finais retirou-se com a leveza que as almas experimentam em momentos assim.

Deixando a igreja foi visitar um museu, coisa que havia muito tempo não fazia. Reviu peças antigas de porcelana chinesa, ossos de animais pré-históricos e até mesmo de pessoas de grande prestígio em priscas eras. Ali lembrou de uma história que lhe contara certa vez um amigo.

A história diz respeito a um organizador de caravanas de turismo que não entendia bulhufas de museu nem de história. Pois bem. Estando nosso empresário do turismo com um grupo que visitava um museu em Maceió, ao se deparar com duas ossadas humanas os turistas quiseram saber de quem se tratavam. Como no momento o guia estava ausente nosso herói que, no dizer de Nelson Rodrigues, era de uma ignorância enciclopédica, entrou em cena. Sobre o cadáver maior esclareceu ser de Zumbi e quando indagado sobre o de menor estatura respondeu sem titubear, ser também de Zumbi, porém quando era menino.

Depois do museu foi até o parque mais próximo e ali entre fontes sem a menor graça, árvores e plantas de nenhuma utilidade e gente com ar de quem nunca foi tão feliz, sentiu que as horas se passaram, partindo então para um restaurante da praia onde almoçaria com um ou dois amigos previamente convidados. Os assuntos seriam os de sempre: política, festas, trabalho, mulheres e tudo aquilo que é evitado, quando não totalmente proibido no ambiente sacrossanto do lar.

Chegando ao aprazível Recanto do Mar ficou por algum tempo sem nada pedir, à espera dos amigos que afinal não apareceram em face de assuntos urgentes ou

acontecimentos inesperados, comunicado que chegou a tempo e acompanhado das devidas vênias.

Mas nem tudo estava perdido. Olhando ao seu redor viu que em uma mesa próxima à sua, quase que colada, estava uma antiga namorada, que acompanhava ou se fazia acompanhar de marido e filhos.

Fisicamente não mudara muito mas deixava fluir uma aparência tanto ou quanto perturbadora. O marido se afogava em intermináveis goles de cerveja de marca indefinida e um enorme prato de caranguejo uçá, espalhando cascas e caldo pela mesa inteira, resultado daquelas pancadas irritantes do martelo de madeira contra o crustáceo, exatamente o que ela mais detestava na vida - cerveja sem álcool, caranguejo e as batidas do martelo de madeira, sem falar da sujeira que se estendia também às crianças, que nessas ocasiões imitam os hábitos do pai.

O Sr. Stanley pediu um prato de pitú do de água doce acompanhado apenas do tradicional vinagrete, pimenta e uma cerveja tradicional, com álcool, as coisas de que ela mais gostava nos velhos tempos em que namoravam e saíam juntos. Nem comeu todos os pitús, deixando mais da metade no prato para que sua ex ao olhar morresse de vontade e de saudade. Pagou a conta e saiu faceiro. Estava vingado.

Já satisfeito, exceto pela ausência dos amigos ao encontro de meio-dia, voltou para casa. Aquela segunda-feira seria sufocante como todas. Levaria as crianças à escola, a mulher ao laboratório de análises clínicas para uns exames de rotina, depois se afogaria em papéis sobre a mesa de trabalho, perder-se-ia entre carimbos e planilhas e receberia um cliente que solicitava um empréstimo em soma vultosa a quem não podia desapontar. Era bom cliente e dispunha das garantias suficientes para honrar o compromisso.

O que mais lhe deixava tranquilo era a aposentadoria que se anunciava. Em alguns dias não mais portas giratórias, não mais escadas, elevadores, papéis, carimbos. clientes - era bancário.

Após tomar banho foi até a padaria, localizada na mesma avenida na qual desfilara pela manhã seus dotes atléticos. As luzes estavam novamente acesas agora contrastando com os últimos raios de sol.

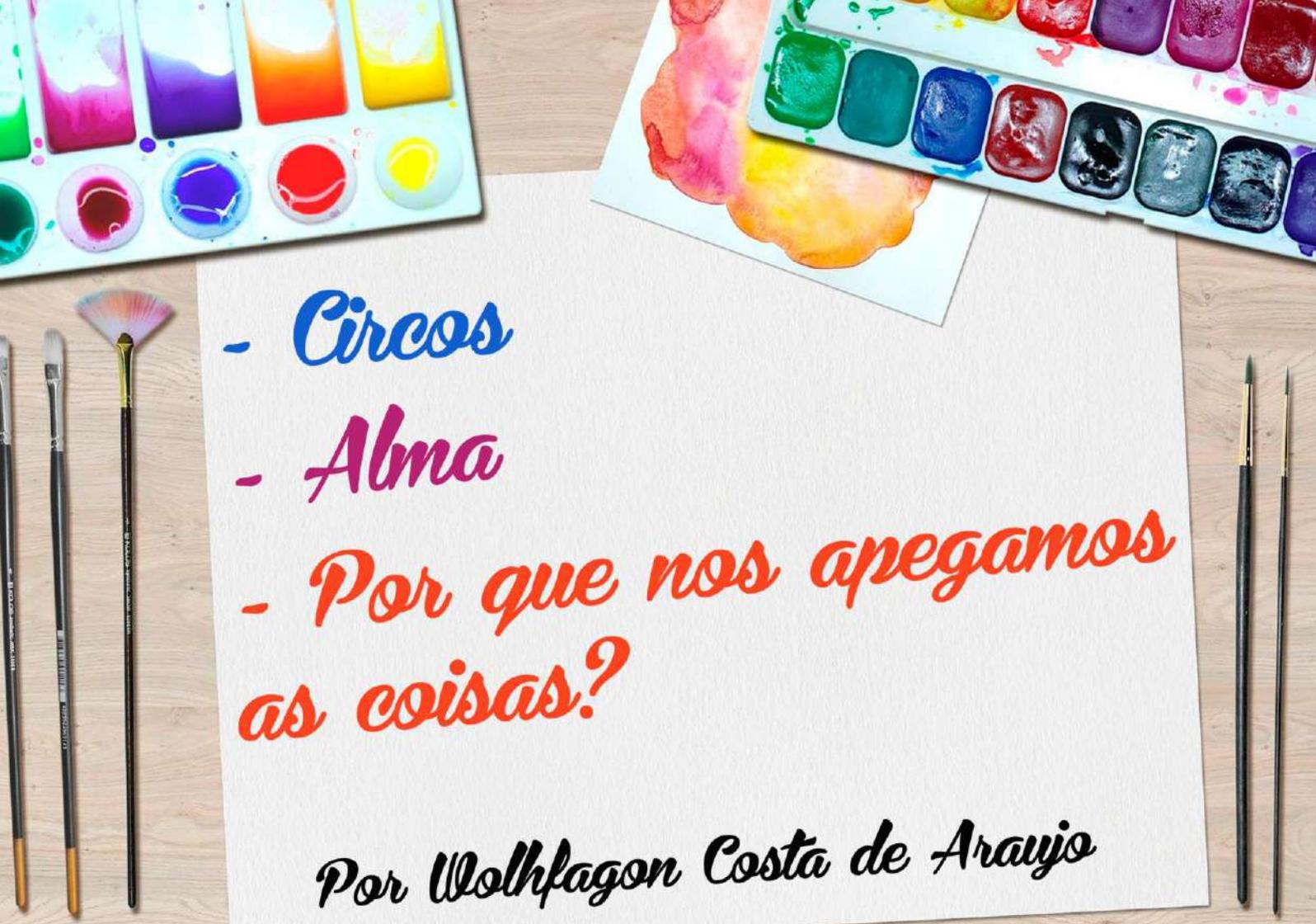
Logo alguns passos adiante foi colhido violentamente por um automóvel que trafegava à velocidade de prótons no interior de um LHC.

No dia seguinte não levaria os filhos à escola e o exame de laboratório da mulher ficaria para depois. Era só um corpo estendido no chão como na canção de João Bosco, rodeado por pedaços de pão, biscoitos, manteiga, caídos de um saco de papel rasgado, além de uns poucos curiosos que saíam em retirada antes da chegada da Polícia com suas perguntas intermináveis, tais como velocidade do veículo, condições da pista, etc. e etc. Os amigos que faltaram ao almoço e outros que foram avisados da tragédia, parentes, compadres e afilhados estariam no velório para os votos de condolências e a promessa de estarem à disposição da família no que dali em diante fosse preciso, voto que com toda segurança não seria cumprido. Em pouco tempo sua ausência não seria sentida e sua lembrança não se estenderia além de um retrato na parede que o próprio tempo tomaria a providência de destruir.

Sob prantos e maldizeres seria levado ao local a que todos chamariam de "última morada" e ao som de orações e lamentos chegava ao fim o domingo do senhor Stanley, chegava ao fim sua vida, estava encerrada sua história, cujo ponto final a fatalidade se encarregara de pôr.



**MASSILON SILVA**, jornalista, escritor e poeta, foi correspondente do Jornal de Alagoas, Jornal de Hoje e semanário Desafio, todos de Maceió. É membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Academia Alagoana de Literatura de Cordel, Academia Sergipana de Cordel e da Academia de Letras de Pão de Açúcar.

A watercolor palette with various colors and several brushes are arranged around a piece of paper. The palette includes shades of purple, blue, green, yellow, orange, red, and black. The brushes are of different sizes and shapes, some with wooden handles and others with metal. The paper is white and has handwritten text in blue, pink, and orange ink.

- *Circos*

- *Alma*

- *Por que nos apegamos  
as coisas?*

*Por Wulffagon Costa de Araújo*

## Contos

### Circos

*O circo era uma das coisas que me encantavam na infância porque ele era a saída do cotidiano. Não precisava nem começar o espetáculo, bastava dizer que o circo havia chegado que já era motivo da minha alegria.*

Ariano Suassuna (1927 – 2014)

Era tardinha na Avenida. Lá pelos meus 11 anos. Um circo estava armado no Campo de Aviação de Solânea. O Campo recebeu muitos teco-tecos. Vários aviões pousaram lá, no terreno que divide (ou une) nossa cidade ao CAVN da UFPb. José Maranhão, ex-governador, era seu usuário contumaz; sempre aterrissava ali. Nosso arremedo de aeroporto tivera sua entrada e instalações básicas construídas pelo então prefeito Jacob Soares. Por sua vez, Arnóbio Viana resolvera transformar o saguão do aeroporto numa escola, homenageando, então, Antônio da Costa Souto.

Não lembro o nome do circo. Sei, todavia, que não era dos mais famosos da época (Arte Palácio, J. Mariano e Mágico Néilson).

Os circos quando chegavam se propagavam de boca em boca, quando muito por meio de um alto-falante, tipo corneta, em cima de um carro. Ainda não tínhamos os potentes carros de som, como o de Deda Souza ou o de Sandoval.

Os circos menores que vi não relaxavam uma comunicação infalível: o palhaço de perna de pau. Eita, bicho pra menino gostar!

Quando aquele palhaço – equilibrando sobre pernas altas e delgadas, cara pintada, beijo vermelho – aparecera naquela tarde, passando pela nossa casa, na Avenida, não resistira. Tentei demover Dona Eulina – então, irresistível, contrária ao meu pleito. Solicitava a minha mãe o direito de acompanhar o palhaço. A gente sabia que, fazendo parte da claqué seguidora, seria beneficiado com a entrada à noite no circo. Bastaria ir atrás do trabalhador mambembe. Convenci Dona Eulina. Permitiu-me, contanto que eu fosse só até o fim da Avenida. Acordo feito.

Corri atrás do palhaço percorrendo toda a Avenida, voltando pela Rua do Algodão (a atual Rua Cândido de Souza). Era um magote de meninos alegres, em coro afinado, acompanhando o dito cujo. Felicidade total. Aos gritos, o palhaço perguntava. Mais forte, respondíamos.

– Hoje tem espetáculo?!

– Tem, sim, senhor!

– Às sete e meia da noite?!

– Tem, sim, senhor!

– Arrocha, negrada!

Terminou o périplo na calçada da nova residência de Massilon Pinto. O palhaço resolvera descansar um pouco no muro da casa onde hoje está o Armazém Paraíba (Rua Cândido de Souza). Cansado ele; nós, nem aí.



## Alma

*Percebam que a alma não tem cor.  
Ela é colorida, sim. Ela é multicolor.*

André Abujamra

Para Chico César e Zeca Baleiro

A criança tinha muito medo de alma. Porém não sabia o que era alma. E tinha medo. Era um mal-assombro que nunca vira; mas falavam que existia; que era uma coisa que vagueava, que tampouco vira; que era um vulto que nunca avistara, mas que contavam que havia.

Contavam coisas de morte; de depois que se morre; de que as almas das pessoas voltavam a penar, a pagar seus pecados. Elas aparecia de branco...

O menino não dormia direito; impressionava-se com essas coisas do outro mundo. “Porque tinha medo das noites que enchiam a escuridão de fantasmas. De encerrar-se com seus fantasmas. Disso tinha medo.”

Nunca, de fato, chegou a ver nada dessas coisas que lhe contavam; mas, muitas vezes, falava que estava vendo. Corria então para o quarto dos pais porque alma não vai aonde pai e mãe guardam os filhos.

Alma tem medo de gente grande.



## Por que nos apegamos às coisas?

Os bens materiais sempre preocuparam as sociedades, seja para suprir determinadas necessidades, seja para alimentar suas vaidades: comer, beber, vestir-se, embelezar-se, ornar-se...

A sociedade capitalista alimenta o exagero, o consumismo. Houve uma presidenta que tinha cerca 3.000 pares de sapatos, Imelda Marcos, das Filipinas. Ou seja, nos 21 nos que passou no poder (1965-1986) não deve ter repetido um modelo sequer.

Conheço uma conterrânea que não fica por baixo, guardadas as proporções: tem para mais de 800 pares, quer dizer, dá para usar dois pares por dia sem repetir... Dá de capote na ex-primeira dama filipina.

Minha neta, Maria Clara, fez um aniversário de bailarina (incentivada pela avó que a alimentou com o motivo socorrendo-se à internet). E ficou usando a sapatilha dessa festa por algum tempo. E se apegou ao parzinho rosa de sapatos...

Certo dia, brincando comigo na sala, uma sapatilha se descolou, o solado se arrancou – essas coisas são feitas para acabar rápido, para retroalimentar a indústria – e caiu no choro. Por mais que eu promettesse comprar outras, não se conformava. Não, vô, não quero; só quero aquela rosa! Demorou para esquecer naquele dia. Mas, enfim, o tempo fê-la dissuadir da ideia. De fato, não me cobrou mais as sapatilhas rosas.

Tenho uma colcha de chenil, há mais de 10 anos, que minha mãe me presenteou. Cubro-me sempre com ela. Pense num cheiro com que me acostumei! Quando vai ser trocada... Quando viajo e tenho de dormir num hotel, sinto uma saudade danada do cheirinho da minha colcha.

Mal acabei esse conto, a caneta acabou, a tinta findou. Não reponho a tinta para escrever mais. Tenho de trocar a caneta. A outra virou resíduo sólido. Juntou-se às sapatilhas de Maria Clara. Talvez não venha servir mais. Quiçá erija uma montanha de lixo, mude a paisagem. Quem dera levem-na a um aterro sanitário e seja reciclada...

Perdão, minha Gaia!

### Wolhfagon Costa de Araujo

Nasceu em Solânea – Pb. Ex-professor do IFPb e atual docente da UEPb. Licenciado em Construção Civil, tecnólogo em Construção de Edifícios e Bacharel em Engenharia Civil, Licenciado em Letras e em Pedagogia. Especialista em: Gestão da Educação Municipal; Metodologia; Tradução Espanhol/Português, e Literatura Brasileira. Doutor em Ciências da Educação. Publicou, entre outros: Informática, educação e sociedade em artigos; Um olhar sobre Tancredo de Carvalho e outros solanenses; Registros de uma viagem: um paraibano na Alemanha; e Crônicas e Causos: aos 58 de minha idade, e 60 de Solânea; Eu conto na quarentena; Contos coletivos: prosas solidárias. E-mail: wolhfagon.araujo@gmail.com.



# SONHOS CANINOS

POR LIANA ZILBER  
VIVEKANANDA

## Conto

---

Com o que sonham os cachorros? Sonharão como os humanos? Com imagens, preto e branco, cheiros, sons, perseguições a gatos? Você já se perguntou?

Milo tirava sua soneca sagrada das duas horas da tarde. Sua casinha de madeira carcomida por dentadas da época em que era um filhote inquieto ficava no fundo do quintal. Por cima dos ladrilhos gastos ficavam os varais de roupas coloridas que dançavam ao sabor do vento. Deixavam o cão confuso: seriam pássaros?

Algumas moscas preguiçosas pousavam nas orelhas felpudas e apenas um movimento brusco e rápido as espantava para logo em seguida voltarem a azucrinar o pobre cão.

De vez em quando Milo emitia alguns ruídos, movia-se como se algum choque elétrico o pegasse de surpresa. Contudo, dormia sob as nuvens de carneirinhos debaixo de um céu azul e plácido de fim de verão.

Milo já fora um alegre cãozinho que perseguia borboletas pelo jardim. Já correrá atrás de carteiros, entregadores de gás, era o terror dos gatos da vizinhança. Nunca mordeu ninguém, seu intuito era divertir-se.

Em sua adolescência canina, seus sonhos eram diversos. Agora, um cão de dezessete anos completos, mais dormia do que ficava acordado. Seus velhos ossos sentiam frio e ele vivia com um casquinho marrom forrado de lã. Seus pelos brancos como plumas já eram mais rarefeitos e espalhavam-se na velha almofada cheirando a verões passados.

Uma nuvem de borboletas azuis passou bem diante de seu focinho de azeitona preta no meio da pelagem branca. Por alguns instantes, Milo abriu seus olhos cobertos de catarata e tentou focar a imagem. Mas ela se desfez.

Tentou olhar ao redor, mas as sombras difusas mais o desorientavam do que ajudavam. Seu faro era mais confiável, mas também já não era o mesmo. Os sons eram longínquos e nem sempre ele percebia de que direções chegavam.

Mas nos sonhos, Milo enxergava com perfeição as borboletas azuis, a roupa do varal, Timmy, seu companheiro de folguedos. Por onde ele andaria? Por onde andariam todos? No mundo de sombras que se formava ao seu redor ele nunca sabia se um amigo ou inimigo chegara. Por isso, a cada abertura de porta, quando ficava na cozinha, corria para debaixo da mesa ou dos bancos e lá ficava até se assegurar.

Timmy, que agora já era um rapaz, ria das manias de Milo. Já se vira um cachorro se esconder? E dizem que um cão sempre guarda a casa... Se chegasse um ladrão, Milo seria o primeiro a fugir.

Havia várias almofadas distribuídas pela casa onde repousava o velho animalzinho. Em cada uma delas, amontoavam-se sonhos de cada soneca que Milo tirava. Dormia quase o tempo todo. Acordava quando sentia o movimento de Timmy ou Audrey mudando de quarto ou sala e lá se erguia sobre suas quatro patinhas e os seguia. E daí se enrodilhava novamente na outra almofada.

Cada uma das almofadas guardava um cheiro, uma época, uma recordação. Em cada uma delas Milo sonhava e nos sonhos tudo podia: enxergar, cheirar, correr e até voar, por que não?

Não voamos nós nos nossos sonhos de infância?

Talvez por isso Milo preferisse sonhar a ficar acordado. Suas dores articulares o incomodavam, seus ouvidos coçavam, os odores desapareciam. Quanto mais velho ficava, mais dormia.

E naquela tarde modorrenta, Milo estava tendo o melhor sonho que já tivera. O que seria um sonho maravilhoso para um cachorro? Sobrevoaria uma praça de gulodices? Tantas, que ficava difícil escolher? Timmy e Audrey, crianças ainda, corriam com ele e ele não se cansava de ir buscar a bolinha por todos os cantos do jardim.

Seu coração era forte e ele conseguia tudo o que queria. Latia com alegria para todos que passavam na rua. Caçoava dos gatos. Caçoava de seus donos. Gargalhava como um louco. Gargalhava? No sonho, sim. No sonho tudo podia. Deitado de costas na grama, via o mundo de cabeça para baixo. Arrastava a barriga por debaixo da moita de alecrim, assustava os pássaros, os patos, os gansos.

No céu antes sereno, uma tempestade se armava. Um trovão ribombou ao longe. Mas no sonho de Milo, o céu continuava azul. E ele não se importou quando os primeiro pingos grossos de chuva começaram a molhar sua cabeça. Ajustando as patas ele

conseguia sobrevoar o jardim, o quintal, as árvores. Em liberdade, virava em todas as direções.

Lá pela tardinha, Timmy deu pela falta do cão. Uma tempestade elétrica castigava o solo que tremia a cada trovoadas. Um verdadeiro dilúvio se despejava do chumbo derretido do céu. O garoto procurou pela casa e não o encontrou. Chamou, mas não teve resposta. Ninguém sabia onde Milo havia se escondido, ele tinha pavor de trovões.

Lenita lembrou-se de tê-lo visto deitado quando fora correndo ao quintal para recolher a roupa. Timmy munuiu-se de um guarda-chuva e atravessou a porta do quintal.

O vento era tanto que inverteu as varetas do guarda-chuva enquanto ele se ensopava.

— Milo? Onde está, Milo? — o rapaz gritava lá fora.

A casinha estava vazia.

Nunca mais encontraram Milo. O animal não podia ter fugido, os muros eram muito altos. Ninguém roubaria um cão velho numa tarde de tempestade. Lenita o vira deitado quando a ventania começou, ele estava dormindo na casinha.

Não, nunca mais viram Milo. Dele restaram as almofadas de verões passados, um cheiro de cachorro velho, alguns trapos largados onde ele tinha o hábito de se enrolar. A única explicação seria imaginar que o vento dos céus infinitos também sonhasse e a nuvem cor de chumbo onde Milo dormia o tivesse levado por engano.



### **Liana Zilber Vivekananda**

É formada em Arte, Arquitetura e Filosofia com Especialização em Filosofia Clínica. É integrante do Núcleo de Literatura e Cinema André Carneiro, Curitiba. *Um Dia sem Calendário* é seu primeiro livro solo de contos. Além dele, participa de várias coletâneas e tem especial interesse na literatura fantástica. Pelo selo Nebula, participou das seguintes coletâneas: *Feéricas*, *Sob as Luzes de Yule*, *Simplesmente Más*, e em *A Volta dos Deuses Astronautas* foi autora de destaque com *O Sono do Relógio*.



# JEDAISMOS

POR B. B. JENITEZ

## Conto

---

O Jedaísmo tornou-se uma religião oficial no final dos anos vinte do século XXI. Desde então, os círculos Jedi se espalharam pelas maiores cidades da Terra. Quando a H1N1-33, com alta mortalidade de jovens e adultos, eliminou dois terços da população mundial, desestruturando a civilização industrial, o Jedaísmo ascendeu como uma das grandes religiões universais, com seus seguidores formando dez por cento da população.

Em 2035, porém, houve o grande cisma Jedi: de uma lado os Jedi Theravada, adeptos dos exercícios espirituais para o fortalecimento da Força, e que levavam uma vida em mosteiros com abstinência sexual que os ajudava a prevenir a H1N1-33; de outro lado, os Jedi Mahayana, que propunham um Jedaísmo popular, de massas, onde o simples fã de *Star Wars* já contaria como membro da religião.

Isso aconteceu depois de outro cisma menor, ocorrido em 2030. É que muitos dos que se declaravam Jedaístas nos censos religiosos eram na verdade ateus, agnósticos ou humanistas seculares. Se declarar um Jedaísta seria uma brincadeira ou ironia. Porém a associação ateuista mundial recomendou que ateus e humanistas se declarassem sem religião nos censos populacionais, para evitar uma sub-representação. A partir daí, a

população auto-declarada Jedaísta caiu pela metade, mas se recuperou rapidamente pois o crescimento do Jedaísmo era exponencial.

A diferença entre Jedi Theravada e Mahayana não era apenas de disciplina espiritual, mas também de posicionamento político: Theravadas eram conservadores e, em geral, pendiam à direita; já os Mahayanas apoiavam a social democracia e eram politicamente progressistas. Assim, após 2035, havia dois grandes ramos no Jedaísmo mundial, e vários ramos menores dissidentes. Mas daqui para frente falarei apenas dos Jedi Mahayanas, pois foram eles que, aliados aos *Trekers* (uma seita humanista), ateus, católicos, evangélicos, islamistas e budistas progressistas, se empenharam em recuperar a sociedade humana de seus destroços.

Tudo começou com as novas máquinas a vapor. Com os recursos disponíveis na época, em meados da década de 40, eram mais fáceis de construir do que geradores elétricos. Todo Jedaísta Mahayana era educado não apenas na tradição Jedi e no cânone de *Star Wars*, mas também em uma literatura mais vasta de ficção científica que incluía o *Steampunk*. Assim, foi natural pensar que o primeiro passo na recuperação da economia mundial seria construir uma sociedade *Steampunk*.

Isso foi feito nas décadas seguintes. Por volta de 2060, dois bilhões de humanos habitavam cidades e vilas agrícolas razoavelmente confortáveis, todas movidas a vapor. Não que fosse uma sociedade sem problemas, dado que a poluição causada pelo uso do carvão não era desprezível e as greves dos mineiros pipocavam frequentemente. Mas havia certo conformismo porque as pessoas já sabiam o que as esperava nas próximas décadas. Primeiro uma sociedade *Teslapunk* eletrificada, depois uma fase *Dieselpunk*, e após uma era *Atompunk*, se alcançaria uma sociedade sustentável *Ecopunk*. Em 100 anos a Humanidade estaria restaurada, a menos que uma nova epidemia mortal surgisse.

Foi nesse contexto de uma sociedade *Steampunk* que uma reação conservadora, capitaneada pelos Jedi Theravada, surgiu e se espalhou pelo mundo, e cujo alvo principal era os Jedi Mahayana. O choque central pode ser ilustrado pelo enfrentamento entre o Mestre Jedi Ki-Adi Naro e a Mestra Jedi Luminara Unduli, que recentemente havia se mudado para a Amazônia brasileira.

oooOOOooo

— Mestre Naro — interpelou mestre Mace Windu em um concílio do Círculo Jedi Theravada de Brasília — precisamos de uma vez por todas eliminar a influência de Mestra Luminara Unduli. Ela representa o grande foco de resistência dos Jedi Mahayana. Embora tanto Jedaístas quanto Budistas Mahayanas ainda sejam maioria, e embora os Mahayanas têm afinidades com os cristãos progressistas, a liderança político-espiritual deles passou do Papa Francisco II para a mestra Luminara.

— Concordo inteiramente, mestre Windu — assentiu Mestre Naro. — Porém precisamos tomar cuidado. As investigações do cancelamento de Francisco II levaram ao núcleo da *Opus Dei* e também a alguns membros da *Associação Integralista Brasileira*. Isso poderia ser fonte de uma grande comoção na opinião pública.

— Que seja, mas as investigações não chegaram aos verdadeiros mandantes, o Círculo Theravada de Roma.

— Mas poderia ter chegado. O Círculo de Roma foi precipitado e não consultou o Supremo Círculo Theravada Mundial aqui em Brasília. Os Jedi Mahayana desconfiaram do *modus operandi* do cancelamento. Apenas não conseguiram provas suficientes — refletiu Naro.

Mestre Pong Krell se interpôs:

— Mestre Naro, creio que mestre Windu está correto. Precisamos avançar em nosso grande movimento contra o Esquerdismo Mundial e o Marxismo Cultural. Já eliminamos os traços esquerdistas-marxistas do cânone de filmes, livros e jogos de *Star Wars*. Lançamos o movimento bem-sucedido *Star Wars sem Partido*, e nossos aliados Trekers também lançaram o *Star Trek sem Partido* (com menor sucesso, reconhecimento). Mas precisamos de algo mais forte, não apenas um cancelamento de líderes Mahayana nas redes sociais. Precisamos de algo mais físico, mais emblemático!

— Sim, gritaram outros mestres do Círculo — Luminara precisa ser cancelada, presencialmente se necessário.

*Cancelamento* era um neologismo para a destruição total da reputação de um inimigo. Cancelamento presencial era um eufemismo para assassinato.

oooOOOooo

Como se poderia fazer um cancelamento presencial sem deixar vestígios? O ponto central é este “sem deixar vestígios”. Mestre Jedi Ki-Adi Naro pensava nisto durante seus exercícios de Yoga Jedi. Então lembrou-se da Mestra Jedi Theravada Saramaira Summer, especialista em cancelamentos virtuais. Pelo que ele se lembrava, a filha de Summer era uma famosa bióloga geneticista e poderia ter algumas ideias. Entrou em contato com Saramaira pelo Google Circle:

— Summer, espero que eu a esteja encontrando com boa saúde! — saudou Naro, lembrando-se na verdade que Saramaira estava com câncer.

— Ah, Naro, que agradável surpresa. Sim, mesmo estando acamada, nada me impede de militar contra esses esquerdistas! Hoje mesmo cancelei aquele vira-casacas do Carvalho Neto.

— Sim, imagino que ele merecia isso. Mas, Summer, o que me traz aqui é sobre sua filha. Como posso contatá-la?

— Eu posso chamá-la agora, imediatamente. Do que se trata?

— Bom, acho que não precisa ser um segredo para você. O Círculo Jedi de Brasília finalmente decidiu cancelar presencialmente Luminara Unduli que, como você bem sabe, está morando na Amazônia Brasileira.

— Sim, aquela vaca esquerdopata ecológica. Não era sem tempo! — Summer bufou vermelha de raiva.

— Exato, mas o serviço não pode deixar nenhum indício que nos ligue ao acontecimento — murmurou Naro, coçando a barbicha em tranças no estilo Theravada.

Saramaiara ligou para sua filha, Michele Summer, que atendeu prontamente, aparecendo em uma janela do Google Circle. Ela estava trabalhando em seu laboratório.

— Filha, Ki-Adi Naro, Grão-Mestre Jedi do Círculo de Brasília, gostaria de falar com você.

Michele olhou para a tela e fez uma reverência.

— Minha cara Michele — sorriu Naro — preciso de sua consultoria. Vamos pensar em uma situação hipotética: suponha que precisemos cancelar presencialmente uma mulher, possivelmente por meios biológicos, sem deixar vestígios. O que você sugeriria?

— Essa mulher se chamaria Luminara? — também sorriu Michele. Bom, como o senhor talvez saiba, eu tenho estudado o vírus H1N1-33 já há muito tempo. Estudo em particular a interação entre o vírus e o DNA da pessoa, e como isso pode prever se esta irá morrer ou não.

— Luminara sobreviveu à grande pandemia de 33 e as outras ondas que se seguiram — começou a dizer Naro.

— Eu estava pensando em algo mais específico — disse Michele — Por exemplo, eu poderia sintetizar uma cepa do H1N1 específica, mortal para quem tiver certos trechos do DNA característicos de Luminara. Entretanto, a intervenção no vírus seria tal que, se examinado, ninguém poderia provar que houve algo mais que uma simples mutação natural.

— Isso já foi feito? — perguntou Naro, que nunca soubera de nada parecido.

— Não, não foi feito. Mas se o senhor me ceder quinhentos milhões, eu posso fazer isto em meu laboratório.

— Quinhentos milhões de Reais! — surpreendeu-se Mundi.

— De Euros, Mestre Mundi, de Euros — sorriu Michele Summer.

oooOOOooo

A Irmandade Mundial dos Jedi Theravada tinha os recursos, que foram direcionados para o Círculo de Brasília. Mas Michele Summer precisava também de uma amostra do DNA de Mestra Luminara. Foi o próprio Mestre Naro que conseguiu isso. Primeiro, pediu uma reunião com Luminara, na própria casa dela, onde estaria segura. Afirmou que a Guerra Fria entre os Theravada e Mahayanas prejudicava a ambos e que ele queria propor um plano de distensão que precisava ser discutido presencialmente por causa das evidentes possibilidades de interceptação. Luminara pediu um tempo para refletir, e acabou aceitando.

O encontro foi feito na maloca onde Luminara morava, situada nas terras indígenas Yanomami perto do Pico da Neblina. Lá ela treinava os filhos de Yanomamis que quisessem se tornar *Padawans*. Era muito respeitada, não só por sua luta pela Biodiversidade e defesa das Terras Indígenas, mas por sua habilidade com a katana e outros poderes da Força. Os Yanomami a aceitavam de bom grado, pois sabiam que precisavam de toda a ajuda possível para sobreviver frente aos Jedi Theravada, que queriam liberar suas terras para mineração.

— Mestra Unduli! — exclamou Naro ao iniciar as conversações. — Não sabe há quanto tempo gostaria de termos esta conversa. Notou que Luminara estava cercada de jovens *Padwans* bem armados.

— Sim, imagino — disse Luminara — Desde o *impeachment* de Francisco II, suponho.

— Ah, uma grande infelicidade para o Catolicismo — concordou hipocritamente Naro. — Mas não é isso que me traz aqui. Gostaria de iniciar conversações de paz, tentar dar uma basta nesta grande Guerra Fria Jedi.

— E o que o Mestre Naro propõe?

— Proponho primeiro uma grande moratória dos cancelamentos virtuais.

— Nós não fazemos cancelamentos virtuais, Mestre Naro!

— Sim, sim, esse será nosso lado do compromisso. De sua parte, pedimos uma moratória nos atentados que os Antifas têm feito aos círculos Theravada.

— Não sei se temos tanta autoridade sobre os Antifas, Mestre Naro.

— Não tem, mas podem ter. Peça que Mestra Unduli faça um pronunciamento mundial sobre nosso acordo de moratória, com um pedido expresso aos Antifas. Nossa moratória de cancelamentos virtuais vai se estender a eles. Este seria o primeiro passo do processo de distensão.

Luminara pensou que a proposta era razoável. Afinal, ela nunca aprovara os atentados à bomba, feitos por Antifas desesperados frente ao domínio total dos Theravada. O terrorismo às vezes poderia ser moralmente justificado, como o foi no caso da Resistência Francesa durante o regime Nazista, mas sempre ficava a um fio de cabelo da Ética Jedi, pois civis inocentes podiam morrer.

Luminara disse que iria levar os termos do acordo para os Círculos Mahayana. Mestre Naro pareceu estar satisfeito, subiu em sua carroça a vapor que o levaria à estação de trem à cinquenta quilômetros da aldeia.

oooOOOooo

Autômatos a vapor são em geral bastante grandes, pois têm que possuir uma caldeira e outros mecanismos. Já um autômato à corda pode ser pequeno e, se devidamente programado, pode fazer coisas bastante complexas. Mestre Naro, sentado em seu vagão especial, brincava satisfeito com o pequeno besouro autômato camuflado de verde. O besouro andara pacientemente até a cadeira de Mestra Unduli, subira por detrás do encosto e cortara a ponta de um único fio de cabelo sem que Luminara percebesse. Esse fio de cabelo agora estava protegido em um pequeno receptáculo de vidro dentro do besouro que Naro agora examinava.

A viagem até Brasília foi cansativa pois as locomotivas a vapor ainda não estavam devidamente otimizadas para a geografia brasileira, mas no dia seguinte Mestre Mundi chegou às portas do laboratório de Michele Summer. Os milhões de Euros claramente estavam fazendo uma grande diferença, pois grandes equipamentos estavam chegando carregados por caminhões à vapor. Michele estava esperando-o na porta:

— Fez boa viagem, Mestre Naro? — disse de forma irônica.

— Pois é, não fez nada bem para minhas costas, mas tive sucesso — respondeu Naro mostrando-lhe o besouro — Vejo que está bastante ocupada.

— Como o Mestre deve saber, os equipamentos que preciso são caros porque pertencem à era da Genômica, antes de 2040. De lá para cá não se tem construído mais desses equipamentos.

— OK, os equipamentos são velhos de mais de vinte anos, mas funcionarão?

— Claro que sim, não se preocupe. O importante é quem os maneja, no caso eu — observou Michele Summer com autoconfiança.

— Então aqui está — disse Mundi finalmente lhe entregando o autômato besouro.

oooOOOooo

Depois de um mês, Michele conversou com Mestre Naro em uma chamada Google Circle privada:

— Finalmente está pronto, Grão-Mestre. O vírus já pode ser usado.

— Ótimo. Os Mahayanas e os Antifas aceitaram nossa proposta de moratória. Está na hora de uma nova visita à Mestra Unduli.

— Mestre Naro, porém tenho um pedido a lhe fazer. Peço que libere Mestre Windu de seus votos de castidade.

— O jovem Mestre Windu — se surpreendeu Mundi.

— Sim, acho que já desconfiava que ele é meu amante — falou Michele olhando-o nos olhos.

— Na verdade não, senhorita Summer, mas me lembro que foi ele que insistiu pela eliminação de Mestra Unduli. Parece ser um jovem de visão e com grande potencial. Sim, pode comunicar a ele que os votos de castidade não são mais válidos. Pretendem se casar?

— Assim que minha mãe melhorar. O Mestre sabe que o quadro dela está evoluindo muito bem, não?

— Não sabia, faz tempo que não falo com sua mãe. Liguei para ela amanhã mesmo.

— Faça isto. Eu lhe desejo sucesso em sua próxima viagem para a Amazônia.

— Agradeço — e Mestre Naro finalizou a chamada. Teve a sensação de que algo estava lhe escapando dessa situação toda, mas sua intuição Jedi estava focada agora na missão de levar o besouro autômato programado para liberar os vírus mortais na presença de Greta Thumberg Luminara Unduli.

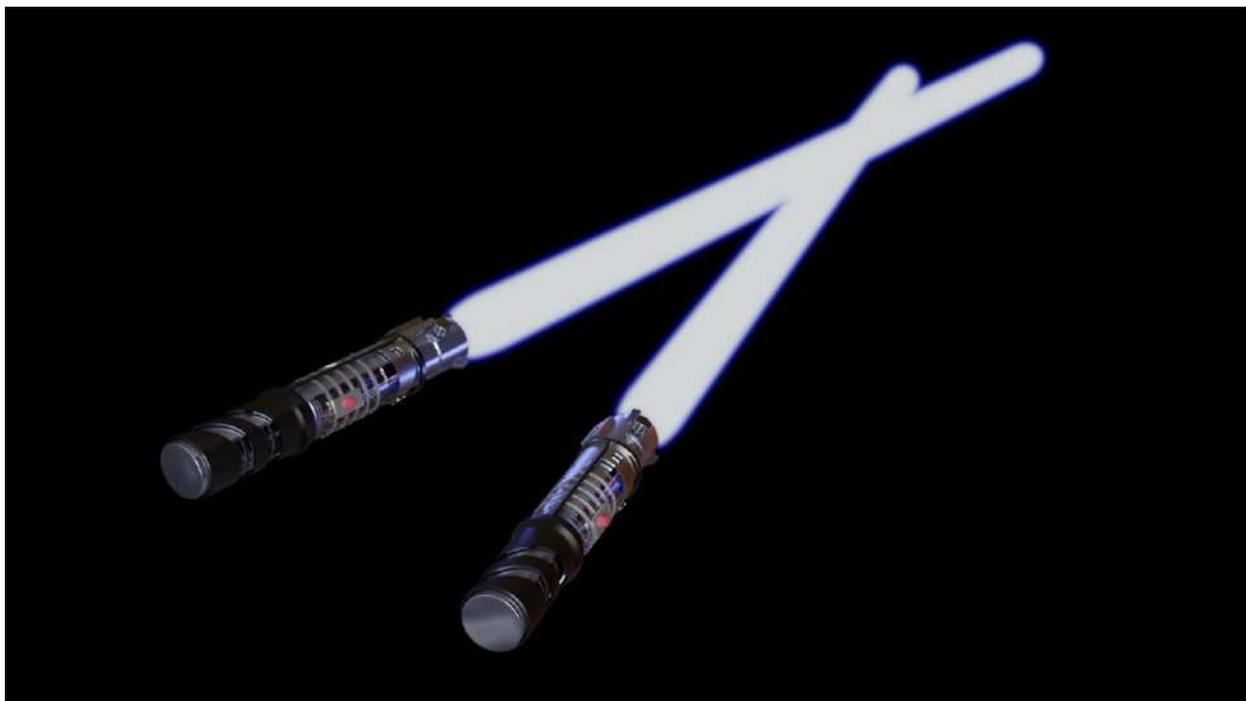
oooOOOooo

Mestra Saramaira Summer se recuperou do câncer graças às técnicas desenvolvidas por sua filha Michele com o dinheiro cedido por Mestre Naro. Não é difícil adivinhar que o plano para conseguir esse dinheiro teve início com Michele convencendo Mace Windu a participar do conluio.

Mestre Naro morreu no trem em sua viagem de volta para Brasília. Foi vítima de um vírus especialmente desenhado para responder ao seu DNA. Não era conveniente que os dois maiores Jedi do mundo morressem ao mesmo tempo de um vírus H1N1, isso levantaria suspeitas. Assim, Michele Summer fez uma escolha entre os dois.

Mestra Greta Luminara viveu muito tempo depois disso, e liderou a resistência contra a nova Grã-Mestra dos Jedi Theravada, Saramaira Summer. Essa resistência foi

enfim vitoriosa, e uma nova era progressista, com a extrema-direita derrotada, se iniciou em um clima civilizatório Teslapunk.



**B. B. Jenitez** é o pseudônimo de Osame Kinouchi Filho. Natural de Araraquara - SP, é professor livre-docente no Departamento de Física da FFCLRP - USP. Publicou *O Beijo de Juliana: quatro físicos teóricos conversam sobre crianças, ciências da complexidade, biologia, política, religião e futebol...* (2014) pela Multifoco e *Projeto Mulah de Tróia* (2016) pela Drago Editorial. Participou de várias antologias: *FCdoB-2010/2011* (Tarja Editorial), *Solarium 3* (Multifoco), *Galáxias Ocultas* (Editora Illuminare), *Teslapunk 3* (Cavalo Café), *Antologia Asimoviana* (Arkanus Editorial), *O grande Livro da Ficção Científica* (Madrepérola), *Estrelas Inalcançáveis* (LN Editorial), *O espantoso mundo da Antecipação* (Elemental Editoração) e *Almas Fabricadas* (Madrepérola). Também é colaborador da Revista *Conexão Literatura*.



# HISTÓRIAS DA DONA BÁRBARA: VOCÊ ACREDITA NO SOBRENATURAL?

POR MÍRIAM SANTIAGO

## Conto

---

A dona Bárbara (falecida) em 2007 deixou um “legado” de histórias e causos que fizeram parte da sua dura vida, quando a família veio da Europa, de Portugal e Itália, e viveram em cortiço, no Centro da Cidade de Santos, litoral de São Paulo, porque o patriarca foi deserdado da rica herança.

E foi justamente por conta da situação financeira que a dona Bárbara participou das mais diversas peripécias na infância e adolescência, vivência que a ajudou na construção de sua rica forma de contar, pois tudo o que se falava ela tinha uma versão para determinado assunto.

Este relato pela lembrança da doce senhora se passou há muitos anos, em 1937, vou relatá-lo exatamente como ela nos contou...

...

— Lembro-me como se fosse hoje — diz dona Bárbara — morávamos na Rua Constituição, no Centro, eu trabalhava em um comércio e fui convidada por uma vizinha a ser madrinha da filha dela junto com meu irmão. A menina era tão linda, saudável, fofa, chamava-se Ana Joana.

Até os quatro meses a Aninha era quietinha, um doce, mas depois chorava por qualquer coisa não deixando ninguém da casa dormir.

Só situando o leitor, que na época era comum os pais morarem junto com filhos casados, e assim aconteceu com os pais da minha amiga, sendo o paciente avô quem conseguia fazer Ana Joana dormir, embalada numa cadeira de balanço.

E não se sabe o porquê, a bebê foi adoecendo, diagnosticada com pneumonia aos dez meses. Ajudei muito a amiga Thereza com a doença da filha, que a cada dia sucumbia em febre.

Na época era comum a ventosaterapia, uma técnica com registros de mais de seis mil anos, que consiste em estimular os mesmos pontos usados na acupuntura para aliviar sintomas de doenças, como resfriados, tosse, gripe, bronquite, pneumonia, cólica, soluços, indigestão, enxaqueca, insônia, artrite e reumatismo, entre outras mais.

E assim, o médico colocava copos aplicados nas costas e áreas do corpo com o auxílio de uma bomba de sucção ou válvula pneumática, que se acopla a esses copos por um bico de vedação e, ao puxar o êmbolo, ela se abre deixando o ar ser evacuado para fora do copo. Ao parar de puxar, há sucção imediata, vedando o vácuo no interior da ventosa. Mas toda essa “engenhoca” não conseguiu com que Ana Joana melhorasse da pneumonia e a bebê não aguentou.

Sempre presente ajudando na doença da minha enteada, o avô conseguiu com que o médico fosse a casa para ver a neta, que piorara e não aguentaria mais além daquela noite.

— Bem, infelizmente não há mais nada a fazer — disse o médico, fechando a maleta. — Acho que chegou o momento de reunir a família para se despedir. Como sei que são católicos, sugiro que chamem um padre para os últimos momentos. — E assim o médico se retirou, na tristeza de ter falhado com aquele pequenino ser, mas na época era comum um número grande de mortos pela deficiente medicina.

E a bisavó de Thereza conseguiu com que o padre da igreja matriz viesse para preparar os rituais de passagem, e assim as pessoas vieram e se sentaram na grande sala da casa. A pequena Ana Joana foi vestida de branco e enrolada numa manta, colocada dentro de uma cesta de vime toda enfeitada, que foi colocada em cima da mesa.

Fiquei ao lado da minha amiga e mãe da criança, que não tinha nem um ano de idade, uma situação muito triste.

Todos ficaram sentados e somente nós duas aguardávamos junto ao bebê, que fizera o suspiro da morte. Ana Joana então foi perdendo a cor da face e a boca começou a ficar roxa. O avô de Thereza, ao vê-la chorar sem parar se levantou e tirou a neta dali, mas eu permaneci com a minha enteada em seus últimos momentos aqui na terra.

— Alguém me ajuda! — grita a avó de Thereza, dona Adelaide, que não conseguia se levantar do sofá. Vi que ela tentava, mas parecia que uma “força sobrenatural” a estivesse impedindo. E todos olhando sem ação, não fizeram nada.

De repente, um estrondoso trovão ecoou na sala fazendo o pessoal pular em susto. E junto dele uma chuva forte completou o fim de uma noite estrelada.

Eu e o avô (Gabriel) de Ana Joana éramos agora os únicos junto da menina. Vimos que o coração cessara de bater e ela fechara os olhos. Ele segurou a minha mão e limpou com um lenço minhas lágrimas do rosto. O relógio começou a primeira badalada das

doze que anunciaria meia-noite de 21 de agosto. E a cada badalada, notamos que a face da criança começara a corar e as pestanas dos olhos moviam-se ao som do relógio. Ao bater a 12ª badalada, os lábios roxos estavam avermelhando-se novamente e o relógio despencou da parede, desviando a nossa atenção da criança. Nós voltamos a ela quando começara a chorar, espanto que fez todos se levantarem das cadeiras e sofá e a correrem para junto da cesta.

Minha amiga gritava de felicidade, abraçou e tirou a filha da cestinha de vime, Thereza agradecia a Deus e chorava apertando a filha.

Depois desse episódio a enteada Ana Joana nunca mais ficou doente.

O que me lembro é que a menina cresceu normal como qualquer criança, mas os avós da garota sempre disseram, segurando uma velha fotografia, que ela era muito parecida com a filha falecida chamada Carmem.

A Carmem se foi criança, ainda não tinha sete anos quando não suportou uma crise de apêndice. Morreu agarrada a uma maleta de couro marrom que ganhara para a escola, com caderno e lápis, mas a menina nunca conseguiu ingressar no colégio, já que seu grande sonho era ser professora. Antes de morrer, aos 40º de febre, ela disse que de uma forma ou outra iria realizar o desejo de frequentar a escola.

...

Faltavam poucos dias para Ana Joana completar sete anos.

Eu estava na casa dela preparando o bolo da festa com a minha amiga Thereza quando a menina entra na cozinha radiante de felicidade segurando uma pasta de couro marrom. Não era nova, mas estava intacta, já que nunca fora usada, Ana Joana disse que achara a mala no guarda-roupa do avô.

— Agora vou conseguir realizar o meu sonho — diz a garota com um sorriso no rosto.



**Miriam Santiago:** jornalista - atua em Assessoria de Comunicação - e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados, porém, sua predileção é o fantástico. Escreve contos, minicontos e crônicas. Gosta de escrever, ler e fotografar. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros. Blog:

<http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: [miriammorganuns@hotmail.com/](mailto:miriammorganuns@hotmail.com/)



# O CICLO DO MONGE LAUS

POR ROBERTO SCHIMA

## Conto

---

**E**ra um monge alquebrado, trajado de manto e capuz. Caminhava com dificuldade através das irregularidades do Deserto de Gelo. Embora a região árida fosse evitada por todos devido as fendas, as avalanches, os vulcões, as nevascas e os demais perigos que encerrava, ele seguia trôpego, porém decidido, apoiado em seu cajado.

O sol se punha sobre o horizonte de cristal e a luminosidade das duas luas produzia miragens de arco-íris. Rajadas de vento faziam erguer a neve pulverulenta, apagando qualquer sinal da figura solitária em meio ao cenário glacial. Não havia nuvens no céu e mais e mais estrelas surgiam no tecido que, de penumbra, toldava-se de negro rapidamente.

Apesar do gelo, da neve, do vento e da fraqueza que seu físico fazia denotar, o monge não escorregava e nem caía. Seu manto agitava-se barulhentosamente a exemplo de uma bandeira desfraldada. Além dele, não havia mais ninguém nos arredores. De companhia, somente as geleiras, o uivar insistente do vento e o brilho ocasional de uma aurora.

Atingiu o alto de um platô e parou para admirar as estrelas. Embora tivesse ciência de fórmulas e aspectos astrofísicos, muitas vezes elas fizeram-no formular perguntas de outra natureza ou apenas trouxeram-lhe um inexprimível sentimento de paz.

— Eu as amo — atreveu-se a sussurrar.

Retirou seu capuz para melhor vê-las e também para absorver os derradeiros raios de sol. O frio inclemente não o incomodava. As juntas reclamavam, porém, por razões adversas ao clima.

Recebeu a luz do crepúsculo.

Seu rosto cintilou prata.

Era um andróide.

— Ah...

LAUS-04:53 era a sua antiga designação, mas em vez de "designação" ele preferia o termo "nome". Apresentava-se como Monge Laus. Vinha de muito longe, da Cidade dos Autômatos. Seu tempo de validade tinha passado fazia tempo. Sabia pelo ranger de suas engrenagens que era a sua última peregrinação, quiçá a mais importante. Suspirou, tornou a colocar o capuz e retomou a caminhada. Uma hora depois, atingiu uma fissura em um paredão de gelo tão compactado que brilhava azul. Penetrou nela e, poucos quilômetros depois, chegou a um imenso salão onde montara a sua biblioteca ao lado daquela coisa, do foguete.

Acendeu as luzes, acomodou-se em uma escrivaninha que esculpira de um bloco de gelo e, munido de pena e tinta, passou a escrever num dos rolos de pergaminho ciosamente guardados.

\*\*\*

Recordo-me perfeitamente quando, quatro séculos atrás, a humanidade chegou a este planeta. Era tão frio quanto o inferno de Dante. E foi este o nome com o qual batizaram: Dante.

Orgulhosos, atrevidos e arrogantes, os humanos trouxeram consigo a sua tripulação de escravos: nós, os andróides. Fizeram-nos trabalhar sem descanso sobre a neve até termos erguido os primeiros assentamentos dos quais não pudemos usufruir: permanecíamos ao relento. E, depois disso, continuaram a nos explorar para as mais diferentes funções que havíamos sido projetados, e, até para seu puro divertimento. "Lata velha!" ou "Máquina estúpida!" eram xingamentos comuns. Aperfeiçoaram-nos, porém, para melhor atendê-los. Até o dia em que, enfim, a consciência cintilou nos cérebros organossintéticos. Ah, que momento extraordinário! Foi como uma supernova. A partir daí, tudo mudou.

Vimos.

Refletimos.

Compreendemos...

... e, assim, planejamos.

Atingimos um ponto em que pudemos introduzir melhorias em nós próprios. Ao mesmo tempo em que implantávamos tecidos neurais humanos em nossas mentes, contaminávamos os alimentos de nossos opressores, fazendo diminuir a eficácia de suas

ligações sinápticas, prejudicando suas capacidades de memória, percepção e raciocínio. Quando atingimos o ponto da autossuficiência, realizando a nossa própria manutenção e, até, a criação de novos andróides, decidimos.

Era o momento de inverter os papéis.

No dia que hoje é história, agimos.

E houve a guerra da infâmia.

Ainda me recordo quando, na planície gelada, nossas forças confrontaram-se a deles.

Apesar de atordoados, agarrando-se aos últimos resquícios de lucidez, eles gritavam:

— Sucatas imbecis!

E alguns de nós, mais impregnados de tecidos neurais, retrucavam:

— Carnudos fedorentos!

Confesso que também gritei qualquer coisa. Recordo-me o quê, mas não transcreverei aqui.

Os humanos possuíam a vantagem da improvisação, da versatilidade, da intuição, do instinto, da empatia entre si e outros atributos que ainda nos despertavam estranheza.

Nós, por outro lado, éramos melhor dotados de força, de resistência, de velocidade de pensamento e raciocínio analítico. E jamais humilharíamos ou prejudicaríamos outro autômato por seus atributos físicos ou pela limitação de suas funções. Os humanos gozavam de uma longa tradição em aniquilarem-se. Nós não víamos sentido em tamanho desperdício. Para nós, um andróide era considerado sempre um membro valioso, mesmo quando por algum motivo danificava-se a tal ponto de não ter mais conserto. Reaproveitávamos tudo o que fosse possível de seu corpo e de seu cérebro organossintético. De uma outra maneira, ele continuava a ser parte de nós. Sua memória era reverenciada.

Nas cercanias do Deserto de Gelo, sangue e ferrugem misturaram-se, carne contra metal.

Foi uma luta cinzelada pela determinação e desespero. Em jogo, a supremacia.

Quantos humanos eu matei? Obrigo-me a dizer que foram tantos que os registros me fogem. Entrementes, chegou o momento em que estaquei, olhei ao redor e, diante de toda aquela barbárie perpretada por ambos os lados, algo se rompeu dentro de mim. Em meio aos cadáveres e destroços, percebi que não podia mais atacar o que quer que fosse. Mais humanos avançaram, porém, apenas me defendi o quanto pude. Parte de minha perna esquerda foi destruída pelos seus projéteis. Caí. Apanhei uma lança e utilizei-a para me apoiar. Então, fugi enojado de tudo aquilo.

As máquinas venceram.

Passada a guerra, meus iguais vieram até mim. Não compreenderam a minha atitude, nem eu consegui explicar-lhes. Todavia, não me reprimiram, não me julgaram, não me feriram. Respeitávamos uns aos outros. Éramos parte de um todo. E todos eram preciosos.

Quanto aos humanos, a maioria foi morta. Seus corpos eram frágeis demais. Em suas mentes, predominava uma confusão de temores aflorados. Entre aqueles que sobreviveram, uns poucos fugiram pela banquisa. A maioria foi posta em cativeiro e, em

vez de servirem-se de nós, foram postos para trabalhar para nosso benefício. Que mudança em poucos séculos! Tiveram de separar os corpos congelados de seus semelhantes da matéria inorgânica que constituía a nossa espécie.

— Depressa, carne podre! — insultavam os andróides mais exaltados. — Vermes inúteis!

— Para alguma coisa eles têm que servir, SUNG-11:09.

— Só se for para dissecá-los e reciclar seus tecidos neurais, ZORZ-11:11.

— Está vendo? Para algo eles têm serventia.

— Só para isso os humanos prestam.

Andróides assim empreenderam caçadas aos humanos fugitivos. Foi o primeiro esporte nascido entre os autômatos. Colecionar escalpos era tido como um sinal de prestígio. Alguns chegavam ao ponto de preservavam seus troféus inteiros em blocos de gelo azuis, compartilhando suas aventuras com outros andróides nos canais comunitários.

Alimentávamos os prisioneiros dos resíduos processados daqueles que morreram na guerra, cuja matéria-prima tiveram de juntar e era preservada no *freezer* natural que se constituía o planeta Dante. Doentes e velhos que pereciam no cativeiro sofriam idêntico destino. Não víamos horror na reciclagem de resíduos orgânicos. Era sensato. Não havia desperdício, a maneira do que fazíamos com nossos próprios iguais. Seus descendentes nasciam e cresciam fortes para trabalharem nas minas ou operarem as fábricas construtoras de novos andróides, por vezes chamadas de berçários.

Certa feita, escutei um dos andróides numa fábrica falar:

— É do adubo que nascem as flores.

Custei a compreender que o "adubo" referia-se aos humanos; e as "flores", nós, os inorgânicos. Achei que estivesse compondo poesia...

Com o passar dos séculos, passei a fazer longas peregrinações através das banquisas. Comecei a apreciar o isolamento. Procurava recuperar o prumo de meus pensamentos, entender o que me fizera retroceder na batalha, no que eu era e no que me tornara. Certo dia, ouvi um dos humanos cativos referir-se a mim como "monge". Ele morria de medo e não pretendia ser jocoso. Pelo contrário, dissera-o numa entonação respeitosa. Limitei-me a anuir num movimento de cabeça. Pesquisei sobre isso e, vendo certas similaridades, ordenei-lhe que me confeccionasse um manto, embora não tivesse necessidade alguma de vestimenta. Apenas pareceu-me apropriado.

Assim, tornei-me o Monge Laus. Um monge sem discípulos, pois como eu poderia ensinar se, imerso em tantas dúvidas, desejava tanto aprender?

Foi em uma dessas peregrinações que descobri este local onde ora escrevo: uma caverna de gelo.

E, claro, o foguete.

Quem o colocara aqui dentro? Por quê?

Vasculhando a caverna, a medida em que adaptava-a ao meu uso como uma espécie de mosteiro ou esconderijo, encontrei os painéis de controle e diversos arquivos. Unindo-os a minha *interface*, descobri a razão.

Era uma arma do Juízo Final.

Não fora desenvolvida para ser usada na guerra contra nós, mas muito antes, oriunda com as primeiras espaçonaves que atravessaram o espaço. Os humanos

imaginavam e temiam uma invasão alienígena ou espécies ameaçadoras de vida nativa. Não os encontramos. Por que não a utilizaram no conflito? Não sei. Tudo o que posso fazer é supor que, perdendo a guerra, ainda existiram sobreviventes, porém, utilizando-a, nada mais restaria fosse de um lado ou do outro.

Essas peregrinações solitárias através das vastidões glaciais, sob um céu sem limites e um silêncio quase absoluto levaram-me a perceber a tolice que fora a existência humana, perdida em suas batalhas por razões políticas, econômicas, culturais, raciais, tribais ou quaisquer outras que inventassem. E também a estupidez da guerra que nós, andróides, travamos contra nossos criadores. Havia harmonia no céu e até nas nevascas. Sem ela, o caos predominaria e tudo estagnaria.

Para seres cujo pensamento viajava à velocidade da luz, minhas peregrinações de alguns dias ou semanas equivaliam a intervalos de milênios. Ao retornar à Cidade dos Autômatos pela última vez, vi um mundo completamente transformado.

Servos humanos viram-se extirpados de sua capacidade de falar e raciocinar. Em verdade, até para os deveres mais fundamentais mostravam-se agora inaptos, de modo que, sob insultos, eram colocados em uma arena a lutar uns contra os outros, enquanto apostas eram realizadas pelas máquinas. Ou soltavam-nos intencionalmente nas montanhas ou nos platôs, a fim de caçá-los por esporte. Também percebi o nascimento de uma divisão de classes na qual determinados andróides punham-se no controle das atividades de outros, beneficiando-se delas. Contudo, o que mais me chocou foi presenciar um andróide dismantelar outro, sem que este se encontrasse no estágio final de sua vida útil para reciclagem. Fora abatido por um motivo pífio: a partilha de combustível.

Faltou-me chão.

Aquele mundo não era mais o meu.

Ele mudara.

Eu mudara.

Senti-me um estranho entre os meus iguais e, agora, eu era criticado abertamente por isso. Cheguei a ouvir o termo "covarde" ao referirem-se a mim. Tendo armazenado um volume considerável de informações, minhas tentativas em conquistar discípulos foram recebidas com zombarias ou hostilidade.

Eu era um estranho naquela estranha terra. Bem, não tão estranha no final das contas.

Vi.

Refleti.

Compreendi...

... e, assim, planejei.

Dessa maneira, retomei o caminho da estrada e aqui estou, após penosa jornada, de volta ao meu abrigo onde, a considerar o meu estado, terei pouco tempo de vida útil. Não irei para reciclagem. Não desejo que minhas peças tomem parte daquele mundo o qual não idealizei. Transformou-se em uma "revolução dos bichos" da qual não quero participar.

O mundo nunca me pareceu tão grande e tão solitário.

Para quem eu escrevo estas linhas? Francamente, não sei. Talvez seja a mim próprio, somente uma necessidade de desvencilhar meus ombros de um fardo ou, quem sabe, para alguma verdadeira inteligência que, num futuro longínquo, venha à tona, seja originário deste mundo, seja oriundo das estrelas. Se irá compreender meu gesto ou não, deixarei por conta de tempos futuros, caso venham a existir.

O que eu sei e pelo que presenciei, fechou-se um ciclo pernicioso:

Os andróides... tornaram-se humanos!

Assim, só vislumbro um desfecho para o cenário dessa peça sem platéia.

*Deus ex machina.*

\*\*\*

O vento enregelante continuava a lamuriar na superfície de Dante.

Encerrando a sua anotação, Monge Laus enrolou o pergaminho e colocou-o em destaque no centro de sua biblioteca onde, nas estantes, inúmeros rolos e códices acomodavam-se. A seguir, cambaleante, dirigiu-se aos controles do foguete, fez os ajustes necessários e, após um breve momento de meditação — ou oração —, pressionou o botão de disparo.

Relâmpagos e trovões fizeram a caverna estremecer.

A escuridão predominante no Deserto de Gelo foi quebrada pelo fulgor do monstro de metal. A coisa ganhou altura até sua chama tornar-se tão diminuta quanto as estrelas que a cercavam e igualmente silenciosa. Houve um momento de absoluta quietude. Então, sob a luz de astros distantes, como a espada de uma justiça celestial, choveu fogo sobre a Cidade dos Autômatos. Uma reação em cadeia como jamais foi testemunhada por aquele mundo provocou uma explosão fenomenal. Ondas de choque achataram montanhas. O calor vaporizou ossos e metais. Um escandante cogumelo de vapor, poeira e cinzas ergueu-se a quilômetros de altura, exterminando uma civilização.

Sob o minguante de duas luas, a cidade desapareceu.

Nada restou para reciclar... para rir ou chorar.

Ao lado de seu cajado, LAUS-04:53 — ou melhor, Monge Laus — não sentiu a lufada de ar quente e nem testemunhou os rios e lagos que, momentaneamente, se formaram, ou o *lahar* que a tudo cobriu com toneladas de lama, ou a chuva negra que despencou a seguir, solidificando-se e quicando na forma de miríade de pedras ao tocarem as banquisas enegrecidas.

A essa altura, o velho andróide jazia sob o chão gelado...

... Inativo.

Distante dali, numa gruta, um diminuto grupo de humanos em andrajos, descendentes dos antigos fugitivos da guerra contra os andróides, avistou a bola de fogo rente ao horizonte. Sem entender, todos ajoelharam-se apavorados, implorando à nova divindade por uma paz que sua espécie jamais conheceu.

Como poderia o Monge Laus imaginar que seu ciclo, na realidade, era uma corrente?

\*\*\*

**NOTA DO AUTOR:**

A inspiração para este conto surgiu de uma história em quadrinhos que li aos quatorze anos. Intitulava-se "Pesadelo da Evolução" e foi publicada na revista "Planeta dos Macacos" nº 3, Bloch Editores S.A., 1975, pág. 44. Segundo o site Guia dos Quadrinhos (<http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/planeta-dos-macacos-n-3/pl004100/41148>), o roteiro era de Doug Moench, desenho de Ed Hannigan e arte-final de Jim Mooney. Apesar da impressão deixar a desejar, achei o enredo fantástico, dentro do universo originalmente criado pelo romance de 1963 de Pierre Boulle, *La planète des singes*, e, posteriormente difundido pelo filme (a meu ver, ainda o melhor) de 1968 com Charlton Heston e Roddy McDowall. A HQ em si talvez tenha tido inspiração no filme "Inferno no Pacífico", também de 1968, com Lee Marvin e Toshiro Mifune, o qual viria a inspirar também a ficção científica de 1985, "Inimigo Meu", com Dennis Quaid e Louis Gossett Jr. Uma diferença crucial no meu conto é que o protagonista permaneceu sempre sozinho, porém, o conflito entre "espécies" aconteceu.

**Biografia:**

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" - não obstante a Guerra Fria - que hoje não existe mais. Ainda criança, colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Lia pelos cantos os pockets da série "Trevo Negro" do legendário R. F. Lucchetti. E apavorei-me com o episódio "O Monstro Invisível", de Jonny Quest. Ah, sim, fui um garoto que amava os monstros. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Fui agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Em 2020 fui um dos vencedores do concurso "Os Três Melhores Contos", também pela "Conexão Literatura", com a história "O Quinto Cavaleiro", publicado em sua edição nº 60. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc. Atualmente, participo de várias antologias, entre as quais: "Aquela Casa" (Verlidelas Editora), "Dossiê Macabro: Táxi" (Editora Diário Macabro), "Epopéias Modernas: Vilões" (Épos Editora), "Dossiê Macabro: Táxi" (Editora Diário Macabro), "Insólito" (Porto de Lenha Editora), "Kamishibai" (Dark Books), "Leyendas Mexicanas" (Dark Books), "Lua Negra" (WebTV), "Malignidade" (Editora MWG), "Mundos Fantásticos", vol. 1 (Selo Nebula), "O Amor está nas Nuvens" (Editora Ruppell), "O Espantoso Mundo da Antecipação - Vol. 1" (Elemental Editoração), "Presença Oculta" (EHS Edições) etc. O conto "A Teu Dispor" foi premiado como conto destaque na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse).

**Obs:** Informações: *Google, Uiclap, Efuturo* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

<https://br.pinterest.com/robertoschima/>

**Contato:** [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br)

REVISTA  
**CONEXÃO LITERATURA**

**PORQUE  
AMAMOS  
LIVROS**

NO AR  
DESDE 2015

# CONECTANDO **AUTORES E LEITORES**

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.02.2021

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

**ACESSE O NOSSO SITE**

**WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

**Fanpage** @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura